MARIO DE ANDRADE

Macunaíma

o heroi sem nenhum caracter

S. PAULO — 1928

MARIO DE ANDRADE

Macunaíma

o heroi sem nenhum caracter

São Paulo
1928

DO AUTOR:

Ha uma Gota de Sangue em cada Poema — 1917 — (poesia)

Paulicea Desvairada — 1922 — (poesia)

A Escrava que não é Isaura — 1925 — (tecnica)

Losango Cáqui — 1926 — (lirismo)

Primeiro Andar — 1926 — (contos)

Amar, Verbo Intranzitivo — 1927 — (idilio)

Clan do Jabotí — 1927 — (poesia)

Macunaíma — 1928 — (história)

EM PREPARO:

Ensaio sobre a Música Brasileira

Compêndio de História da Música

Gramatiquinha da Fala Brasileira

João Bobo — (história)

Belazarte — (contos)

A

Paulo Prado

I

MACUNAÍMA

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma heroi da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera que a india tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca trepado no girau de paxiúba espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na fôrça do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro Macunaíma dandava pra ganhar vintem. E tambem espertava quando a familia ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos guaiamuns diz que habitando a agua-doce por lá.

No mocambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porêm respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúa a poracê o torê a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribu.

Quando era pra dormir trepava no macurú pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãi estava por debaixo do berço o heroi mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia falando palavras-feias imoralidades estrambolicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto era sempre as peraltagens do heroi. As mulheres se riam, muito simpatisadas falando que "espinho que pinica, de pequeno já traz ponta" e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que Macunaíma era muito inteligente.

Nem bem teve seis anos deram agua num chocalho pra êle e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu prá mãi que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse êle passear no mato. A mãi não quis porquê não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. No outro dia esperou com o ôlho esquerdo dormindo que a mãi principiasse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse êle no mato passear. A mãi não quis por-

quê não podia largar o paneiro não. E pediu prá nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando ressabiada porêm desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguem. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. A agua parara pra inventar um ponteio de gôso nas folhas do javarí. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na praia porêm êle principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato. A moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas e trapoerabas da serrapilheira êle botou corpo num atimo e ficou um principe lindo. Andaram por lá muito.

Quando voltaram prá maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela... Nem bem deitou Macunaíma na rede Jiguê já chegava de pescar de puçá e a companheira não trabalhara nada. Jiguê enquisilou e depois de catar os carrapatos deu nela muito. Sofará aguentou a sova sem falar um isto.

Jiguê não desconfiou de nada e começou trançando corda com fibra de curauá. Não vê que encontrara rasto fresco de anta e queria pegar o bicho na armadilha. Macunaíma pediu um pedaço de curauá pro mano porêm Jiguê falou que aquilo não

era brinquedo de criança. Macunaíma principiou chorando outra vez e a noite ficou bem dificil de passar pra todos.

No outro dia Jiguê levantou cedo pra fazer armadilha e enxergando o menino tristinho falou:

— Bom-dia, coraçãozinho dos outros.

Porêm Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

— Não quer falar comigo, é?

— Estou de mal.

— Por causa?

Então Macunaíma pediu fibra de curauá. Jiguê olhou pra êle com odio e mandou a companheira arranjar fio pro menino. A moça fez. Macunaíma agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra êle e assoprasse bem nela fumaça de petum.

Quando tudo estava pronto Macunaíma pediu prá mãi que deixasse o cachirí fermentando e levasse êle no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jiguê mui sonsa falou prá sogra que "estava ás ordens". E foi no mato com o piá nas costas.

Quando o botou nos carurús e sororocas da serrapilheira o pequeno foi crescendo foi crescendo e virou principe. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincarem e foi no bebedouro da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava tambem de prender a armadilha no rasto da anta. A

companheira não trabalhara nada. Jiguê ficou fulo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito. Mas Sofará aguentou a coça com paciencia.

No outro dia a arraiada inda estava acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um bué medonho, que fossem! que fossem no bebedouro buscar a bicha que êle caçara!... Porêm ninguem não acreditou e todos principiaram o trabalho do dia.

Macunaíma ficou muito contrariado e pediu pra Sofará que desse uma chegada no bebedouro só pra ver. A moça fez e voltou falando pra todos que de fato estava no laço uma anta muito grande já morta. Toda a tribu foi buscar a bicha, matutando na inteligencia do curumim. Quando Jiguê chegou com a corda de curauá vazia encontrou todos tratando da caça. Ajudou. E quando foi pra repartir não deu nem um pedaço da carne pra Macunaíma, só tripas. O heroi jurou vingança.

No outro dia pediu pra Sofará que levasse êle passear e ficaram no mato até a boca-da-noite. Nem bem o menino tocou no folhiço e virou num principe fogoso. Brincaram. Depois de brincarem tres feitas, correram mato fora fazendo festinhas um pro outro. Macunaíma pegou num tronco de copaíba e se escondeu por detrás da piranheira. Quando Sofará veio correndo êle deu com o pau na cabeça dela. Fez uma brecha que a moça caiu torcendo de riso aos pés dele. Puxou-o por uma perna. Macunaíma gemia de gôsto se agarrando no tronco gigan-

te. Então a moça abocanhou o dedão do pé dele e enguliu. Macunaíma chorando de alegria tatuou o corpo dela com o sangue do pé. Depois retesou os musculos, se erguendo num trapesio de cipó e aos pulos atingiu num atimo o galho mais alto da piranheira. Sofará trepava atrás. O ramo fininho vergou oscilando com o pêso do principe. Quando a moça chegou tambem no tope êles brincaram outra vez balanceando no céu. Depois de brincarem Macunaíma quis fazer uma festa em Sofará. Dobrou o corpo todo na violencia dum puxão mas não poude continuar, galho quebrou e ambos despencaram aos emboleus até se esborracharem no chão. Quando o heroi voltou da sapituca procurou a moça em redor, não estava. Ia se erguendo pra busca-la porêm do galho baixo em riba dele furou o silêncio o miado temivel da sussuarana. O heroi se estatelou de medo e fechou os olhos pra ser comido sem ver. Então se escutou um risinho e Macunaíma tomou com uma gusparada no peito, era a moça. Macunaíma principiou atirando pedras nela e quando feria, Sofará gritava de excitação tatuando o corpo dele em baixo com o sangue espirrado. Afinal uma pedra lascou o canto da boca da moça e moeu tres dentes. Ela pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do heroi que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincaram mais outra vez.

Já a estrêla Papaceia brilhava no céu quando a moça voltou parecendo muito fatigada de tanto

carregar piá nas costas. Porêm Jiguê desconfiando seguira os dois no mato, enxergara a transformação e o resto. Jiguê era muito bobo. Teve raiva. Pegou num rabo-de-tatú e chegou-o com vontade na bunda do heroi. O berreiro foi tão imenso que encurtou o tamanhão da noite e muitos passaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedras.

Quando Jiguê não poude mais surrar, Macunaíma correu até a capoeira, mastigou raiz de cardeiro e voltou são. Jiguê levou Sofará pro pai dela e dormiu folgado na rede.

II

MAIORIDADE

Jiguê era muito bobo e no outro dia apareceu puxando pela mão uma cunhã. Era a companheira nova dele e chamava Iriquí. Ela trazia sempre um ratão vivo escondido na massaroca dos cabelos e faceirava muito. Pintava a cara com araraúba e genipapo e todas as manhãs passava coquinhos de assaí nos beiços que ficavam totalmente roxos. Depois esfregava limão-de-caiena por cima e os beiços viravam totalmente encarnados. Então Iriquí se envolvia num manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essencia de umirí, era linda.

Ora depois de todos comerem a anta de Macunaíma a fome bateu no mocambo. Caça, ninguem não pegava caça mais, nem algum tatu-galinha aparecia! e por causa de Maanape ter matado um boto pra comerem, o sapo cunaurú chamado Maraguigana pai do boto ficou enfesado. Mandou a enchen-

te e o milharal apodreceu. Comeram tudo, até a crueira dura se acabou e o fogaréu de noite e dia não moqueava nada não, era só pra remediar a friagem que caiu. Não havia prá gente assar nele nem uma isca de jobá.

Então Macunaíma quis se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jejú muito matrinchão e jatuaranas, todos êsses peixes do rio, fossem bater timbó! Maanape disse:

— Não se encontra mais timbó.

Macunaíma disfarçando secundou:

— Junto daquela grota onde tem dinheiro enterrado enxerguei um despotismo de timbó.

— Então venha com a gente pra mostrar onde que é.

Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era rio entre as mamoranas copadas. Maanape e Jiguê procuravam procuravam enlameados até os dentes degringolando juque! nos barreiros ocultos pela inundação. E pulapulavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos pra trás por causa dos candirús safadinhos querendo entrar por êles. Macunaíma ria por dentro vendo as micagens dos manos campeando timbó. Fingia campear tambem mas não dava passo não, bem enxutinho no firme. Quando os manos passavam perto dele, se agachava e gemia de fadiga.

— Deixe de trabucar assim, piá!

Então Macunaíma sentou numa barranca do rio e batendo com os pés nagua espantou os mosquitos. E eram muitos mosquitos, piúns maruins arurús tatuquiras muriçocas meruanhas borrachudos varejas, toda essa mosquitada.

Quando foi de-tardezinha os manos vieram buscar Macunaíma tiriricas por não terem topado com nenhum pé de timbó. O heroi teve medo e disfarçou:

— Acharam?

— Que achamos nada!

— Pôis foi aqui mesmo que enxerguei timbó. Timbó já foi gente um dia que nem nós... Presenciou que andavam campeando êle e soverteu. Timbó foi gente um dia que nem nós...

Os manos se admiraram da inteligencia do menino e voltaram os tres prá maloca.

Macunaíma estava muito contrariado por causa da fome. No outro dia falou prá velha:

— Mãi, quem que leva nossa casa prá outra banda do rio lá no teso, quem que leva? Fecha os olhos um bocadinho, velha, e pergunta assim.

A velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar mais tempo com os olhos fechados e carregou tejupar marombas flexas piquás sapiquás corotes urupemas redes, todos êsses trens pra um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. Quando a velha abriu os olhos estava tudo lá e tinha caça

peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais. Então foi cortar banana.

— Inda que mal lhe pergunte, mãi, porquê a senhora arranca tanta pacova assim!

— Levar pra vosso mano Jiguê com a linda Iriquí e pra vosso mano Maanape que estão padecendo fome.

Macunaíma ficou muito contrariado. Maginou maginou e disse prá velha:

— Mãi, quem que leva nossa casa prá outra banda do rio no banhado, quem que leva? Pergunta assim!

A velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar com os olhos fechados e levou todos os carregos, tudo, pro lugar em que estava de já-hoje no mondongo inundado. Quando a velha abriu os olhos tudo estava no lugar de dantes vizinhando com os tejupares de mano Maanape e de mano Jiguê com a linda Iriquí. E todos ficaram roncando de fome outra vez.

Então a velha teve uma raiva malvada. Carregou o heroi na cintura e partiu. Atravessou o mato e chegou no capoeirão chamado Cafundó do Judas. Andou legua e meia nele, nem se enxergava mato mais, era um coberto plano apenas movimentado com o pulinho dos cajueiros. Nem guaxe animava a solidão. A velha botou o curumim no campo onde êle podia crescer mais não e falou:

— Agora vossa mãi vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não.

E desapareceu. Macunaíma assuntou o deserto e sentiu que ia chorar. Mas não tinha ninguem por ali. Não chorou não. Criou coragem e botou pé na estrada, tremelicando com as perninhas de arco. Vagamundou ao atá uma semana até que topou com o Currupira moqueando carne acompanhado do cachorro dele Papamel. E o Currupira vive no grêlo do tucunzeiro e pede fumo prá gente. Macunaíma falou:

— Meu avô, dá caça pra mim comer?

— Sim, Currupira fez.

Cortou carne da perna moqueou e deu pro menino, perguntando:

— O que você está fazendo na capoeira, rapaiz!

— Passeando.

— Não diga!

— Pois é, passeando...

Então contou o castigo da mãi por causa dele ter sido malevolo pros manos. E contando o transporte da casa de novo prá deixa onde não tinha caça deu uma grande gargalhada. O Currupira olhou pra êle e resmungou:

— Tu não é mais curumí, rapaiz, tu não é mais curumí não... Gente grande que faz isso...

Macunaíma agradeceu e pediu pro Currupira ensinar o caminho pro mocambo dos Tapanhumas. O Currupira estava querendo mas era comer o heroi. Ensinou falso:

— Tu vai por aqui, menino-home, vai por

aqui, passa pela frente daquele pau, quebra a mão esquerda, vira e volta por debaixo dos meus uaiariquinizês.

Macunaíma foi fazer a volta porêm chegado na frente do pau, coçou a perninha e murmurou:

— Ai! que preguiça!...

e seguiu direito.

O Currupira esperou bastante porêm curumim não chegava... Pois então o monstro amontou no viado, que é o cavalo dele, fincou o pé redondo na virilha do corredor e lá se foi gritando:

— Carne de minha perna! carne de minha perna!

Lá de dentro da barriga do heroi a carne respondeu:

— Que foi?

Macunaíma apertou o passo e entrou correndo na caatinga porêm o Currupira corria mais do que êle e o menino isso vinha que vinha acochado pelo outro.

— Carne de minha perna! carne de minha perna!

A carne secundava:

— Que foi?

O piá estava desesperado. Era dia do casamento da raposa e a velha Vei, a Sol, relampeava nas gotinhas da chuva debulhando luz feito milho. Macunaíma chegou perto duma pôça, bebeu agua de lama e vomitou a carne.

— Carne de minha perna! carne de minha perna! que o Currupira vinha gritando.

— Que foi? secundou a carne já na pôça.

Macunaíma ganhou os bredos pro outro lado e escapou.

Legua e meia adiante por detrás dum formigueiro escutou uma voz cantando assim:

"Acutí pitá canhem..." lentamente.

Foi lá e topou com a cotia farinhando mandioca num tipití de jacitara.

— Minha vó, dá aipim pra mim comer?

— Sim, cotia fez. Deu aipim pro menino, perguntando:

— Quê que você está fazendo na caatinga, meu neto?

— Passeando.

— Ah o quê!

— Passeando, então!

Contou como enganara o Currupira e deu uma grande gargalhada. A cotia olhou pra êle e resmungou:

— Curumí faz isso não, meu neto, curumí faz isso não... Vou te igualar o corpo com o bestunto.

Então pegou na gamela cheia de caldo envenenado de aipim e jogou a lavagem no piá. Macunaíma fastou sarapantado mas só conseguiu livrar a cabeça, todo o resto do corpo se molhou. O heroi deu um espirro e botou corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum homem

taludo. Porêm a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá.

Macunaíma agradeceu o feito e frexou cantando pro mocambo nativo. A noite vinha bezourenta enfiando as formigas na terra e tirando os mosquitos dagua. Fazia um calor de ninho no ar. A velha tapanhumas escutou a voz do filho no longe cinzado e se espantou. Macunaíma apareceu de cara amarrada e falou pra ela:

— Mãi, sonhei que caiu meu dente.

— Isso é morte de parente, comentou a velha.

— Bem que sei. A senhora vive mais uma Sol só. Isso mesmo porquê me pariu.

No outro dia os manos foram pescar e caçar, a velha foi no roçado e Macunaíma ficou só com a companheira de Jiguê. Então êle virou na formiga quenquem e mordeu Iriquí pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquem longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriquí riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. Ficou lindissima. Então Macunaíma virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê.

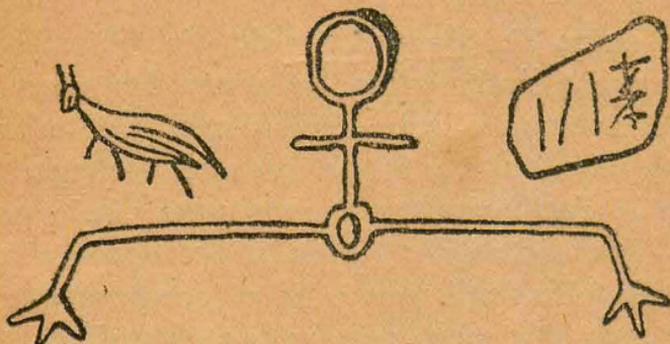
Quando os manos voltaram da caça Jiguê percebeu a troca logo, porêm Maanape falou pra êle que agora Macunaíma estava homem pra sempre e troncudo. Maanape era feiticeiro. Jiguê viu que a maloca estava cheia de alimentos, tinha pacova tinha milho tinha macacheira, tinha aluá e cachirí, tinha maparás e camorins pescados, maracujá-

michira ata abio sapota sapotilha, tinha passoca de viado e carne fresca de cutiara, todos êsses comes e bebes bons... Jiguê conferiu que não pagava a pena brigar com o mano e deixou a linda Iriquí pra êle. Deu um suspiro catou os carrapatos e dormiu folgado na rede.

No outro dia Macunaíma depois de brincar cedinho com a linda Iriquí, saiu pra dar uma voltinha. Atravessou o reino encantado da Pedra Bonita em Pernambuco e quando estava chegando na cidade de Santarem topou com uma viada parida.

— Essa eu caço! êle fez. E perseguiu a viada. Esta escapoliu facil mas o heroi poude pegar o filhinho dela que nem não andava quasi, se escondeu por detrás duma carapanaúba e cotucando o viadinho fez êle berrar. A viada ficou feito louca, esbugalhou os olhos parou turtuveou e veio vindo veio vindo parou ali mesmo defronte chorando de amor. Então o heroi flexou a viada parida. Ela caiu esperneou um bocado e ficou rija estirada no chão. O heroi cantou vitoria e foi buscar a caça. Chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando. Tinha sido uma peça do Anhanga... Não era viada não, era mas a propria mãi tapanhumas que Macunaíma flexara e estava morta ali toda arranhada com os espinhos das titaras e mandacarús do mato.

Quando o heroi voltou da sapituca foi chamar os manos e os tres chorando muito passaram a noite de guarda bebendo oloniti e comendo carimã

com peixe. Madrugadinha pousaram o corpo da velha numa rede e foram enterra-la por debaixo duma pedra no lugar chamado Pai da Tocandeira. Maanape que era um catimbozeiro de marca maior, foi que gravou o epitafio. E era assim:

Jejuaram o tempo que o preceito mandava e Macunaíma gastou o tempo do jejum se lamentando heroicamente. A barriga da morta foi inchando foi inchando e no fim das chuvas tinha virado num cêrro macio. Então Macunaíma deu a mão pra Iriquí, Iriquí deu a mão pra Maanape, Maanape deu a mão pra Jiguê e os quatro partiram por êsse mundo.

III

CI, MÃI DO MATO

Uma feita os quatro iam seguindo por um caminho no mato e estavam penando muito de sêde longe dos igapós e das lagoas. Não tinha nem mesmo umbú no bairro e Vei, a Sol, esfiapando por entre a folhagem guascava sem parada o lombo dos andarengos. Suavam feito numa pagelança em que todos tivessem besuntado o corpo com azeite de piquiá, marchavam. De repente Macunaíma parou riscando a noite do silêncio com um gesto imenso de alerta. Os outros estacaram. Não se escutava nada porêm Macunaíma sussurrou:

— Tem coisa.

Deixaram a linda Iriquí se enfeitando sentada nas raizes duma samaúma e avançaram cautelosos. Já Vei estava farta de tanto guascar o lombo dos tres manos quando legua e meia adiante Macunaíma escoteiro topou com uma cunhã dormindo. Era Ci, Mãi do Mato. Logo viu pelo peito dextro seco dela que fazia parte dessa tribu de mulheres sozinhas parando lá nas praias da lagoa Espêlho da Lua coada pelo Nhamundá. A cunhã era linda com o corpo chupado pelos vicios, colorido com genipapo.

Macunaíma se atirou por cima dela pra brincar. Ci não queria. Fez lança da flexa tridente enquanto Macunaíma puxava da pageú. Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. O heroi apanhava. Recebera já um murro esborrachando no sangue do nariz e um lapo fundo de txara no rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo heroi soltando berros formidandos que diminuiam de medo os corpos dos passarinhos. Afinal se vendo nas amarelas porquê não podia mesmo com a icamiaba o heroi deitou fugindo chamando pelos manos:

— Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato!

Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucú lhe dava uma porrada no coco. E a icamiaba caiu sem auxilio nas samambaias da serrapilheira. Quando ficou bem imovel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãi do Mato. Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuíns coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.

E os tres manos seguiram com a companheira nova. Atravessaram a cidade das Flores evitaram o rio das Amarguras passando por debaixo do salto da Felicidade, tomaram a estrada dos Praze-

res e chegaram no capão de Meu Bem que fica nos cerros da Venezuela. Foi de lá que Macunaíma imperou sobre os matos misteriosos enquanto Ci comandava nos assaltos as mulheres empunhando txaras de tres pontas.

O heroi vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede matando formigas taiocas, chupitando golinhos estalados de pajuari e quando agarrava cantando acompanhado pelos sons gotejantes do cotcho os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses rúins.

De-noite Ci chegava rescendendo resina de pau, sangrando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera com fios do cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro.

Ficavam rindo longo tempo, bem juntcs. Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.

— Puxa! como você cheira, benzinho!

que êle murmuriava gosado. E escancarava as narinas mais. Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das palpebras dele. Porêm a Mãi do Mato inda não estava satisfeita não e com um geito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernisado, Macunaíma brincava pra não desmentir a fama só, porêm quando Ci queria rir com êle de satisfação:

— Ai! que preguiça!...

que o heroi murmurava enfarado. E dando as costas pra ela adormecia bem. Mas Ci queria brincar inda mais... Convidava convidava... O heroi ferrado no sono. Então a Mãi do Mato pegava na txara e cotucava o companheiro. Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas estorcegado de cocegas.

— Faz isso não, oferecida!

— Faço!

— Deixa a gente dormir, seu bem...

— Vamos brincar.

— Ai! que preguiça!...

E brincavam mais outra vez.

Porêm nos dias de muito pajuarí bebido a Mãi do Mato encontrava o Imperador do Mato-Virgem largado por aí num porre mãi. Iam brincar e o heroi esquecia no meio.

— Então, heroi!

— Então o que!

— Você não continua?

— Continua o que!

— Pois, meus pecados, a gente está brincando e vai você para no meio!

— Ai! que preguiça...

Macunaíma mal esboçava de tão chumbado. E procurando um macio nos cabelos da companheira adormecia feliz.

Então pra anima-lo Ci empregava o estratagema sublime. Buscava no mato a folhagem de fogo da urtiga e sapecava com ela uma coça coçadeira

no chuí do heroi e na nalachítchi dela. Isso Macunaíma ficava que ficava um lião querendo. Ci tambem. E os dois brincavam que mais brincavam num deboche de ardor prodigioso.

Mas era nas noites de insonia que o gôso inventava mais. Quando todas as estrêlas incendiadas derramavam sobre a Terra um olio calorento que ninguem não suportava de tão quente corria pelo mato uma presença de incendio. Nem a passarinhada aguentava no ninho. Mexia inquieta o pescoço, voava pro galho em frente e no milagre mais enorme dêste mundo inventava de sopetão uma alvorada preta, cantacantando que não tinha fim. A bulha era tremenda o cheiro poderoso e o calor inda mais.

Macunaíma dava um safanão na rede atirando Ci longe. Ela acordava feito furia e crescia pra cima dele. Brincavam assim. E agora despertados inteiramente pelo gôso inventavam artes novas de brincar.

Um geito engraçado era enrolar a rede bem e no rôlo elastico sentados frente a frente brincarem se equilibrando no ar. O medo de cair condimentava o prazer e as mais das vezes quando o equilibrio faltava os dois despencavam no chão ás gargalhadas desenlaçados pra rir.

Outras feitas Ci balançava sozinha na rede, estendida de atravessado. Macunaíma convexando o corpo entre dois galhos baixos em frente buscava acertar no alvo o uaquizê. Acertava bem. E aos em-

balanços chegando e partindo a brincadeira esquentava até que não aguentando mais o imperador partia tambem no vôo da rede num embalanço final.

Outras feitas mais raras e mais desejadas o heroi jurava pela memória da mãi que não havia de ser perverso. Então Ci enrolando os braços e as pernas nas varandas da rede numa reviravolta ficava enfrentando o chão. Macunaíma vinha por debaixo, enganchava os pés nos pés da companheira, as mãos nas mãos e se erguendo do chão com esfôrço, principiavam brincando assim. Dava uma angustia de proibição êsse geito de brincar. Carecia um esfôrço tamanho nos musculos todos se sustentando, o corpo do heroi sempre chamado puxado pelo pêso da Terra. E quando a felicidade estava pra dar flor o heroi não se vencia nunca, mandando juramento passear. Abria alargados os braços e as pernas, as varandas da rede afrouxavam e os companheiros sem apôio tombavam com baque seco no chão. Era milhor que Vei, a Sol!

Ci tiririca se erguia sangrando e dava sovas tremendas no heroi. Macunaíma adormecia no chão entre pauladas, não podendo viver mais não de tanta felicidade. Era assim.

Nem bem seis meses passaram e a Mãi do Mato pariu um filho encarnado. Macunaíma ficou de reponso o mês de preceito porêm se recusou a jejuar. O pecurrucho tinha cabeça chata e Macunaíma in-

da a achatava mais batendo nela todos os dias e falando pro guri:

— Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro.

Todas as icamiabas queriam bem o menino encarnado e no primeiro banho dele puseram todas as joias da tribu pra que o pequeno fosse rico sempre. Mandaram buscar na Bolivia uma tezoura e enfiaram ela aberta debaixo do cabeceiro porquê sinão Tutú Marambá vinha, chupava o umbigo do piá e o dedão do pé de Ci. Tutú Marambá veio, topou com a tezoura e se enganou: chupou o ôlho dela e foi-se embora satisfêito. Todos agora só matutavam no pecurrucho. Mandaram buscar pra êle em São Paulo os famosos sapatinhos de lã tricotados por dona Ana Francisca e em Pernambuco as rendas "Rosa dos Alpes", "Flor de Guabiroba" e "Por ti padeço" tecidas pelas mãos de dona Joaquina Leitão mais conhecida pelo nome de Quinquina Cacunda. Filtravam o milhor tamarindo das irmãs Louro Vieira, de Obidos, pro menino engulir no refrêsco o remedinho pra lombriga. Vida feliz, era bom!... Mas uma feita jucurutú pousou na maloca do imperador e soltou o regougo agourento. Macunaíma tremeu assustado espantou os mosquitos e caiu no pajuarí por demais pra ver si espantava o medo tambem. Bebeu e dormiu noite inteira. Então chegou a Cobra Preta e tanto que chupou o unico peito vivo de Ci que não deixou nem o apojo. E como Jiguê são conseguira moçar

nenhuma das icamiabas o curumim sem ama chupou o peito da mãi no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu.

Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dansa e muito pajuari.

Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. E' lá que Ci vive agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrêla. E' a Beta do Centauro.

No outro dia quando Macunaíma foi visitar o tumulo do filho viu que nascera do corpo uma plantinha. Trataram dela com muito cuidado e foi o guaraná. Com as frutinhas piladas dessa planta é que a gente cura muita doença e se refresca durante os calorões de Vei, a Sol.

IV

BOIÚNA LUNA

No outro dia bem cedo o heroi padecendo saudades de Ci a companheira pra sempre inesquecivel, furou o beiço inferior e fez da muiraquitã um tembetá. Sentiu que ia chorar. Chamou depressa os manos, se despediu das icamiabas e partiu.

Gauderiaram gauderiaram por todos aqueles matos sobre os quais Macunaíma imperava agora. Por toda a parte êle recebia homenagens e era sempre acompanhado pelo sequito de araras vermelhas e jandaias. Nas noites de amargura êle trepava num assaizeiro de frutas roxas como a alma dele e contemplava no céu a figura faceira de Ci. "Marvada!" que êle gemia... Então ficava muito sofrendo, muito! e invocava os deuses bons cantando canticos de longa duração...

Rudá, Rudá!...
Tu que secas as chuvas,
Faz com que os ventos do oceano
Desembestem por minha terra
Pra que as nuvens vão-se embora
E a minha marvada brilhe

Limpinha e firme no céu!...
Faz com que amansem
Todas as aguas dos rios
Pra que eu me banhando neles
Possa brincar com a marvada
Refletida no espêlho das aguas!...

Assim. Então descia e chorava encostado no ombro de Maanape. Jiguê soluçando de pena animava o fogo da caieira pra que o heroi não sentisse frio. Maanape engulia as lagrimas, invocando o Acutipurú o Murucututú o Ducucú, todos êsses donos do sono em acalantos assim:

Acutipurú,
Empresta vosso sono
Pra Macunaíma
Que é muito manhoso!...

Catava os carrapatos do heroi e o acalmava balanceando o corpo. O heroi acalmava acalmava e adormecia bem.

No outro dia os tres estradeiros recomeçavam a caminhada através dos matos misteriosos. E Macunaíma era sempre seguido pelo sequito de araras vermelhas e jandaias.

Caminhando caminhando, uma feita em que a arraiada principiava enxotando a escureza da noite, escutaram longe um lamento de moça. Foram ver. Andaram legua e meia e encontraram uma

cascata chorando sem parada. Macunaíma perguntou prá cascata:

— Que é isso!

— Chouriço!

— Conta o que é.

E a cascata contou o que tinha sucedido pra ela.

— Não vê que chamo Naipi e sou filha do tuxaua Mexô-Mexoitiqui nome que na minha fala quer dizer Engatinha-Engatinha. Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rede e provar meu corpo mais molengo que embirossú. Porêm quando algum vinha eu dava dentadas e contapés por amor de experimentar a fôrça dele. E todos não aguentavam e partiam sorumbaticos.

Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. Sempre no tempo em que os ipês de beira-rio se amarelavam de flores a boiúna vinha na taba escolher a cunhã virgem que ia dormir com ela na socava cheia de esqueletos.

Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. Os ipês de beira-rio relampeavam de amarelo e todas as flores cairam nos ombros soluçando do moço Titçatê guerreiro de meu pai. A tristura talqualmente correição de sacassaia viera na taba e devorara até o silêncio.

Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas perto dele e veio com elas prá rede da minha última noite livre. Então mordi Titçatê.

O sangue espirrou na munheca mordida porêm o moço não fez caso não, gemeu de raiva amando, me encheu a boca de flores que não pude mais morder. Titçatê pulou na rede e Naipí serviu Titçatê.

Depois que brincâmos feito dôidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê meu vencedor me carregou no ombro me jogou na ipeigara abicada num esconderijo de aturiás e frexou pro largo rio Zangado, fugindo da boiúna.

No outro dia quando o pagé velho guardou a noite no buraco outra vez, Capêi foi me buscar e encontrou a rede sangrando vazia. Deu um urro e deitou correndo em busca nossa. Vinha vindo vinha vindo, a gente escutava o urro dela perto, mais perto pertinho e afinal as aguas do rio Zangado empinaram com o corpo da boiúna ali.

Titçatê não podia mais remar desfalecido sangrando sempre com a mordida na munheca. Por isso que não pudemos fugir. Capêi me prendeu, me revirou, fez a sorte do ovo em mim, deu certo e a boiúna viu que eu já servira Titçatê.

Quis acabar com o mundo de raiva tamanha, não sei... me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. E' aquela uma que está lá em baixo lá! E' aquele

mururê tão lindo que se enxerga bracejando nagua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida, que meu frio de cascata regelou. Capêi mora em baixo de mim, examinando sempre si fui mesmo brincada pelo moço. Fui sim e passarei chorando nesta pedra até o fim do que não tem fim, maguas de não servir mais o meu guerreiro T'çatê..."

Parou. O chôro pingava nos joelhos de Macunaíma e êle soluçou tremido:

— Si... si... si a boboiúna aparececesse eu... eu matava ela!

Então se escutou um urro guassú e Capêi veio saindo dagua. E Capêi era a boiúna. Macunaíma ergueu o busto relumeando de heroismo e avançou pro mostro. Capêi escancarou a guela e soltou uma nuvem de apiacás. Macunaíma bateu que mais bateu vencendo os marimbondos. O monstro atirou uma guascada tirlintando com os guisos do rabo porêm nesse momento uma formiga tracuá mordeu o calcanhar do heroi. Ele agachou distraído com a dor e o rabo passou por cima dele indo bater na cara de Capêi. Então ela urrou mais e deu um bote na coxa de Macunaíma. Ele só fez um afastadinho com o corpo, agarrou num rochedo e juque! decepou a cabeça da bicha.

O corpo dela se estorceu na corrente enquanto a cabeça com aqueles olhões docinhos vinha beijar vencida os pés do vingador. O heroi teve medo e

jogou no viado mato dentro acompanhado pelos manos.

— Vem cá, sirirí, vem cá! que a cabeça gritava.

Eles chispavam mais. Correram legua e meia e olharam pra trás. A cabeça de Capêi vinha rolando sempre em busca deles. Correram mais e quando não podiam de fadiga treparam num bacuparizeiro ribeirinho pra ver si a cabeça continuava pra diante. Mas cabeça parou por debaixo do pau e pediu bacuparís. Macunaíma sacudiu a árvore. A cabeça catou as frutas do chão, comeu e pediu mais. Jiguê sacudiu bacuparís dentro dagua porêm a cabeça falou que lá não ia não. Então Maanape atirou com toda a fôrça uma fruta longe e enquanto a cabeça ia busca-la os manos desceram do pau e se rasparam. Correndo correndo legua e meia adiante deram com a casa onde morava o bacharel de Cananea. O coroca estava na porta sentado e lia manuscritos profundos. Macunaíma falou pra êle:

— Como vai, bacharel?

— Menos mal, ignoto viajor.

— Tomando a fresca, não?

— C'est vrai, como dizem os franceses.

— Bem, té-logo, bacharel, estou meio afobado...

E chisparam outra vez. Atravessaram os sambaquís do Caputera e do Morrete num respiro. Logo adiante havia um rancho teatino. Entraram e

fecharam a porta bem. Então Macunaíma pôs reparo que perdera o tembetá. Ficou desesperado porquê era a unica lembrança que guardava de Ci. Ia saindo pra campear a pedra porêm os manos não deixaram. Não durou muito a cabeça chegou. Juque! bateu.

— Quê que ha?

— Abra a porta pra mim entrar!

Porêm jacaré abriu? nem êles! e a cabeça não poude entrar. Macunaíma não sabia que a cabeça ficara escrava dele e não vinha pra fazer mal não. A cabeça esperou muito porêm vendo que não abriam mesmo matutou no que ia ser. Si fosse ser agua os outros bebiam, si fosse ser fomiga esmagavam, si fosse mosquito flitavam, si fosse trem-de-ferro descarrilava, si fosse rio punham no mapa... Resolveu: "Vou ser Lua". Gritou:

— Abram a porta, gente, que quero umas coisas!

Macunaíma espiou pela fresta e avisou Jiguê já abrindo:

— Está sôlta!

Jiguê tornou a fechar a porta. Por isso que existe a expressão "Tá sôlto!" indicando que a gente não faz mesmo o que nos pedem.

Quando Capêi viu que não abriam a porta principiou se lamentando muito e perguntou prá iandú caranguejeira si ajudava a subida pro céu.

— Meu fio Sol derrete, secundou a aranha tatamanha.

Então a cabeça pediu pros xexéus se ajuntarem e ficou noite escura.

— Meu fio ninguem não enxerga de noite, disse a aranha tatamanha.

A cabeça foi buscar um cuitê de friagem nos Andes e falou:

— Despeja uma gota cada legua e meia, fio branqueia de geada. Podemos ir.

— Pois então vamos.

A iandú principiou fazendo fio no chão. Com o primeiro ventinho que brisou por ali o fio leviano se ergueu no céu. Então a aranha tatamanha subiu por êle e da ponta lá em riba derramou um bocado de geada. E enquanto a iandú caranguejeira fazia mais fio de lá pra cima, o de baixo branqueava todo. A cabeça gritou:

— Adeus, meu povo, que vou pro céu!

E lá foi comendo fio sobessubindo pro campo vasto do céu. Os manos abriram a porta e espiaram. Capêi sempre subindo.

— Você vai mesmo pro céu, cabeça?

— Uum, ela fez não podendo mais abrir a boca não.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada a boiúna Capêi chegou no céu. Estava gorduxa de tanto fio comido e muito palida do esfôrço. Todo o suor dela caia sobre a Terra em gotinhas de orvalho novo. Por causa do fio geado é que Capêi é tão fria. Dantes Capêi foi a boiúna mas agora é a cabeça da Lua lá no campo vasto do céu. Desde

essa feita as caranguejeiras preferem fazer fio de-noite.

No outro dia os manos deram um campo até a beira do rio mas campearam campearam em vão. Nada de muiraquitã. Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinicapaus e aracuãs do ar, prá ave japiim e seu compadre marimbondo, prá baratinha casadeira, pro passaro que grita "Taam!" e sua companheira que responde "Taim!", prá lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús curimatás do rio, os pecaís tapicurús e iererês da praia, todos êsses entes vivos mas ninguem não vira nada, ninguem não sabia de nada. E os manos bateram pé na estrada outra vez, varando os dominios imperiais. O silêncio era feio e o desespêro tambem. De vez em quando Macunaíma parava pensando na marvada... Que desejo batia nele! Parava tempo. Chorava muito tempo. As lagrimas escorregando pelas faces infantis do heroi iam lhe batisar a peitaria cabeluda. Então êle suspirava sacudindo a cabecinha:

— Qual, manos! Amor primeiro não tem companheiro!...

Continuava a caminhar. E por toda a parte recebia homenagens e era sempre seguido pelo séquito sarapintado de jandaias e araras vermelhas.

Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho

do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajuda-lo. Mandou o passarinho uirapurú. Quando si não quando o heroi escutou um tatalar inquieto e o passarinho uirapurú pousou no joelho dele. Macunaíma fez um gesto de caceteação e enxotou o passarinho uirapurú. Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapurú agarrou cantando com doçura e o heroi entendeu tudo o que êle cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz porquê perdera a muiraquitã na praia do rio, quando subia no bacuparí. Porêm agora, cantava o lamento do uirapurú, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porquê uma tracajá engulira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo igarapé Tietê.

Dito isto o passarinho uirapurú executou uma letra no ar e desapareceu. Quando os manos chegaram da pesca Macunaíma falou pra êles:

— Ia andando por um caminho negaceando um catingueiro e vai, presenciei um friume no costado. Botei a mão e saiu uma lacraia mansa que me falou toda a verdade.

Então Macunaíma contou o paradeiro da mui-

raquitã e disse pros manos que estava disposto a ir em São Paulo procurar êsse tal Venceslau Pietro Pietra e retomar o tembetá roubado.

— ... e cascavel faça ninho si eu não topo com a muiraquitã! Si vocês venham comigo muito que bem, si não, homem, antes só do que mal acompanhado! Mas eu tenho opinião de sapo e quando encasqueto uma coisa aguento firme no tôco. Hei de ir só pra tirar a prosa do passarinho uirapurú, minto! da lacraia.

Depois que discursou Macunaíma deu uma grande gargalhada imaginando na peça que pregava no passarinho. Maanape e Jiguê resolveram ir com êle. Mesmo porquê o heroi carecia de proteção.

V

PIAIMÃ

No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciencia na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacarú de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. Voltou pro lugar onde os manos esperavam e no pino do dia os tres rumaram prá margem esquerda da Sol.

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-virgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. Por tantas conquistas e tantos feitos passados o heroi não ajuntara um vintem só mas os tezouros herdados da icamiaba estrêla estavam escondidos nas grunhas do Roraima lá. Dêsses tezouros Macunaíma apartou prá viagem nada menos de quarenta vezes quarenta milhões de bagos de cacau, a moeda tradicional. Caculou com êles um diluvio de embarcações. E ficou lindo trepando pelo Araguaia aquele poder de igaras duma em uma duzentas em fileira, que nem flexa na pele do rio. Na frente

Macunaíma vinha de pé, carrancudo, procurando no longe a cidade. Matutava matutava roendo os dedos agora cobertos de berrugas de tanto apontarem Ci estrêla. Os manos remavam espantando os mosquitos e cada arranco dos remos repercutindo nas duzentas igaras ligadas, despejava uma batelada de bagos na pele do rio, deixando uma esteira de chocolate onde os camuatás pirapitingas dourados piracanjubas uarús-uarás e bacús se regalavam.

Uma feita a Sol cobrira os tres manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porêm no rio era impossivel por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã despedaçada pulavam aos cachos pra fora dagua um metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia dagua. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O heroi depois de muitos gritos por causa do frio da agua entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a agua era encantada porquê aquele buraco na lapa era marca do pèsão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus prá indiada brasileira. Quando o heroi saiu do banho estava branco loiro e de olhos azuizinhos, agua lavara o pretume dele. E ninguem não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribu retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre se atirou na

marca do pèsão do Sumé. Porêm a agua já estava muito suja da negrura do heroi e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando agua pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

— Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não porêm pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar mas Jiguê esborrifara toda a agua encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribu dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na agua santa. Macunaíma teve dó e consolou:

— Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

E estava lindissimo na Sol da lapa os tres manos um loiro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. Todos os seres do mato espiavam assombrados. O jacarèuna o jacarètinga o jacarèassú o jacaré-ururau de papo amarelo, todos êsses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fora dagua. Nos ramos das ingàzeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauarís de beirario o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. E os sabiás, o sabiàcica o sabià-

poca o sabiàúna o sabiàpiranga o sabiàgongá que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro, todos êsses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquencia. Macunaíma teve odio. Botou as mãos nas ancas e gritou prá natureza:

— Nunca viu não!

Então os seres naturais debandaram vivendo e os tres manos seguiram caminho outra vez.

Porêm entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbon vogava e a moeda tradicional não era mais cacau, em vez, chamava arame contos contecos milreis borós tostão duzentorreis quinhentorreis, cincoenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobres xenxens caraminguás selos bicos-de-coruja massuni boladas, assim, adonde até liga prá meia ninguem comprava não nem por vinte mil cacaus, Macunaíma ficou muito contrariado. Ter de trabucar, êle, heroi!... Murmurou desolado:

— Ai! que preguiça!...

Resolveu abandonar a empresa, voltando pros pagos de que era imperador. Porêm Maanape falou pra êle:

— Deixa de ser aruá, mano! Por morrer um carangueijo o mangue não bota luto não! que diacho! desanima não que arranjo as coisas!

Quando chegaram em São Paulo, ensacou um pouco do tezouro pra comerem e barganhando o resto na Bolsa apurou perto de oitenta contos de réis. Maanape era feiticeiro. Oitenta contos não

valia muito mas o heroi refletiu bem e falou pros manos:

— Paciencia. A gente se arruma com isso mesmo, quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...

Com êsses cobres é que Macunaíma viveu.

E foi numa boca-da-noite fria que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada a beira-rio do igarapé Tietê. Primeiro foi a gritaria da papagaiada imperial se despedindo do heroi. E lá se foi o bando sarapintado volvendo pros matos do norte.

Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricurís ubussús bacabas mucajás miritís tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos. Todas as estrêlas tinham descido do céu branco de tão molhado de garoa e banzavam pela cidade. Macunaíma lembrou de procurar Ci. Eh! dessa êle nunca poderia esquecer não porquê a rede feiticeira que ela armara pros brinquedos era tecida com os proprios cabelos dela e isso torna a tecedeira inesquecivel. Macunaíma campeou campeou mas as estradas e terreiros estavam apinhados de cunhãs tão brancas tão alvinhas, tão!... Macunaíma gemia. Roçava nas cunhãs murmurejando com doçura: "Maní! Maní! filhinhas da mandioca..." perdido de gôsto e tanta formosura. Afinal escolheu tres. Brincou com elas na rede estranha plantada no chão, numa maloca mais alta que a Paranaguara. Depois, por causa daquela rede ser dura dormiu de atravessa-

do sobre os corpos das cunhãs. E a noite custou pra êle quatrocentos bagarotes.

A inteligencia do heroi estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharia lá em baixo nas ruas, disparando entre as malocas temiveis. E aquele diacho de saguiassú que o carregara pro alto do tapirí tamanho em que dormira... Que mundo de bichos! que desproposito de papões roncando, mauarís sacís e boitatás nos atalhos nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saia muito branquinha branquissima, de certo a filharada da mandioca!... A inteligencia do heroi estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra êle que o saguiassú não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncos esturros não eram nada disso não, eram mas clacsons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges marmons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo em vez eram caminhões bondes autobondes anuncios-luminosos relogios farois radios motocicletas telefones gorgetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina! O heroi aprendendo calado. De vez em quando estremecia. Voltava a ficar imovel escutando assuntando maquinando numa scisma assombrada. Tomou-o um respeito cheio de inveja

por essa deusa de deveras mais macanuda que Vei a Sol, Tupã famanado que os filhos da mandioca chamavam de Máquina, mais cantadeira que a Mãi-Dagua, em bulhas de sarapantar.

Então resolveu ir brincar com a Máquina pra ser tambem imperador dos filhos da mandioca. Mas as tres cunhãs deram muitas risadas e falaram que isso de deuses era uma mentirada, que não tinha deus não e que com a máquina ninguem não brinca porquê ela mata. A máquina não era deus não, nem possuia os distintivos femininos de que o heroi gostava tanto. Era feita pelos homens. Se mexia com eletricidade com fogo com agua com vento com fumo, os homens aproveitando as fôrças da natureza. Porêm jacaré acreditou? nem o heroi! Se levantou na cama e com um gesto, êsse sim! bem guassú de desdem, tó! batendo o antebraço esquerdo dentro do outro dobrado, mexeu com energia a munheca direita prás tres cunhãs e partiu. Nesse instante, falam, ele inventou o gesto famanado de ofensa: a pacova.

E foi morar numa pensão com os manos. Estava com a boca cheia de sapinhos por causa daquela primeira noite de amor paulistano. Gemia com as dores e não havia meios de sarar até que Maanape roubou uma chave de sacrario e deu pra Macunaíma chupar. O heroi chupou chupou e sarou bem. Maanape era feiticeiro.

Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem

vitória dos filhos da mandioca com a Máquina. A Máquina era que matava os homens porêm os homens é que mandavam na Máquina... Constatou pasmo que os filhos da mandioca eram donos sem misterio e sem fôrça da máquina sem misterio sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. Estava nostalgico assim. Até que uma noite, suspenso no terraço dum arranhacéu com os manos, Macunaíma concluiu:

— Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Ha empate.

Não concluiu mais nada porquê inda não estava acostumado com discursos porêm palpitava pra êle muito embrulhadamente muito! que a máquina devia de ser um deus de que os homens não eram verdadeiramente donos só porquê não tinham feito dela uma Iara explicavel mas apenas uma realidade do mundo. De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinhas é que eram homens. Macunaíma deu uma grande gargalhada. Percebeu que estava livre outra vez e teve uma satisfa mãi. Virou Jiguê na máquina telefone, ligou pra Sant'Ana encomendando lagosta e francesas.

No outro dia estava tão fatigado da farra que a saudade bateu nele. Se lembrou da muiraquitã. Resolveu agir logo porquê primeira pancada é que mata cobra.

Venceslau Pietro Pietra morava num tejupar

maravilhoso rodeado de mato no fim da rua Maranhão olhando prá noruega do Pacaembú. Macunaíma falou pra Maanape que ia dar uma chegadinha até lá por amor de conhecer Venceslau Pietro Pietra. Maanape fez um discurso mostrando as inconveniencias de ir lá porquê o regatão andava com o calcanhar prá frente e si Deus o assinalou alguma lhe achou. De certo um mauarí malevolo... Quem sabe si o gigante Piaimã comedor de gente!... Macunaíma não quis saber.

— Pois vou assim mesmo. Onde me conhecem honras me dão, onde não me conhecem me darão ou não!

Então Maanape acompanhou o mano.

Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra-Iegue que dá todas as frutas, cajús cajás cajàmangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotís pupunhas pitangas guajirú cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta. Os dois manos estavam com fome. Fizeram um zaiacúti com folhagem cortada pelas saúvas, esconderijo no galho mais baixo da árvore pra flexarem a caça devorando as frutas. Maanape falou pra Macunaíma:

— Olha, si algum passaro cantar não secunda não, mano, sinão adeus minhas encomendas!

O heroi mexeu a cabeça que sim. Maanape atirava com a sarabatana e Macunaíma recolhia por detrás do zaiacúti a caça caindo. Caça caía com estrondo e Macunaíma aparava os macucos ma-

cacos micos monos mutuns jacús jaós tucanos, todas essas caças. Porêm o estrondo tirou Venceslau Pietro Pietra do farniente e êle veio saber o que era aquilo. E Venceslau Pietro Pietra era o gigante Piaimã comedor de gente. Chegou na porta da casa e cantou feito passaro:

— Ogoró! ogoró! ogoró!

parecendo muito longe. Macunaíma secundou logo:

— Ogoró! ogoró! ogoró!

Maanape sabia do perigo e murmurou:

— Esconde, mano!

O heroi escondeu por detrás do zaiacuti entre a caça morta e as formigas. Então gigante veio.

— Quem que secundou?

Maanape respondeu:

— Sei não.

— Quem que secundou?

— Sei não.

Treze feitas. D'aí o gigante falou:

— Foi gente. Me mostra quem era.

Maanape jogou um macuco morto. Piaimã enguliu o macuco e falou:

— Foi gente! Me mostra quem era!

Maanape jogou um macaco morto. Piaimã enguliu-o e continuou:

— Foi gente! Me mostra quem era!

Então enxergou o dedo mindinho do heroi escondido e atirou uma banini na direção. Se ouviu um grito gemido comprido, juuúque! e Macunaíma

agachou com a flexa enterrada no coração. O gigante falou pra Maanape:

— Atira a gente que eu cacei!

Maanape atirou guaribas picotas jaós jacús jacutingas piaçocas, todas essas caças porêm Piaimã engulia e tornava a pedir a gente que êle flexara. Maanape não queria dar o heroi e jogava as caças. Levaram muito tempo assim e Macunaíma já tinha morrido. Afinal Piaimã deu um berro medonho:

— Maanape, meu neto, deixa de conversa!! Atira a gente que eu cacei que sinão te mato, velho safadinho!

Maanape não queria jogar o mano mesmo, pegou desesperado em seis caças duma vez, um macuco um macaco um jacú uma jacutinga uma picota e uma piaçoca e atirou no chão gritando:

— Toma seis!

Piaimã ficou danado. Agarrou quatro paus do mato, uma acapurana um angelim um apió e um carará, e veio com êles pra cima de Maanape:

— Sai do caminho, porqueira! jacaré não tem pescoço, formiga não tem caroço! comigo é só quatro paus na ponta da unha, jogador de caça falsa!

Então Maanape ficou com muito medo e jogou, truque! o heroi no chão. Foi assim que Maanape com Piaimã inventaram o jôgo sublime do truco.

Piaimã sossegou.

— Êste mesmo.

Agarrou o defunto por uma perna e foi pu-

xando. Entrou na casa. Maanape desceu da árvore desesperado. Quando ia pra seguir atrás do defunto mano topou com a formiguinha sarára chamada Cambgique. A sarára perguntou:

— O que você faz por aqui, parceiro!

— Vou atrás do gigante que matou meu mano.

— Vou tambem.

Então Cambgique sugou todo o sangue do heroi, esparramado no chão e nos ramos e sugando sempre as gotas do caminho foi mostrando o rasto pra Maanape.

Entraram na casa atravessaram o hol e a sala-de-jantar, passaram pela copa sairam no terraço do lado e pararam na frente do porão. Maanape acendeu uma tocha de jutaí e puderam descer a escadinha negra. Bem na porta da adega rastejava a última gota de sangue. A porta estava fechada. Maanape coçou o nariz e perguntou pra Cambgique:

— E agora!

Então veio por debaixo da porta o carrapato Zlezlegue e perguntou pra Maanape:

— Agora o quê, parceiro?

— Vou atrás do gigante que matou meu mano.

Zlezlegue falou:

— Está bom. Então fecha o ôlho, parceiro.

Maanape fechou.

— Abre o ôlho, parceiro.

Maanape abriu e o carrapato Zlezlegue tinha virado numa chave yale. Maanape ergueu a chave

do chão e abriu a porta. Zlezlegue virou carrapato outra vez e ensinou:

— Com as garrafas bem de cima você convence Piaimã.

E desapareceu. Maanape tirou dez garrafas, abriu e veio vindo um aroma perfeito. Era o cauim famoso chamado quianti. Então Maanape entrou na outra sala da adega. O gigante estava aí com a companheira, uma caapora velha sempre caximbando que se chamava Ceiucí e era muito gulosa. Maanape deu as garrafas pra Venceslau Pietro Pietra, um naco de fumo do Acará prá caapora e o casal esqueceram que havia mundo.

O heroi picado em vinte vezes trinta torresminhos bubuiava na polenta fervendo. Maanape catou os pedacinhos e os ossos e estendeu tudo no cimento pra refrescar. Quando esfriaram a sarara Cambgique derramou por cima o sangue sugado. Então Maanape embrulhou todos os pedacinhos sangrando, em folhas de bananeira, jogou o embrulho num sapiquá e tocou prá pensão.

Lá chegado botou o cesto de pé assoprou fumo nele e Macunaíma veio saindo meio pamonha ainda, muito desmerecido, do meio das folhas. Maanape deu guaraná pro mano e êle ficou taludo outra vez. Espantou os mosquitos e perguntou:

— O que foi que sucedeu pra mim?

— Mas, meus cuidados, não falei pra você não secundar cantiga de passarinho! falei sim, pois então!...

No outro dia Macunaíma acordou com escarlatina e levou todo o tempo da febre imaginando que carecia da máquina garrucha pra matar Venceslau Pietro Pietra. Nem bem sarou foi na casa dos ingleses pedir uma smith-wesson. Os ingleses falaram:

— As garruchas inda estão muito verdolengas porêm vamos a ver si tem alguma temporã.

Então foram em baixo da árvore garrucheira. Os ingleses falaram:

— Você fica esperando aqui. Si despencar alguma garrucha então pegue. Mas não deixa ela cair no chão não!

— Feito.

Os ingleses sacudiram sacudiram a árvore e caiu uma garrucha temporã. Os ingleses falaram:

— Essa está boa.

Macunaíma agradeceu e foi-se embora. Queria que os outros acreditassem que êle falava o inglês porêm não falava nem sweetheart não, os manos é que falavam. Maanape tambem desejava garrucha balas e uísque. Macunaíma aconselhou:

— Você não fala inglês bem, mano Maanape, vai lá e a volta é cruel. E' capaz de pedir garrucha e darem conserva. Deixa que eu vou.

E foi falar outra vez com os ingleses. Debaixo da árvore garrucheira os ingleses sacolejaram sacolejaram os ramos porêm não caiu nem uma garrucha não. Então foram debaixo da árvore baleira, os ingleses sacudiram e despencou um desperdicio

de balas que Macunaíma deixou cair no chão depois catou.

— Agora uísque, falou.

Foram debaixo da árvore uisqueira, os ingleses sacudiram e despencaram duas caixas que Macunaíma pegou no ar. Agradeceu pros ingleses e voltou prá pensão. Lá chegado escondeu as caixas debaixo da cama e foi falar com o mano:

— Falei inglês com êles, mano, porêm não tinha nem garrucha nem uísque por causa que passou uma correição de formiga oncinha e comeu tudo. As balas trago aqui. Agora dou minha garrucha pra você e quando alguem bolir comigo você atira.

Então virou Jiguê na máquina telefone, ligou pro gigante e xingou a mãi dele.

VI

A FRANCESA E O GIGANTE

Maanape gostava muito de café e Jiguê muito de dormir. Macunaíma queria erguer um papirí pros tres morarem porêm jamais que papirí se acabava. Os puchirões goravam sempre porquê Jiguê passava o dia dormindo e Maanape bebendo café. O heroi teve raiva. Pegou numa colher, virou-a num bichinho e falou:

— Agora você fica sovertida no pó de café. Quando mano Maanape vier beber, morda a lingua dele.

Então pegando num cabeceiro de algodão, virou-o numa tatorana branca e falou:

— Agora você fica sovertida na maqueira. Quando mano Jiguê vier dormir, chupe o sangue dele.

Maanape já vinha entrando na pensão pra beber café outra vez. O bichinho picou a lingua dele.

— Ai! Maanape fez.

Macunaíma bem sonso falou:

— Está doendo, mano? Quando bichinho me pica não doi não.

Maanape teve raiva. Atirou o bichinho muito pra longe falando:

— Sai, praga!

Então Jiguê entrou na pensão pra tirar um corte. O marandová branquinho tanto chupou o sangue dele que até virou rosado.

— Ai! que Jiguê gritou.

E Macunaíma:

— Está doendo, mano? Ora veja só! Quando tatorana me chupa até gosto.

Jiguê teve raiva e atirou a tatorana longe falando:

— Sai, praga!

E então os tres manos foram continuar a construção do papirí. Maanape e Jiguê ficaram dum lado e Macunaíma do outro pegava os tijolos que os manos atiravam. Maanape e Jiguê estavam tiriricas e desejando se vingar do mano. O heroi não maliciava nada. Vai, Jiguê pegou num tijolo, porêm pra não machucar muito virou-o numa bola de couro durissima. Passou a bola pra Maanape que estava mais na frente e Maanape com um pontapé mandou ela bater em Macunaíma. Esborrachou todo o nariz do heroi.

— Ui! o heroi fez.

Os manos bem sonsos gritaram:

— Uai! está doendo, mano! Pois quando bola bate na gente nem não doi!

Macunaíma teve raiva e atirando a bola com o pé bem pra longe falou:

— Sai, peste!

Veio onde estavam os manos:

— Não faço mais papirí, pronto!

E virou tijolos pedras telhas ferragens numa nuvem de içás que tomou São Paulo por tres dias.

O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiguê a lagarta-rosada e Macunaíma o futebol.

No outro dia, com o pensamento sempre na Marvada o heroi percebeu que xetrara mesmo duma vez e nunca mais que podia aparecer na rua Maranhão porquê agora Venceslau Pietro Pietra já o conhecia bem. Imaginou imaginou e alí pelas quinze horas teve uma idea. Resolveu enganar o gigante. Enfiou um membí na guela, virou Jiguê na máquina telefone e telefonou pra Venceslau Pietro Pietra que uma francesa queria falar com êle a respeito da máquina negocios. O outro secundou que sim e que viesse agorinha já porquê a velha Ceiucí tinha saido com as duas filhas e podiam negociar mais folgado.

Então Macunaíma emprestou da patroa da pensão uns pares de bonitezas, a máquina ruge, a máquina meia-de-seda, a máquina combinação com cheiro de casca-sacaca, a máquina cinta aromada com capim cheiroso, a máquina decoletê humida de patchulí, a máquina miténes, todas essas bonitezas, dependurou dois mangarás nos peitos e se vestiu assim. Era tanta coisa que ficou pesado mas virou numa francesa tão linda que se defumou com jurema e alfinetou um raminho de

pinhão paraguaio no patriotismo pra evitar quebranto. E foi no palacio de Venceslau Pietro Pietra. E Venceslau Pietro Pietra era o gigante Piaimã comedor de gente.

Saindo da pensão Macunaíma topou com um beija-flor com rabo de tezoura. Não gostou da caguíra não e pensou abandonar o randevú porêm como promessa é divida fez um esconjuro e seguiu.

Lá chegado encontrou o gigante no portão, esperando. Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a pra uma alcova lindissima com esteios de acaricoara e tezouras de itaúba. O assoalho era um xadrez de muirapiranga e pau-setim. A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e ceramica de Belem, dispostas sobre uma toalha de rendas tecidas com fibra de bananeira. Numas bacias enormes originarias das cavernas do rio Cunani fumegava tacacá com tucupí, sopa feita com um paulista vindo dos frigorificos da Continental, uma jacaresada e polenta. Os vinhos eram um Puro de Ica subidor vindo de Iquitos, um Porto imitação, de Minas, uma caiçuma de oitenta anos, champanha de São Paulo bem gelada e um extrato de genipapo famanado e rúim como tres dias de chuva. E inda havia dispostos com arte enfeitadeira e muitos recortados de papel os esplendidos

bombons Falchi e biscoitos do Rio Grande empilhados em cuias dum preto brilhante de cumaté com desenhos esculpidos a canivete provindas de Monte Alegre.

A francesa sentou numa rede e fazendo gestos graciosos principiou mastigando. Estava com muita fome e comeu bem. Depois tomou um copo de Puro pra rebater e resolveu entrar no assunto de chapeu-de-sol aberto. Foi logo perguntando si o gigante era verdade que possuia uma muiraquitã com forma de jacaré. O gigante foi lá dentro e voltou com um caramujo na mão. E puxou pra fora dele uma pedra verde. Era a muiraquitã! Macunaíma sentiu um frio por dentro de tanta comoção e percebeu que ia chorar. Mas disfarçou bem perguntando si o gigante não queria vender a pedra. Porêm Venceslau Pietro Pietra piscou faceiro dizendo que vendida não dava a pedra não. Então a francesa pediu suplicando pra levar a pedra de emprestado pra casa. Venceslau Pietro Pietra mais uma vez piscou faceiro falando que de emprestado não dava a pedra tambem não.

— Você imagina então que vou cedendo assim com duas risadas, francesa? Qual!

— Mas eu estou querendo tanto a pedra!...

— Vá querendo!

— Pois tanto se me dá como se me dava, regatão!

— Regatão uma ova, francesa! Dobre a lingua! Colecionador é que é!

Foi lá dentro e voltou carregando um grajau tamanho feito de embira e cheínho de pedra. Tinha turquezas esmeraldas berilos seixos polidos, machados facões frexas de pedra lascada, grigrís rochedos elefantes petrificados, colunas gregas, deuses egipcios, budas javaneses, obeliscos mesas mexicanas, ouro guianense, pedras ornitomorfas de Iguape, opalas do igarapé Alegre, rubís e granadas do rio Gurupí, itamotingas do rio das Garças, itacolumitos, turmalinas de Vupabussú, blocos de titanio do rio Piriá, bauxitas do ribeirão do Macaco, fosseis calcareos de Pirabas, perolas de Cametá, o rochedo tamanho que Oaque o Pai do Tucano atirou com a sarabatana lá do alto daquela montanha, um litoglifo de Calamare, tinha todas essas pedras no grajau.

Então Piaimã contou prá francesa que êle era um colecionador célebre, colecionava pedras. E a francesa era Macunaíma, o heroi. Piaimã confessou que a joia da coleção era mesmo a muiraquitã com forma de jacaré comprada por mil contos da imperatriz das icamiabas lá nas praias da lagoa Jaciuruá. E tudo era mentira do gigante. Vai, êle sentou na rede mui rente da francesa, muito! e falou murmuriando que com êle era oito ou oitenta, não vendia não emprestava a pedra mas porêm era capaz de dar... "Conforme..." O gigante estava mas era querendo brincar com a francesa. Quando por causa do geito de Piaimã o heroi entendeu o que significava o tal de "conforme", ficou muito

inquieto. Matutou: "Será que o gigante imagina que sou francesa!... Cai fora, peruano senvergonha!" E saiu correndo pelo jardim. O gigante correu atrás. A francesa pulou numa moita pra se esconder porêm estava uma pretinha lá. Macunaíma cochichou pra ela:

— Caterina, sai d'aí sim?

Caterina nem gesto. Macunaíma já meio impinimado com ela, cochichou:

— Caterina, sai d'aí que sinão te bato!

A mulatinha ali. Então Macunaíma deu um bruto dum tapa na peste e ficou com a mão grudada nela.

— Caterina, me larga minha mão e vai-te embora que te dou mais tapa, Caterina!

Caterina era uma boneca de cera de carnaúba posta ali pelo gigante. Ficou bem quieta. Macunaíma deu outro tapa com a mão livre e ficou mais preso.

— Caterina, Caterina! me larga minhas mãos e vai-te embora pixaim! sinão te dou um contapé!

Deu o pontapé e ficou mais preso ainda. Afinal o heroi ficou inteirinho grudado na Caterina. Então chegou Piaimã com um cesto. Tirou a francesa da armadilha e berrou pro cesto:

— Abra a boca, cesto, abra a vossa grande boca!

O cesto abriu a boca e o gigante despejou o heroi nele. O cesto fechou a boca outra feita, Piaimã carregou-o e voltou. A francesa em vez de bol-

sa estava armada com o mênie que serve pra guardar as frexinhas da sarabatana. O gigante deixou o cesto encostado na porta de entrada e afundou casa a dentro pra guardar o mênie entre as pedras da coleção. Porêm o mênie era de pano cheirando piché de caça. O gigante desconfiou daquilo e perguntou:

— Vossa mãi é tão cheirosa e gordinha que nem você, criatura?

E revirou os olhos de gôso. Ele estava maliciando que o mênie era filhinho da francesa. E a francesa era Macunaíma o heroi. Lá do cesto êle escutou a pergunta e principiou ficando excessivamente inquieto. "Pois então será mesmo que êsse tal de Venceslau imagina que passei por debaixo de algum arco-da-velha pra ter mudado a natureza? te esconjuro, credo!" Então assoprou raiz de cumacá em pó que bambeia cordas, bambeou o amarrilho do cesto e pulou pra fora. Ia saindo quando topou com o jaguara do gigante, que chamava Xareu, nome de peixe pra não ficar hidrofobo. O heroi teve medo e desembestou numa chispada mãi parque dentro. O cachorro correu atrás. Correram correram. Passaram lá rente á Ponta do Calabouço, tomaram rumo de Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma duzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de dona Sancha, dizem. Rumaram pra sudoeste e nas alturas de Barbacena o fugitivo avis-

tou uma vaca no alto duma ladeira calçada com pedras pontudas. Lembrou de tomar leite. Subiu esperto pela capistrana pra não cansar porêm a vaca era de raça Guzerá muito brava. Escondeu o leitinho pobre. Mas Macunaíma fez uma oração assim:

Valei-me Nossa Senhora,
Santo Antonio de Nazaré,
A vaca mansa dá leite,
A braba dá si quisé!

A vaca achou graça, deu leite e o heroi chispou pro sul. Atravessando Paraná já de volta dos pampas bem que êle queria trepar numa daquelas árvores porêm os latidos estavam na cola dele e o heroi isso vinha que vinha acochado pelo jaguara. Gritava:

— Sai, pau!

E desviava de cada castanheira, de cada paudarco, de cada cumarú bom de trepar. Adiante da cidade de Serra no Espirito Santo quasi arrebentou a cabeça numa pedra com muitas pinturas esculpidas que não se entendia. De certo era dinheiro enterrado... Porêm Macunaíma estava com pressa e frexou prás barrancas da ilha do Bananal. Enfim enxergou um formigueiro de trinta metros abrindo um ôlho no rés do chão bem na frente. Barafustou subindo pelo buraco a dentro e se encolheu no alto. O jaguara ficou acuando ali.

Então o gigante veio e topou com o jaguara acuando o formigueiro. Bem na entrada a francesa perdera uma correntinha de prata. "Meu tezouro está aqui" murmurou o gigante. Então o jaguara desapareceu. Piaimã arrancou da terra com raiz e tudo uma palmeira inajá e nem deixou sinal no chão. Cortou o grêlo do pau e enfiou-o pelo buraco pôr amor de fazer a francesa sair. Porêm jacaré saiu? nem ela! Abriu as pernas e o heroi ficou como se diz empalado na inajá. Vendo que a francesa não saia mesmo, Piaimã foi buscar pimenta. Trouxe uma correição das formigas anaquilãs que é pimenta de gigante, botou-as no buraco, elas ferraram no heroi. Mas nem assim mesmo a francesa saiu. Piaimã jurou vingança. Pinchou fora as anaquilãs e gritou pra Macunaíma:

— Agora que te agarro mesmo porquê vou buscar a jararaca Elitê!

Quando ouviu isso o heroi gelou. Com a jararaca ninguem não pode não. Gritou pro gigante:

— Espera um bocado, gigante, que já saio.

Porêm pra ganhar tempo tirou os mangarás do peito e botou na boca do buraco, falando:

— Primeiro, bota isso pra fora, faz favor.

Piaimã estava tão furibundo que atirou os mangarás longe. Macunaíma presenciou a raiva do gigante. Tirou a máquina decoletê, pôs ela na boca do buraco, falando outra vez:

— Bota isso pra fora, faz favor.

Piaimã inda atirou o vestido mais longe. En-

tão Macunaíma botou a máquina cinta, depois a máquina sapatos e foi fazendo assim com todas as roupas. O gigante isso já estava fumando de tão danado. Jogava tudo longe sem nem olhar o que era. Então bem de mansinho o heroi pôs o sim-sinhô dele na boca do buraco e falou:

— Agora me bote pra fora só mais esta cabaça fedorenta.

Piaimã cego de raiva agarrou no sim-sinhô sem ver o que era e atirou sim-sinhô com heroi e tudo legua e meia adiante. E ficou esperando pra sempre enquanto o heroi lá longe ganhava os mororós.

Chegou na pensão tomando a benção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca. Descansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururú de Maceió, um pato seco de Marajó molhando a janta com mocororó. Descansou.

Macunaíma estava muito contrariado. Venceslau Pietro Pietra era um colecionador célebre e êle não. Suava de inveja e afinal resolveu imitar o gigante. Porêm não achava graça em colecionar pedras não porquê já tinha uma imundicie delas na terra dele pelos espigões, nos manadeiros nas corredeiras e gupiaras elevadas. E todas essas pedras já tinham sido vespas formigas mosquitos carrapatos animais passarinhos gentes e cunhãs e cunhatãs e até as graças das cunhãs e das cunhatãs...

Praquê mais pedra que é tão pesado pra carregar!... Estendeu os braços com moleza e murmurou:

— Ai! que preguiça!...

Matutou matutou e resolveu. Fazia uma coleção de palavras-feias de que gostava tanto.

Se aplicou. Num atimo reuniu milietas delas em todas as falas vivas e até nas linguas grega e latina que estava estudando um bocado. A coleção italiana era completa, com palavras pra todas as horas do dia, todos os dias do ano, todas as circunstancias da vida e sentimentos humanos. Cada bocagem! Mas a joia da coleção era uma frase hindú que nem se fala.

VII

MACUMBA

Macunaíma estava muito contrariado. Não conseguia reaver a muiraquitã e isso dava odio. O milhor era matar Piaimã... Então saiu da cidade e foi no mato Fulano experimentar fôrça. Campeou legua e meia e afinal enxergou uma peroba sem fim. Enfiou o braço na sapopemba e deu um puxão pra ver si arrancava o pau mas só o vento sacudia a folhagem na altura porêm. "Inda não tenho bastante fôrça não" Macunaíma refletiu. Catou os mucuins e voltou prá pensão. Estava desconsolado de não ter fôrça ainda e vinha numa distração tamanha que deu uma topada. Então de tanta dor o heroi viu no alto as estrêlas e entre elas enxergou Capêi minguadinha cercada de nevoa. "Quando mingua a Luna não comeces coisa alguma" suspirou. E continuou consolado.

No outro dia o tempo estava inteiramente frio e o heroi resolveu se vingar de Venceslau Pietro Pietra dando uma sova nele pra esquentar. Porêm por causa de não ter fôrça tinha mas era muito medo do gigante. Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exú

diabo em cuja honra se realisava uma macumba no outro dia.

Era junho e o tempo estava inteiramente frio. A macumba se rezava lá no Mangue no zungú da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãi-de-santo famanada e cantadeira ao violão. A's vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatorio. Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre, advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia principiando. Macunaíma tirou os sapatos e as meias como os outros e enfiou no pescoço a milonga feita de cera de vespa tatucaba e raiz sêca de assacú. Entrou na sala cheia e afastando a mosquitada foi de quatro saudar a candomblèseira imovel sentada na tripeça, não falando um isto. Tia Ciata era uma negra velha com um seculo no sofrimento, javevó e galguincha com a cabeleira branca esparramada feito luz em torno da cabeça pequetita. Ninguem mais não enxergava olhos nela, era só ossos duma compridez já sonolenta pendependendo pro chão de terra.

Vai, um rapaz, filho de Ochum, falavam, filho de Nossa Senhora da Conceição cuja macumba era em dezembro, distribuiu uma vela acesa pra cada um dos marinheiros marcineiros jornalistas ricaços gamelas femeas empregados-publicos, muitos empregados-publicos! todas essas gentes e apagou o bico de gás alumeando a saleta,

Então a macumba principiou de deveras se fazendo um çairê pra saudar os santos. E era assim: Na ponta vinha Ogan tocador de atabaque, um negrão filho de Ogum, bexiguento e fadista de profissão, se chamando Olelê Rui Barbosa. Tabaque mexemexia acertado num ritmo que manejou toda a procissão. E as velas jogaram nas paredes de papel com florzinhas, sombras tremendo vagarentas feito assombração. Atrás de Ogan vinha tia Ciata quasi sem mexer, só beiços puxando a reza monotona. E então seguiam advogados taifeiros curandeiros poetas o heroi gatunos portugas senadores, todas essas gentes dansando e cantando a resposta da reza. E era assim:

— Va-mo sa-ra-vá!...

Tia Ciata cantava o nome do santo que tinham de saudar:

— Ôh Olorung!

E a gente secundando:

— Va-mo sa-ra-vá!...

Tia Ciata continuava:

— Ôh Boto Tucuchí!

E a gente secundando:

— Va-mo sa-ra-vá!...

Docinho numa reza mui monotona.

— Ôh Iemanjá! Anamburucú! e Ochum! tres Mãis-dagua!

— Va-mo sa-ra-vá!...

Assim. E quando a tia Ciata parava gritando com gesto imenso:

— Sai Exú!
porquê Exú era o diabo-coxo, um capiroto malevolo mas bom porêm pra fazer malvadezas, era um tormento na sala uivando:
— Uúum!... uúum!... Exú! Nosso padre Exú!...
E o nome do diabo reboava com estrondo diminuindo o tamanhão da noite fora. O çairê continuava:
— Ôh Rei Nagô!
— Va-mo sa-ra-vá!...
Docinho na reza monotona.
— Ôh Barú!
— Va-mo sa-ra-vá!...
Quando sinão quando tia Ciata parava gritando com gesto imenso:
— Sai Exú!
porquê Exú era o pé-de-pato, um jananaíra malevolo. E de novo era o tormento na sala uivando:
— Uúum!... Exú! Nosso padre Exú!...
E o nome do diabo reboava com estrondo encurtando o tamanho da noite.
— Ôh Oxalá!
— Va-mo sa-ra-vá!...
Era assim. Saudaram todos os santos da pagelança, o Boto Branco que dá os amores, Xangô, Omulú, Iroco, Ochosse, a Boiúna Mãi feroz, Obatalá que dá fôrça pra brincar muito, todos êsses santos e o çairê se acabou. Tia Ciata sentou na tri-

peça num canto e toda aquela gente suando, medicos padeiros engenheiros rabulas polícias criadas focas assassinos Macunaíma, todos vieram botar as velas no chão rodeando a tripeça. As velas jogaram no této a sombra da mãi-de-santo imovel. Já quasi todos tinham tirado algumas roupas e o respiro ficara chiado por causa do cheiro de mistura budum coty pitium e o suor de todos. Então veio a vez de beber. E foi lá que Macunaíma provou pela primeira vez o cachirí temivel cujo nome é cachaça. Provou estalando com a lingua feliz e deu uma grande gargalhada.

Depois da bebida, entre bebidas, seguiram as rezas de invocação. Todos estavam inquietos ardentes desejando que um santo viesse na macumba daquela noite. Fazia já tempo que nenhum não vinha por mais que os outros pedissem. Porquê a macumba da tia Ciata não era que nem essas macumbas falsas não em que sempre o pai-de-terreiro fingia vir Xangô Ochosse qualquer, pra contentar os macumbeiros. Era uma macumba séria e quando santo aparecia aparecia de deveras sem nenhuma falsidade. Tia Ciata não permitia dessas desmoralisações no zungú dela e fazia mais de doze meses que Ogum nem Exú não apareciam no Mangue. Todos desejavam que Ogum viesse. Macunaíma queria Exú só pra se vingar de Venceslau Pietro Pietra.

Entre golinhos de abrideira, uns de joelhos outros de quatro, todas essas gentes seminuas reza-

vam em torno da feiticeira pedindo a aparição dum santo. A' meia-noite foram lá dentro comer o bode cuja cabeça e patas já estavam lá no pegí, na frente da imagem de Exú que era um tacurú de formiga com tres conchas fazendo olhos e boca. O bode fôra morto em honra do santo e salgado com pó de chifre e esporão de galo-de-briga. A mãi-de-santo puxou a comilança com respeito e tres pelo-sinais de atravessado. Toda a gente vendedores bibliofilos pés-rapados academicos banqueiros, todas essas gentes dansando em volta da mesa cantavam:

Bamba querê
Sai Aruê
Mongi gongô
Sai Orobô,
Êh!...

Ôh mungunzá
Bom acaçá
Vancê nhamanja
De pai Guenguê,
Êh!...

E conversando pagodeando devoraram o bode consagrado e cada qual buscando o garrafão de pinga dele porquê ninguem não podia beber no de outro, todos beberam muita caninha, muita! Macunaima dava grandes gargalhadas e de repente

derrubou vinho na mesa. Era sinal de alegrão pra êle e todos imaginavam que o heroi era o predestinado daquela noite santa. Não era não.

Nem bem reza recomeçou se viu pular no meio da saleta uma femea obrigando todos a silêncio com o gemido meio chôro e puxar um canto novo. Foi um tremor em todos e as velas jogaram a sombra da cunhã que nem monstro retorcido pro canto do této, era Exú! Ogan pelejava batendo tabaque pra perceber os ritmos dôidos do canto novo, canto livre, de notas afobadas cheio de saltos dificeis, extase maluco baixinho tremendo de furia. E a polaca muito pintada na cara, com as alças da combinação arrebentadas estremecia no centro da saleta, já com as gorduras quasi inteiramente nuas. Os peitos dela balangavam batendo nos ombros na cara e depois na barriga, juque! com estrondo. E a ruiva cantando cantando. Afinal a espuminha rolou dos beiços desmanchados, ela deu um grito que diminuiu o tamanhão da noite mais, caiu no santo e ficou dura.

Passou um tempo de silêncio sagrado. Então tia Ciata se levantou da tripeça que uma mazombinha substituiu no sufragante por um banco novo nunca sentado, agora pertencendo prá outra. A mãi-de-terreiro veio vindo veio vindo. Ogan vinha com ela. Todos os outros estavam de-pé se achatando nas paredes. Só tia Ciata veio vindo veio vindo e chegou junto do corpo duro da polaca no centro da saleta ali. A feiticeira tirou a roupa, fi-

cou nua, só com os colares os braceletes os brincos de contas de prata pingando nos ossos. Foi tirando da cuia que Ogan pegava, o sangue coalhado do bode comido e esfregando a pasta na cabeça da balala-ó. Mas quando derramou o efem verdento em riba, a dura se estorceu gemida e o cheiro iodado embebedou o ambiente. Então a mãi-de-santo entoou a reza sagrada de Exú, melopea monotona.

Quando acabou, a femea abriu os olhos, principiou se movendo bem diferente de já-hoje e não era mais femea era o cavalo do santo, era Exú. Era Exú, o romãozinho que viera ali com todos pra macumbar.

O par de nuas executava um jongo improvisado e festeiro que ritmavam os estralos dos ossos da tia, os juques dos peitos da gorda e Ogan com batidos chatos. Todos estavam nus tambem e se esperava a escolha do Filho de Exú pelo grande Cão presente. Jongo temivel... Macunaíma fremia de esperança querendo o cariapemba pra pedir uma tunda em Venceslau Pietro Pietra. Não se sabe o que deu nele de sopetão, entrou gingado no meio da sala derrubou Exú e caiu por cima brincando com vitória. E a consagração do Filho de Exú novo era celebrada por licenças de todos e todos se urarisaram em honra do filho novo do icá.

Terminada a cerimonia o diabo foi conduzido prá tripeça, principiando a adoração. Os ladrões os senadores os jecas os negros as senhoras os futeboleres, todos, vinham se rojando por debaixo

do pó alaranjando a saleta e depois de batida a cabeça com o lado esquerdo no chão, beijavam os joelhos beijavam todo o corpo do uamotí. A polaca vermelha tremendo rija pingando espuminha da boca em que todos molhavam o mata-piolho pra se benzerem de atravessado, gemia uns roncos regougados meio chôro meio gôso e não era polaca mais, era Exú, o juruparí mais macanudo daquela religião.

Depois que todos beijaram adoraram e se benzeram muito, foi a hora dos pedidos e promessas. Um carniceiro pediu pra todos comprarem a carne doente dele e Exú consentiu. Um fazendeiro pediu pra não ter mais saúva nem maleita no sítio dele e Exú se riu falando que isso não consentia não. Um namorista pediu prá pequena dele conseguir o lugar de professora municipal pra casarem e Exú consentiu. Um medico fez um discurso pedindo pra escrever com muita elegancia a fala portuguesa e Exú não consentiu. Assim. Afinal veio a vez de Macunaíma o filho novo do fute. E Macunaíma falou:

— Venho pedir pra meu pai por causa que estou muito contrariado.

— Como se chama? perguntou Exú.

— Macunaíma, o heroi.

— Uhum... o maioral resmungou, nome principiado por Ma tem má-sina...

Mas recebeu com carinho o heroi e prometeu tudo o que êle pedisse porquê Macunaíma era filho. E o heroi pediu que Exú fizesse sofrer Ven-

ceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente.

Então foi horroroso o que se passou. Exú pegou tres pausinhos de erva-cidreira benta por padre apóstata, jogou pro alto, fez encruzilhada, mandando o eu de Venceslau Pietro Pietra vir dentro dele Exú pra apanhar. Esperou um momento, o eu do gigante veio, entrou dentro da femea, e Exú mandou o filho dar a sova no eu que estava encarnado no corpo polaco. O heroi pegou uma tranca e chegou-a em Exú com vontade. Deu que mais deu. Exú gritava:

— Me espanca devagar
Que isto doi doi doi!
Tambem tenho familia
E isto doi doi doi!

Enfim roxo de pancada sangrando pelo nariz pela boca pelos ouvidos caiu desmaiando no chão. E era horroroso... Macunaíma ordenou que o eu do gigante fosse tomar um banho salgado e fervendo e o corpo de Exú fumegou molhando o terreno. E Macunaíma ordenou que o eu do gigante fosse pisando vidro através dum mato de urtiga e agarra-compadre até as grunhas da serra dos Andes pleno inverno e o corpo de Exú sangrou com lapos de vidro, unhadas de espinho e queimaduras de urtiga, ofegando de fadiga e tremendo de tanto frio. Era horroroso. E Macunaíma ordenou que o

eu de Venceslau Pietro Pietra recebesse o guampaço dum marruá, o coice dum bagual, a dentada dum jacaré e os ferrões de quarenta vezes quarenta mil formigas-de-fogo e o corpo de Exú retorceu sangrando empolando na terra, com uma carreira de dentes numa perna, com quarenta vezes quarenta mil ferroadas de formiga na pele já invisivel, com a testa quebrada pelo casco dum bagual e um furo de aspa aguda na barriga. A saleta se encheu dum cheiro intoleravel. E Exú gemia:

— Me chifra devagar
Que isto doi doi doi!
Tambem tenho familia
E isto doi doi doi!

Macunaíma ordenou muito tempo muitas coisas assim e tudo o eu de Venceslau Pietro Pietra aguentou pelo corpo de Exú. Afinal a vingança do heroi não poude mais inventar e parou. A femea só respirava levinho largada no chão de terra. Teve um silêncio fatigado. E era horroroso.

Lá no palacio da rua Maranhão em São Paulo tinha um correcorre sem parada. Vinham medicos veio Assistencia todos estavam desesperados. Venceslau Pietro Pietra sangrava todo urrando. Mostrava uma chifrada na barriga, quebrou a testa que parecia coice de potro, queimado enregelado mordido e todo cheio das manchas e galos duma sova de pau.

Na macumba continuava o silêncio de horror. Tia Ciata veio maneira e principiou rezando a reza maior do diabo. Era a reza sacrilega entre todas, que se errando uma palavra dá morte, a reza do Padre Nosso Exú:

— Padre Exú achado nosso que vós estais no trezeno inferno da esquerda de baixo, nois te quereremo muito, nois tudo!

— Quereremos! quereremos!

— ... O pai nosso Exú de cada dia nos dai hoje, seja feita vossa vontade assim tambem no terreiro da sanzala que pertence pro nosso padre Exú, por todo o sempre que assim seja, amen!... Gloria prá patria gêge de Exú!

— Gloria pro fio de Exú!

Macunaíma agradeceu. A tia acabou:

— Chico-t-era um principe gêge que virou nosso padre Exú dos seculo seculóro pra sempre que assim seja, amen.

— Pra sempre que assim seja, amen!

Exú ia sarando sarando, tudo foi desaparecendo por encanto quando a caninha circulou e o corpo da polaca virou são outra vez. Se escutou uma bulha tamanha e tomou o espaço um cheiro de breu queimado enquanto a femea deitava pela boca um anel de azeviche. Então voltou do desmaio vermelha gorda só que mui fatigada e agora estava só a polaca ali, Exú tinha ido embora.

E pra acabar todos fizeram a festa juntos comendo bom presunto e dansando um samba de

arromba em que todas essas gentes se alegraram com muitas pandegas liberdosas. Então tudo acabou se fazendo a vida real. E os macumbeiros, Macunaíma, Jaime Ovalle, Dôdô, Manú Bandeira, Blaise Cendrars, Ascenso Ferreira, Ricardo Bopp, Antonio Bento, todos êsses macumbeiros sairam na madrugada.

VIII

VEI, A SOL

Macunaíma ia seguindo e topou com a árvore Volomã bem alta. Num galho estava um pitiguarí que nem bem enxergou o heroi, se desguelou cantando — "Olha no caminho quem vem! Olha no caminho quem vem!" Macunaíma olhou pra cima com intenção de agradecer mas Volomã estava cheínha de fruta. O heroi vinha dando horas de tanta fome e a barriga dele empacou espiando aquelas sapotas sapotilhas sapotis bacurís abricôs mucajás miritis guabijús melancias ariticuns, todas essas frutas.

— Volomã, me dá uma fruta, Macunaíma pediu.

O pau não quis dar. Então o heroi gritou duas feitas:

— Boiôiô, boiôiô! quizama quisú!

Cairam todas as frutas e êle comeu bem. Volomã ficou com odio. Pegou o heroi pelos pés e atirou-o pra alem da baía de Guanabara numa ilhota deserta antigamente habitada pela ninfa Alamoa que veio com os holandeses. Macunaíma pendia tanto de fadiga que pegou no sono durante o pulo.

Caiu dormindo em baixo duma palmeirinha guairô muito aromada onde um urubú estava encarapitado.

Ora o passaro careceu de fazer necessidade, fez e o heroi ficou escorrendo sujeira de urubú. Já era de-madrugadinha e o tempo estava inteiramente frio. Macunaíma acordou tremendo, todo enlambusado. Assim mesmo examinou bem a pedra mirim da ilhota pra ver si não havia alguma cova com dinheiro enterrado. Não havia não. Nem a correntinha encantada de prata que indica pro escolhido, tezouro de holandês. Havia só as formigas jaquitaguas ruivinhas.

Então passou Caiuanogue, a estrêla-da-manhã. Macunaíma já meio enjoado de tanto viver pediu pra ela que o carregasse pro céu. Caiuanogue foi se chegando porêm o heroi fedia muito.

— Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

Assim nasceu a expressão "Vá tomar banho!" que os brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus.

Vinha passando Capêi, a Lua. Macunaíma gritou pra ela:

— Sua benção, dindinha Lua!

— Uhúm... que ela secundou.

Então êle pediu prá Lua que o carregasse prá ilha de Marajó. Capêi veio chegando porêm Macunaíma estava mesmo fedendo por demais.

— Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

E a expressão se fixou definitivamente.

Macunaíma gritou pra Capêi que pelo menos desse um foguinho pra êle aquecer.

— Peça no vizinho! ela fez apontando prá Sol que já vinha lá no longe remando pelo paraná guassú. E foi-se embora.

Macunaíma tremia que mais tremia e o urubú sempre fazendo necessidade em riba dele. Era por causa da pedra ser muito pequetitinha. Vei vinha chegando vermelha e toda molhada de suor. E Vei era a Sol. Foi muito bom pra Macunaíma porquê lá em casa êle sempre dera presentinhos de bolo-de-aipim prá Sol lamber secando.

Vei tomou Macunaíma na jangada que tinha uma vela cor-de-ferrugem pintada com murucí e fez as tres filhas limparem o heroi, catarem os carrapatos e examinarem si as unhas dele estavam limpas. E Macunaíma ficou alinhado outra vez. Porêm por causa dela estar velha vermelha e tão suando o heroi não maliciava que a coroca era mesmo a Sol, a boa da Sol poncho dos pobres. Por isso pediu pra ela que chamasse Vei com seu calor porquê êle estava lavadinho bem mas tremendo de frio. Vei era a Sol mesmo e andava matinando fazer Macunaíma genro dela. Só que inda não podia aquentar ninguem não porquê era cedo por demais, não tinha fôrça. Pra distrair a espera assobiou dum geito e as tres filhas dela fizeram muitos cafunés e cosquinhas no corpo todo do heroi.

Ele dava risadas chatas, se espremendo de cocegas e gostando muito. Quando elas paravam pe-

dia mais estorcendo já de antegôso. Vei pôs reparo na senvergonhice do heroi, teve raiva. Foi ficando sem vontade de tirar fogo do corpo e esquentar ninguem. Então as cunhatãs agarraram na mãi, amarraram bem ela e Macunaíma dando muitos munhecaços na barriga da bruaca saiu que saiu um fogaréu por detrás e todos se aquentaram.

Principiou um calorão que tomou a jangada, se alastrou nas aguas e doirou a face limpa do ar. Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo...

— Ai... que preguiça...

o heroi suspirou. Se ouvia o murmurejo da onda, só. Veio um enfaro feliz subindo pelo corpo do heroi, era bom... A cunhatã mais moça batia o urucungo que a mãi trouxera da Africa. Era vasto o paraná e não tinha uma nuvem na gupiara elevada do céu. Macunaíma cruzou as munhecas no alto por detrás fazendo um cabeceiro com as mãos e enquanto a filha-da-luz mais velha afastava os mosquitos borrachudos em quantidade, a terceira chinoca com as pontas das tranças fazia estremecer de gôsto a barriga do heroi. E era se rindo em felicidade plena, parando pra gosar de estrofe em estrofe que êle cantava assim:

Quando eu morrer não me chores,
Deixo a vida sem sodade;
— Mandú sarará,
Tive por pai o destêrro,

Por mãi a infelicidade,
— Mandú sarará...

Papai chegou e me disse:
— Não has de ter um amor!
— Mandú sarará...
Mamãi veio e me botou
Um colar feito de dor,
— Mandú sarará...

Que o tatú prepare a cova
Dos seus dentes desdentados,
— Mandú sarará...
Para o mais desinfeliz
De todos os desgraçados,
— Mandú sarará...

Era bom... O corpo dele relumeava de oiro cinzando nos cristaisinhos do sal e por causa do cheiro da maresia, por causa do remo pachorrento de Vei, e com a barriga assim mexemexendo com cosquinhas de mulher, ah!... Macunaíma gosou do nosso gôso, ah!... "Puxavante! que filha-duma-.... de gostosura, gente!" exclamou. E cerrando os olhos malandros e com a boca rindo num riso moleque safado de tanta vida boa, o heroi gostou gostou e adormeceu.

Quando a jacumã de Vei não embalou mais o sono dele Macunaíma acordou. Lá no longe se per-

cebia mais que tudo um arranhacéu cor-de-rosa. A jangada estava abicada na caiçara do grande mocambo do Rio de Janeiro.

Ali mesmo na beira dagua tinha um cerradão comprido cheinho da árvore pau-brasil e com palacios de cor nos dois lados. E o cerradão era a avenida Rio Branco. Aí que mora Vei a Sol com suas tres filhas de luz. Vei queria que Macunaíma ficasse genro dela porquê afinal das contas êle era um heroi e tinha dado tanto bolo-de-aipim pra ela chupar secando, falou:

— Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Baía. Mas porêm você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhãs por aí não.

Macunaíma agradeceu e prometeu que sim jurando pela memoria da mãi dele. Então Vei saiu com as tres filhas pra fazer o dia no cerradão, ordenando mais uma vez que Macunaíma não saisse da jangada pra não andar brincando com as outras cunhãs por aí. Macunaíma tornou a prometer jurando outra vez pela mãi.

Nem bem Vei com as tres filhas entraram no cerradão que Macunaíma ficou cheio de vontade de ir brincar com uma cunhã. Acendeu um cigarro e a vontade foi subindo. Lá por debaixo das árvores passavam muitas cunhãs cunhé cunhé se mexemexendo com talento e formosura.

— Pois que fogo devore tudo! Macunaíma ex-

clamou. Não sou frouxo agora pra mulher me fazer mal!

E uma luz vasta brilhou no cerebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da patria decretou solene:

— POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!

Pulou da jangada no sufragante, foi fazer continencia diante da imagem de Santo Antonio que era capitão de regimento e depois deu em cima de todas as cunhãs por aí. Logo topou com uma que fôra varina lá na terrinha do compadre chegadinho chegadinho e inda cheirava no-mais! um fartum bem de peixe. Macunaíma piscou pra ela e os dois vieram na jangada brincar. Fizeram. Bastante êles brincaram. Agora estão se rindó um pro outro.

Quando Vei com suas tres filhas chegaram do dia e era a boca-da-noite as moças que vinham na frente encontraram Macunaíma e a portuguesa brincando mais. Então as tres filhas de luz se zangaram:

— Então é assim que se faz, heroi! Pois nossa mãi Vei não falou pra você não sair da jangada e não ir brincar com as outras cunhãs por aí?!

— Estava muito tristinho! o heroi fez.

— Não tem que tristinho nem mané tristinho, heroi! Agora que você vai tomar um pito de nossa mãi Vei.

E viraram muito zangadas prá velha:

— Veja, nossa mãi Vei, o que vosso genro fez! Nem bem a gente foi no cerradão que êle escapoliu, deu em cima duma boa, trouxe ela na vossa jangada e brincaram até mais não! Agora estão se rindo um pro outro!

Então a Sol se queimou e ralhou assim:

— Ara ara ara, meus cuidados! Pois não falei pra você não dar em cima de nenhuma cunhã não!... Falei sim. E inda por cima você brinca com ela na jangada minha e agora estão se rindo um pro outro!

— Estava muito tristinho! Macunaíma repetiu.

— Pois si você tivesse me obedecido casava com uma das minhas filhas e havia de ser sempre moço e bonitão. Agora você fica pouco tempo moço talqualmente os outros homens e depois vai ficando mocetudo e sem graça nenhuma.

Macunaíma sentiu vontade de chorar. Suspirou:

— Si eu subesse...

— O "si eu subesse" é santo que nunca não valeu pra ninguem, meus cuidados! Você o que é mas é muito safadinho, isso sim! Não te dou mais nenhuma das minhas tres filhas não!

D'aí Macunaíma pisou nos calos tambem:

— Pois nem eu queria nenhuma das tres, sabe! Tres, o diabo fez!

Então Vei com as tres filhas foram pedir pou-

so num hotel e deixaram Macunaíma dormir com a portuga na jangada.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada veio a Sol com as moças pra darem o passeio na baía e encontraram Macunaíma com a portuguesa inda pegados no sono. Vei acordou os dois e fez presente da pedra Vató pra Macunaíma. E a pedra Vató dá fogo quando a gente quer. E lá se foi a Sol com as tres filhas de luz.

Macunaíma inda passou êsse dia brincando com a varina pela cidade. Quando foi de-noite êles estavam dormindo num banco do Flamengo quando chegou uma assombração medonha. Era Mianiquê-Teibê que vinha pra engulir o heroi. Respirava com os dedos, escutava pelo umbigo e tinha os olhos no lugar das mamicas. A boca era duas bocas e estavam escondidas na dobra interior dos dedos dos pés. Macunaíma acordou com o cheiro da assombração e jogou no viado Flamengo fora. Então Mianiquê-Teibê comeu a varina e foi-se.

No outro dia Macunaíma não achou mais graça na capital da Republica. Trocou a pedra Vató por um retrato no jornal e voltou prá taba do igarapé Tietê.

IX

CARTA PRÁS ICAMIABAS

A's mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas.

Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis, em São Paulo.

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saùdade e muito amor, com desagradavel nova. E' bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por "icamiabas", voz espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós, se afirma, cavalgardes ginetes belígeros e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates da erudição, porêm heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa plátina respeitavel da tradição e da pureza antiga.

Mas não devemos esperdiçarmos vosso tempo

fero, e muito menos conturbarmos vosso entendimento, com notícias de mau calibre; passamos pois, imediato, ao relato dos nossos feitos por cá.

Nem cinco sois eram passados que de vós nos partiramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre nós. Por uma bela noite dos idos de Maio do ano translato, perdiamos a muiraquitã; que outrem grafara muraqüitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitan. Haveis de saber que êsse vocábulo, tão familiar ás vossas trompas de Eustaquio, é quasi desconhecido por aqui. Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se policias, *grilos*, guardas-civicas, *boxistas*, *legalistas*, *masorqueiros*, etc.; sendo que alguns dêsses termos são neologismos absurdos — bagaço nefando, com que os desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretearmos "sub tegmine fagi", sobre a lingua portuguesa, tambem chamada lusitana. O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavorticas damas para o enlace epitalamico; mas antes as preferem doceis e facilmente trocaveis por pequeninas e volateis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro — o "curriculum vitae" da Civilização, a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos. Assim a palavra muiraquitã, que fere já os ouvidos latinos do vosso Imperador, é desconhecida dos guerreiros, e de todos em geral que por estas partes respiram. Apenas

alguns "sugeitos de importáncia em virtude e letras", como já dizia o bom velhinho e clássico frei Luis de Sousa, citado pelo doutor Rui Barbosa, ainda sobre as muiraquitãs projectam as suas luzes, para aquilata-las de medíocre valia, originárias da Asia, e não de vossos dedos violentos no polir.

Estavamos ainda abatido por termos perdido a nossa muiraquitã, em forma de sáurio, quando talvez por algum influxo metapsíquico, ou, *qui lo sá*, provocado por algum libido saùdoso, como explica o sábio tudesco, doutor Sigmund Freud, (lede Froide), se nos deparou em sonho um arcanjo maravilhoso. Por êle soubemos que o talismã perdido, estava nas dilectas mãos do doutor Venceslau Pietro Pietra, subdito do Vice-Reinado do Perú, e de origem francamente florentina, como os Cavalcantis de Pernambuco. E como o doutor demorasse na ilustre cidade anchietana, sem demora nos partimos para cá, em busca do velocino roubado. As nossas relações actuais com o doutor Venceslau são as mais lisongeiras possíveis; e sem dúvida mui para breve recebereis a grata nova de que hemos reavido o talismã; *e por ela vos pediremos alvíçaras.*

Porquê, súbditas dilectas, é incontestavel que Nós, Imperator vosso, nos achamos em condição precária. O tezouro que d'aí trouxemos, foi-nos de mister converte-lo na moeda corrente do país; e tal conversão muito nos ha dificultado o mantenimen-

to, devido ás oscilações do Cámbio e á baixa do cacau.

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam á pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que á chuvas do vil metal, repuxos brazonados de *champagne*, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente dão o nome de lagostas. E que monstros encantados, senhoras Amazonas!! Duma carapaça polida e sobrosada, feita a modo de casco de nau, saem braços, tentáculos e cauda remígeros, de muitos feitios; de modo que o pesado engenho, deposto num prato de porcelana de Sêvres, se nos antoja qual velejante trireme a bordeisjar agua de Nilo, trazendo no bojo o corpo inestimável de Cleópatra.

Ponde tento na acentuação dêste vocábulo, senhoras Amazonas, pois muito nos pesara não preferisseis conosco, essa pronúncia, condizente com a lição dos clássicos, á pronúncia Cleopátra, dicção mais moderna; e que alguns vocabulistas levianamente subscrevem, sem que se apercebam de que é ganga desprezivel, que nos trazem, com o enxurro de França, os galiparlas de má morte.

Pois é com êsse delicado monstro, vencedor dos mais delicados véus paladinos, que as donas de cá tombam nos leitos nupciais. *Assim haveis de compreender de que alviçaras falàmos;* porquê as lagostas são caríssimas, caríssimas súbditas, e algumas hemos nós adquiridas por sessenta contos e mais; o que, convertido em vossa moeda tradi-

cional, alcança a vultuosa soma de oitenta milhões de bagos de cacau. Bem podereis conceber, pois, quanto hemos já gasto; e que já estamos carecido do vil metal, para brincar com tais dificeis donas. Bem quiseramos impormos á nossa ardida chama uma abstinência, penosa embora, para vos poupar-mos despesas; porêm que ánimo forte não cedera ante os encantos e galanteios de tão agradaveis pastoras!

Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhe acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que, a de nenhuma outra cedem pelo formoso do torneado e pelo tom. São sempre alvíssimas as donas de cá; e tais e tantas habilidades demonstram no brincar, que enumera-las, aquí, seria fastiento porventura; e, certamente, quebraria os mandamentos de discreção, que em relação de Imperator para súbditas se requer. Que beldades! Que elegancia! Que *cachet!* Que *degagé* flamífero, ignívomo, devorador!! Só pensamos nelas, muito embora não nos descuidemos, relapso, da nossa muiraquitã.

Nós, nos parece, ilustres Amazonas, que assás ganharieis em aprenderdes com elas, as condescendencias, os brincos e passes do Amor. Deixarieis então a vossa orgulhosa e solitária Lei por mais amaveis mesteres em que o Beijo sublima, as Volúpias encandecem, e se demonstra gloriosa, "urbi et orbe", a subtil fôrça do *Odor di Femia,* como escrevem os italianos.

E já que nos detivemos neste delicado assunto, não no abandonaremos sem mais alguns reparos, que vos poderão ser úteis. As donas de São Paulo, sobre serem mui formosas e sábias, não se contentam com os dons e excelencia que a Natura lhe concedeu; assás se preocupam elas de si mesmas; e não puderam acabarem consigo, que não mandassem vir de todas as partes do globo, tudo o que de mais sublimado e gentil acrisolou a sciencia feminina das civilisações avitas. Assim é que chamaram mestras da velha Europa, e sobretudo de França, e com elas aprenderam a passarem o tempo de maneira bem diversa da vossa. Ora se alimpam, e gastam horas nêsse delicado mester, ora encantam os convívios teatrais da sociedade, ora não fazem coisa alguma; e nêsses trabalhos passam elas o dia tão entretecidas e afanosas que, em chegando a noute, mal lhes sobra vagar para brincarem e presto se entregam nos braços de Orfeu, como se diz. Mas heis de saber, senhoras minhas, que por cá dia e noute divergem singularmente do vosso horário belígero; o dia começa quando para vós é o pino dêle, e a noute, quando estais no quarto sono vosso, que, por derradeiro, é o mais reparador.

Tudo isso as donas paulistanas aprenderam com as mestras de França; e mais o polimento das unhas e crescimento delas, bem como aliás "horresco referens", das demais partes corneas dos seus

companheiros legais. Deixai que passe esta florida ironia!

E muito ha que vos diga ainda sobre o geito com que cortam as comas, de tal maneira gracioso e viril, que mais se assemelham elas a éfebos e Antínous, de perversa memória, que a matronas de tão directa progénie latina. Todavia, convireis conosco, no desacêrto de longas tranças por cá, si atenderdes ao que mais atrás ficou dito; pois que os doutores de São Paulo não derribam as suas requestadas pela fôrça, senão que a trôco de oiro e de locustas, as ditas comas são de somenos; acrescendo ainda que assim se amainam os males, que tais comas acarretam, de serem moradia e pasto habitual de insectos mui daninhos, como entre vós se dá.

Pois não contentes de terem aprendido de França, as subtilezas e passes da galantaria á Luis XV, as donas paulistanas importam das regiões mais inhóspitas o que lhes acrescente ao sabor, tais como pèzinhos niponicos, rubis da índia, desenvolturas norteamericanas; e muitas outras sabedorias e tezoiros internacionais.

Já agora vos falaremos ainda, bem que por alto, dum nitente armento de senhoras, originárias da Polónia, que aqui demoram e imperam generosamente. São elas mui alentadas no porte e mais numerosas que as areias do mar oceano. Como vós, senhoras Amazonas, tais damas formam um gineceu; estando os homens que em suas casas delas

habitam, reduzidos escravos e condenados ao vil ofício de servirem. E por isso não se lhes chamam homens, sinão que á voz espúria de *garçons* respondem; e são assás polidos e silentes, e sempre do mesmo indumento gravebundo trajam.

Vivem essas damas encasteladas num mesmo local, a que chamam por cá de quarteirão, e mesmo de pensões ou "zona estragada"; sobrelevando notar que a derradeira destas expressões não caberia, por indina, nesta notícia sobre as coisas de São Paulo, não fôra o nosso anseio de sermos exacto e conhecedor. Porêm si, como vós, formam essas queridas senhoras um clan de mulheres, muito de vós se apartam no físico, no género de vida e nos ideais. Assim vos diremos que vivem á noute, e se não dão aos afazeres de Marte nem queimam o dextro seio, mas a Mercúrio cortejam tão sòmente; e quanto aos seios, deixam-nos evolverem, á feição de gigantescos e flácidos pomos, que, si lhes não accrescentam ao donaire, servem para numerosos e árduos trabalhos de excelente virtude e prodigiosa excitação.

Ainda lhes difere o físico, tanto ou quanto monstruoso, bem que de amavel monstruosidade, por terem elas o cérebro nas partes pudendas, e, como tão bem se diz em linguagem madrigalesca, o coração nas mãos.

Falam numerosas e mui rapidas linguas; são viajadas e educadíssimas; sempre todas obedientes por igual, embora ricamente dispares entre si,

quais loiras, quais morenas, quais fosse *maigres*, quais rotundas; e de tal sorte abundantes no número e diversidade, que muito nos preocupa a razão, o serem todas e tantas, originais dum país sómente. Acresce ainda que a todas se lhes dão o excitante, embora injusto, epíteto de "francesas". A nossa desconfiança é que essas damas não se originaram todas na Polónia, porêm que faltam á verdade, e são iberas, itálicas, germanicas, turcas, argentinas, peruanas, e de todas as outras partes férteis de um e outro hemisfério.

Muito estimariamos que compartilhasseis da nossa desconfiança, senhoras Amazonas; e que convidasseis tambem algumas dessas damas para demorarem nos vossas terras e Imperio nosso, por que aprendais com elas um moderno e mais rendoso género de vida, que muito fará avultar os tezoiros do vosso Imperador. E mesmo si não quiserdes largar mão da vossa solitária Lei, sempre a existéncia de algumas centenas dessas damas entre vós, muito nos facilitará o "modus in rebus", quando for do nosso retorno ao Imperio do Mato Virgem, cujo êste nome, aliás, proporiamos se mudasse para Imperio da Mata Virgem, mais condizente com a lição dos clássicos.

Todavia para terminar negócio tão principal, hemos por bem advertir-vos dum perigo que essa importação acarretara, si não aceitasseis alguns doutores possantes nos limites do Estado, emquanto dêle estivermos apartado. Com serem essas da-

mas mui fogosas e livres; bem pudera pesar-lhes em demasia o sequestro inconsequente em que viveis, e, por não perderem elas as sciéncias e segrêdos que lhes dão o pão, bem poderiam ir ao extremo de utilisarem-se das bêstas feras, dos bogios, dos tapires e dos solertes candirús. E muito mais ainda nos pesaria á consciéncia e sentimento nobre do dever que vós, súbditas nossas, aprendasseis com elas certas abusões, tal como foi com as companheiras da gentil declamadora Safô na ilha rósea de Lesbos — vicios êsses que não suportam crítica á luz das possibilidades humanas, e muito menos o escalpelo da rígida e sã moral.

Como vedes, assás hemos aproveitado esta demora na ilustre terra anchietana, e si não descuidàmos do nosso talismã, por certo que não poupàmos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilisação latina, por que iniciemos, quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de milhoramentos, que, muito nos facilitarão a existencia, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as mais cultas do Universo. E por isso agora vos diremos algo sobre esta nobre cidade, pois que pretendemos construir uma igual nos vossos domínios e Imperio nosso.

E' São Paulo construida sobre sete colinas, á feição tradicional de Roma, a cidade cesárea, "capita" da Latinidade de que provimos; e beija-lhe os pés a grácil e inquieta linfa do Tietê. As aguas

são magníficas, os ares tão amenos quanto os de Aquisgrana ou de Anverres, e a área tão a êles igual em salubridade e abundáncia, que bem se podera afirmar, ao modo fino dos cronistas, que de tres AAA se gera expontaneamente a fauna urbana.

Cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas e tomadas por estátuas e lampeões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuindo com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população. Assim se obtem o efeito dum grande acúmulo de gentes, ao qual nenhum se comparara entre as demais cidades terrestres; ao mesmo tempo que os edis dispoem de largo assunto com que ganhem dias honrados e a admiração de todos, com surtos de eloquéncia do mais puro estilo e sublimado lavor.

As ditas artérias são todas recamadas de ricocheteantes papeisinhos e velívolas cascas de fruitos; e em principal duma finíssima poeira, e mui dansarina, em que se despargem diariamente mil e uma espécimens de vorazes macróbios, que dizimam a população. Por essa forma resolveram, os nossos maiores, o problema da circulação; pois que tais insectos devoram as mesquinhas vidas da ralé e impedem o acúmulo de desocupados e operários; e assim se conservam sempre as gentes em número igual. E não contentes com essa poeira ser erguida pelo andar dos pedestrianistas e por urrantes má-

quinas a que chamam "automoveis" e "electricos", (empregam alguns a palavra *Bond*, voz espúria, vinda certamente do inglês) contractaram os diligentes edis, uns antropoides, monstros hipocentaureos azulegos e monótonos, a que congloba o título de Limpeza Pública; que "per amica silencia lunae", quando cessa o movimento e o pó descansa inócuo, saem das suas mansões, e, com os rabos girantes a modo de vassouras cilíndricas, puxadas por muares, soerguem do asfalto a poeira e tiram os insectos do sono, e os concitam á actividade com largos gestos e grita formidanda. Êstes afazeres nocturnos são discretamente conduzidos por pequeninas luzes, dispostas de longe em longe, de maneira a permanecer quasi total a escuridade, não perturbem elas os trabalhos de malfeitores e ladrões.

A cópia dêstes se nos afigura realmente excessiva; e temos que são a única usança que não se coaduna com nosso temperamento, ordeiro e pacífico de seu natural. E a vós, senhoras Amazonas, hemos por bem confessarmos que se nos antojaria mais grata a vida nocturna desta *urbs*, si expulgada de tão agressiva grei. Porêm, longe de nós qualquer reproche aos dominadores de São Paulo, pois sabemos muito bem que aos valorosos paulistas, são aprazíveis tais malfeitores e suas artes. São os paulistas gente ardida e avalentoada, e muito afeita ás agruras da guerra. Vivem em combates singulares e colectivos, todos armados da cabeça aos

pés; assim, assás numerosos são os distúrbios por cá, em que, não raro, tombam na arena da luta, centenas de milhares de herois, chamados bandeirantes.

Pelo mesmo motivo São Paulo está dotada de mui aguerrida e vultuosa Polícia, que habita palácios brancos de custosa engenharia. A essa Polícia compete ainda equilibrar os excessos da riqueza pública, por se não desvalorizar o oiro incontável da Nação; e tal diligéncia emprega nêsse afan, que, por todos os lados devora os dinheiros nacionais, quer em paradas e roupagens luzidas, quer em ginasticas da recomendavel Eugenia, que inda não tivemos o prazer de conhecer; quer finalmente atacando os incautos burgueses que regressam do seu teatro, do seu cinema, ou dão a sua volta de automovel pelos vergeis amenos que circundam a capital. A essa Polícia ainda lhe compete divertir a classe das criadinhas paulistanas; e para seu lustre se diga que o faz com jornaleiro préstimo, em parques, construidos "ad hoc", tais como o parque de Dom Pedro Segundo e o Jardim da Luz. E quando o numerário dessa Polícia avulta, são os seus homens enviados para as rechãs longinquas e menos férteis da pátria, para serem devorados por súcias de gigantes antropófagos, que infestam a nossa geografia, na inglória tarefa de ruir por terra Govêrnos honestos; e de pleno gôsto e assentimento geral da população, como se descrimina das urnas e dos ágapes governamentais. Êsses *masor-*

queiros pegam nos polícias, assam-nos e comem-nos ao geito alemão; e as ossadas caídas na terra maninha são excelente adubo de futuros cafèzais.

Assim tão bem organisados vivem e prosperam os paulistas na mais perfeita ordem e progresso; e lhes não é escasso o tempo para construirem generosos hospitais, atraindo para cá todos os leprosos sulamericanos, mineiros, paraibanos, peruanos, bolivianos, chilenos, paraguaios, que, antes de ir morarem nêsses lindíssimos leprosários, e serem servidos por donas de duvidosa e decadente beldade — sempre donas! — animam as estradas do Estado e as ruas da capital, em garridas comitivas equestres ou em maratonas soberbas que são o orgulho de nossa raça desportiva, em cujo conspeito pulsa o sangue das heroicas bigas e quadrigas latinas!

Porêm, senhoras minhas! Inda tanto nos sobra, por êste grandioso país, de doenças e insectos por cuidar!... Tudo vai num descalabro sem comedimento, e estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes! Em breve seremos novamente uma colónia da Inglaterra ou da America do Norte!... Por isso e para eterna lembrança dêstes paulistas, que são a unica gente útil do país, como bem se verifica desta notícia, nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça:

"POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA
OS MALES DO BRASIL SÃO."

Êste dístico é que houvemos por bem escrevermos no livro de Visitantes Ilustres do Instituto Butantã, quando foi da nossa visita a êsse estabelecimento famoso na Europa.

Moram os paulistanos em palácios alterosos de cincoenta, cem e mais andares, a que, nas épocas da procreação, invadem umas nuvens de mosquitos pernilongos, de vária espécie, muito ao gôsto dos nativos, mordendo os homens e as senhoras com tanta propriedade nos seus distintivos, que não precisam êles e elas das cáusticas urtigas para as massagens de excitação, tal como entre os selvícolas é de uso. Os pernilongos se encarregam dessa faina; e obram tais milagres que, nos bairros miseráveis, surge anualmente uma incontável multidão de rapazes e raparigas bulhentos, a que chamamos "italianinhos"; destinados a alimentarem as fábricas dos áureos potentados, e a servirem, escravos, o descanso aromático dos Cresos.

Êstes e outros multimilionários é que ergueram em torno da *urbs* as doze mil fábricas de seda, e no recesso dela os famosos Cafés maiores do mundo, todos de obra de talha em jacarandá folhado de oiro, com embutidos de salsas tartarugas. Soberbos plátanos gigantes e gigantes *Ficus* soberbos revestem o pavimento fronteiro a êsses Cafés, de nemoroso olor; e em chegando a estação

hiemal, milhares de lagartas habilmente criadas, roem as folhas que a Prefeitura deixa artisticamente sobre as ruas não só para diminuir o traumaturgo dos veículos, como para que os bardos cantem, nas suas harpas e liras afinadas, a bela quadra outonal. E o Palácio do Govêrno é todo de oiro, á feição dos da Rainha do Adriático; e, em carruagens de prata, forradas de peles finíssimas, o Presidente, que mantem muitas espôsas, passeia, ao cair das tardes, sorrindo com vagar.

De outras e muitas grandezas vos poderiamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fôra perlongar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terraquea, muito hemos feito em favor dêstes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no siléncio, uma curiosidade original dêste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa lingua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surprêza e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e fôrça nas apóstrofes, e tambem nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiràmos, solícito; e nos será grata emprêsa vo-

las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível lingua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperescível galhardia, se intitula: lingua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos ha-de ser grato ter sciéncia, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que á grande e quasi total maioria, nem essas duas linguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da *urbs* é versado. De tudo nos inteiràmos satisfactoriamente, graças aos deuses; e muitas horas hemos ganho, discreteando sobre o *z* do termo Brazil e a questão do pronome "se". Outrosim, hemos adquirido muitos livros bilingues, chamados "burros", e o dicionário Pequeno Larousse; e já estamos em condições de citarmos no original latino muitas frases célebres dos filosofos e os testículos da Biblia.

Tambem temos feito muitos discursos de improviso, como é da usança de cá, em ágapes, sodalícios e reuniões familiares. No Brazil todos são oradores natos, e falam sempre de improviso, pronunciando com facilidade graciosa de dicção e rara eloquéncia, a aluvião de palavras que lhes brotam, enternecedoras, dos lábios. Pois a êsse

costume tambem nos demos agora, e ha já quem nos compare a Silveira Martins, que ainda não conhecemos, e ao grande morto, o doutor Rui Barbosa. E não por inútil tomarieis tal habilidade, si souberdes que ela assás nos ha facilitado a futura posse da muiraquitã.

Enfim, senhoras Amazonas, heis de saber ainda que a êstes progressos e luzida civilização, hão elevado esta grande cidade os seus maiores, tambem chamados de políticos. Com êste apelativo se designa uma raça refinadissima de doutores, tão desconhecidos de vós, que os dirieis monstros. Monstros são na verdade; e embora algo com os homens se pareçam, originam-se êles dos reais *uirauassús* e muito pouco têm de humanos. São os políticos mui afáveis no tracto e de sereno aspeito. Nenhumas das virtudes urbanas lhe falecem, rezam todos pela mesma cartilha; e, pelas mesmas origens, são todos valentes, ilustrados e desprendidos de suas pessoas e fazenda. Consideram-nos os naturalistas como rapaces da ordem dos marsupiais e do género roedor prolífico; verdadeiramente invencíveis pelo número e pelo físico de grande vulto e bizarria. No lábio superior lhes cresce uma cabeleira velutínea a que chamam bigodes; são em geral de muito pelo, pelo que trazem o dorço sempre quente; possuem dez dedos em cada mão, duas linguas, e, em lugar de ventre, uma bolsa igual á dos gambás, e a que chamam cofre-forte.

Voam regularmente, são omnívoros e de geração expontánea; e nascem dentro dessas bôlsas de ventre, nelas mamam e evolucionam, té poderem procurar o patíbulo alimentar por suas próprias e doces mãos. Apesar das duas linguas que possuem, raro falam e quiçá conspicuamente. Alguns ha que são mudos. Obedecem todos a um imperador, chamado Papai Grande na gíria familiar, e que demora na oceánica cidade do Rio de Janeiro — a mais bela do mundo, na opinião de todos os estrangeiros poetas, e que por meus olhos verifiquei.

Finalmente, senhoras Amazonas e muito amadas súbditas, assás hemos sofrido e curtido árduos e constantes pezares, depois que os deveres da nossa posição, nos apartaram do Imperio do Mato Virgem. Por cá tudo são delicias e venturas, porêm nenhum gôso teremos e nenhum descanso, emquanto não reouvermos o perdido talismã. Hemos por bem repetir entretanto que as nossas relações com o doutor Venceslau são as milhores possíveis, que as negociações estão entaboladas e perfeitamente encaminhadas; e bem poderieis enviar de antemão as alvíçaras que enunciàmos atrás. Com pouco o vosso abstémio Imperador se contenta; si não puderdes enviar duzentas igaras cheias de bagos de cacau, mandai cem, ou mesmo cincoenta.

Recebei a benção do vosso Imperador e mais saúde e fraternidade. Acatai com respeito e obediência estas mal traçadas linhas; e, principalmen-

te, não vos esqueçais das alviçaras e das polonesas, de que muito hemos mister.

Ci guarde a Vossas Excias.

Macunaíma,
Imperator.

X

PAUI'-PÓDOLE

Venceslau Pietro Pietra ficara muito doente com a sova e estava todo envolvido em rama de algodão. Passou meses na rede. Macunaíma não podia nem dar passo pra conseguir a muiraquitã agora guardada dentro do caramujo por debaixo do corpo do gigante. Imaginou botar formiga cupim no chinelo do outro porquê isso traz morte, dizem, porêm Piaimã tinha pé pra trás e não usava chinelo. Macunaíma estava muito contrariado com aquele chove-não-molha e passava o dia na rede mastigando beijú membeca entre codorios longos de restilo. Nesse tempo veio pedir pousada na pensão o indio Antonio santo famoso com a companheira dele, Mãi de Deus. Foi visitar Macunaíma, fez discurso e batisou o heroi diante do deus que havia de vir e tinha forma nem bem de peixe nem bem de anta. Foi assim que Macunaíma entrou prá religião Caraimonhaga que estava fazendo furor no sertão da Baía.

Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas linguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito. Já sabia nome de tudo.

Uma feita era dia da Flor, festa inventada pros brasileiros serem caridosos e tinha tantos mosquitos carapanãs que Macunaíma largou do estudo e foi na cidade refrescar as ideas. Foi e viu um despropósito de coisas. Parava em cada vitrina e examinava dentro dela aquela porção de monstros, tantos que até parecia a serra do Ererê onde tudo se refugiou quando a enchente grande inundou o mundo. Macunaíma passeava passeava e encontrou uma cunhatã com uma urupema carregadinha de rosas. A mocica fez êle parar e botou uma flor na lapela dele, falando:

— Custa milreis.

Macunaíma ficou muito contrariado porquê não sabia como era o nome daquele buraco da máquina roupa onde a cunhatã enfiara a flor. E o buraco chamava botoeira. Imaginou esgarafunchando na memoria bem mas nunca não ouvira mesmo o nome daquele buraco. Quis chamar aquilo de buraco porêm viu logo que confundia com os outros buracos dêste mundo e ficou com vergonha da cunhatã. "Orificio" era palavra que a gente escrevia mas porêm nunca ninguem não falava "orificio" não. Depois de pensamentear pensamentear não havia meios mesmo de descobrir o nome daquilo e pôs reparo que da rua Direita onde topara com a cunhatã já tinha ido parar adiante de São Bernardo, passada a moradia de mestre Cosme. Então voltou, pagou prá moça e falou de venta inchada:

— A senhora me arrumou com um dia-de-judeu! Nunca mais me bote flor neste... neste puito, dona!

Macunaíma era desbocado duma vez. Falara uma bocagem muito porca, muito! A cunhatã não sabia que puito era palavra-feia não e enquanto o heroi voltava aluado com o caso prá pensão, ficou se rindo, achando graça na palavra. "Puito..." que ela dizia. E repetia gosado: "Puito... Puito"... Imaginou que era moda. Então se pôs falando pra toda a gente si queriam que ella botasse uma rosa no puito deles. Uns quiseram outros não quiseram, as outras cunhatãs escutaram a palavra, a empregaram e "puito" pegou. Ninguem mais não falava em boutonnière por exemplo; só puito, puito que se escutava.

Macunaíma ficou de azeite uma semana, sem comer sem brincar sem dormir só porquê desejava saber as linguas da terra. Lembrava de perguntar pros outros como era o nome daquele buraco mas tinha vergonha de irem pensar que êle era ignorante e moita. Afinal chegou o domingo pé-de-cachimbo que era dia do Cruzeiro, feriado novo inventado pros brasileiros descansarem mais. De manhã teve parada na Mooca, ao meio-dia missa campal no Coração de Jesus, ás dezessete corso e batalha de confetes na avenida Rangel Pestana e denoite, depois da passeata dos deputados e desocupados pela rua Quinze, iam queimar um fogo-

de-artificio no Ipiranga. Então pra espairecer Macunaíma foi no parque ver os fogos.

Nem bem saiu da pensão topou com uma cunhã clara, filhinha-da-mandioca bem, toda de branco e o chapeu de tucumã vermelho coberto de margaridinhas. Foram juntos e chegaram lá. O parque estava uma boniteza. Tinha tantas máquinas repuxos misturadas com a máquina luz eletrica que a gente se encostava um no outro no escuro e as mãos se agarravam pra aguentar a admiração. Assim a dona fez e Macunaíma sussurrou docemente:

— Maní... filhinha da mandioca!...

Pois então a alemãzinha chorando comovida se virou e perguntou pra êle si deixava ela afincar aquela margarida no puíto dele. Primeiro o heroi ficou muito assarapantado, muito! e quis zangar porêm depois ligou os fatos e percebeu que fôra muito inteligente. Macunaíma deu uma grande gargalhada.

Mas o caso é que "puíto" já entrara prás revistas estudando com muita sciencia os idiomas escrito e falado e já estava mais que assente que pelas leis de catalepse elipse sincope metonímia metafonia metátese próclise prótese aférese apócope haplologia etimologia popular, todas essas leis, a palavra "botoeira" viera a dar em puíto, por meio dum palavra intermediaria, a voz latina "rabanitius" (botoeira - rabanitius - puíto), sendo que rabanitius embora não encontrada nos

documentos medievais afirmaram os doutos que na certa existira e fôra corrente no sermo vulgaris.

Nesse momento um mulato da maior mulataria trepou numa estátua e principiou um discurso entusiasmado explicando pra Macunaíma o que era o dia do Cruzeiro. No céu escampado da noite não tinha uma nuvem nem Capêi. A gente enxergava os conhecidos, os pais-das-árvores os pais-das-aves os pais-das-caças e os parentes manos pais mãis tias cunhadas cunhãs cunhatãs, todas essas estrêlas piscapiscando bem felizes nesse país onde se ignora os males, adonde havia muita saúde e pouca saúva, o firmamento lá. Macunaíma escutava muito agradecido, concordando com a fala comprida que o discursador fazia pra êle. Só depois do homem apontar muito e descrever muito é que Macunaíma pôs reparo que o tal de Cruzeiro era mas eram aquelas quatro estrêlas que êle sabia muito bem serem o Pai do Mutum morando no campo do céu. Teve raiva da mentira do mulato e berrou:

— Não é não!

— ... Meus senhores, que o outro discursava, aquelas quatro estrêlas rutilantes como lágrimas ardentes, no dizer do sublime poeta, são o sacrossanto e tradicional Cruzeiro que...

— Não é não!

— Psiu!

— ... o simbolo mais...

— Não é não!

— Apoiados!

— Fora!

— Psiu!... Psiu!...

— ... mais su-sublime e maravilhoso da nossa ama-mada patria é aquele misterioso Cruzeiro lucilante que...

— Não é não!

— ... ve-vedes com...

— Nan sculhàmba!

— ... suas qua... tro claras lantejoulas de prat...

— Não é não!

— Não é não! que outros gritavam tambem.

Com tanta bulha afinal o mulato entrupigaitou e todos os presentes animados pelos "Não é não!" do heroi estavam com muita vontade de fazer um chinfrim. Porêm Macunaíma tremia tão tiririca que nem percebeu. Pulou em riba da estátua e principiou contando a história do Pai do Mutum. E era assim:

— Não é não! Meus senhores e minhas senhoras! Aquelas quatro estrêlas lá é o Pai do Mutum! juro que é o Pai do Mutum que para no campo vasto do céu!... Isso foi no tempo em que os animais já não eram mais gente e sucedeu no grande mato Fulano. Era uma vez dois cunhados que moravam muito longe um do outro. Um chamava Camã-Pabimque e era catimboseiro. Uma feita o cunhado de Camã-Pabimque entrou no mato por amor de caçar um bocado. Estava fazendo e topou

com Pauí-Pódole e seu compadre o vagalume Camaiuá. E Pauí-Pódole era o Pai do Mutum. Estava trepado no galho alto da acapú, descansando. Vai, o cunhado do feiticeiro voltou prá maloca e falou prá companheira dele que tinha topado com Pauí-Pódole e seu compadre Camaiuá. E o Pai do Mutum com seu compadre num tempo muito de dantes já foram gente que nem nós mesmos. O homem falou mais que bem que tinha querido matar Pauí-Pódole com a sarabatana porêm não alcançara o poleiro alto do Pai do Mutum na acapú. E então pegou na frexa de pracuúba com ponta de taboca e foi pescar caratais. Logo Camã-Pabimque chegou na maloca do cunhado e falou:

— Mana, o que foi que vosso companheiro falou pra você?

Então a mana contou tudo pro feiticeiro e que Pauí-Pódole estava empoleirado na acapú com seu compadre o vagalume Camaiuá. No outro dia manhãzinha Camã-Pabimque saiu do papirí dele e achou Pauí-Pódole piando na acapú. Então o catimboseiro virou na tocandeira Ilague e foi subindo pelo pau mas o Pai do Mutum enxergou a formigona e soprou um pio forte. Bateu um ventarrão tamanho que o feiticeiro despencou do pau, caindo nos carurús da serrapilheira. Então virou na tacurí Opalá menorzinha e foi subindo outra feita porêm Pauí-Pódole tornou a enxergar a formiga. Soprou e veio um ventinho brisando que sacudiu Opalá nas trapoerabas da serrapilheira. Então Camã-Pa-

bimque virou na lavapés chamada Megue, pequetitinha, subiu na acapú, ferrou o Pai do Mutum bem no furinho do nariz, enrolou o corpico e trazendo o não-se-diz entre os ferrões, juque! esguichou acido-formico aí. Chi! minha gente! Isso Pauí-Pódole abriu num vôo esparramado com a dor e espirrou Megue longe! O feiticeiro nem não poude sair mais do corpo de Megue, do susto que pegou. E ficou mais essa praga da formiguinha lavapés pra nós... Gente!

"Pouca saúde e muita saúva
Os males do Brasil são!"

já falei... No outro dia Pauí-Pódole quis ir morar no céu pra não padecer mais com as formigas da nossa terra, fez. Pediu pro compadre vagalume alumiar o caminho na frente com as lanterninhas verdes bem acesas. O vagalume Cunavá sobrinho do outro, foi na frente alumiando caminho pra Camaiuá e pediu pro mano que fosse na frente alumiando pra êle tambem. O mano pediu pro pai, o pai pediu prá mãi, a mãi pediu pra toda a geração, o chefe-de-policia e o inspetor do quarteirão e muitos muitos, uma nuvem de vagalumes foram alumiando caminho uns pros outros. Fizeram, gostaram de lá e sempre uns atrás dos outros nunca mais não voltaram do campo vasto do céu. E' aquele caminho de luz que daqui se enxerga atravessando o espaço. Pauí-Pódole então avoou pro céu

e ficou lá. Minha gente! aquelas quatro estrêlas não é Cruzeiro, que Cruzeiro nada! E' o Pai do Mutum! E' o Pai do Mutum, minha gente! E' o Pai do Mutum, Pauí-Pódole que para no campo vasto do Céu!... Tem mais não."

Macunaíma parou fatigado. Então se ergueu do povaréu um murmurejo longo de felicidade fazendo relumear mais ainda as gentes, os pais-dos-passaros os pais-dos-peixes os pais-dos-insetos os pais-das-árvores, todos êsses conhecidos que param no campo do céu. E era imenso o contentamento daquela paulistanada mandando olhos de assombro prás gentes, pra todos êsses pais dos vivos brilhando morando no céu. E todos êsses assombros de primeiro foram gente depois foram os assombros misteriosos que fizeram nascer todos os seres vivos. E agora são as estrêlas do céu.

O povo se retirou comovido, feliz no coração cheio de explicações e cheio das estrêlas vivas. Ninguem não se amolava mais nem com dia do Cruzeiro nem com as máquinas repuxos misturadas com a máquina luz eletrica. Foram pra casa botar pelego por debaixo do lençol porquê por terem brincado com fogo aquela noite na certa que iam mijar na cama. Foram todos dormir. E a escuridão se fez.

Macunaíma parado em riba da estátua ficara sozinho ali. Tambem estava comovido. Olhou prá altura. Que Cruzeiro nada! Era Pauí-Pódole se percebia bem daqui... E Pauí-Pódole estava rindo

pra êle, agradecendo. De repente piou comprido parecendo trem-de-ferro. Não era trem era piado e o sôpro apagou todas as luzes do parque. Então o Pai do Mutum mexeu uma asa mansamente se despedindo do heroi. Macunaíma ia agradecer porêm o passaro erguendo a poeira da neblina largou numa carreira esparramada pelo campo vasto do céu.

XI

AS TRES NORMALISTAS

No outro dia o heroi acordou muito constipado. Era porquê apesar do calorão da noite êle dormira de roupa com medo da Caruviana que pega individuo dormindo nú. Mas estava muito gangento com o sucesso do discurso da véspera. Esperou impaciente os quinze dias da doença resolvido a contar mais casos pro povo. Porêm quando se sentiu bom era manhãzinha e quem conta história de dia cria rabo de cotia. Por isso convidou os manos pra caçar, fizeram.

Quando chegaram no bosque da Saúde o heroi murmurou:

— Aqui serve.

Dispôs os manos nas esperas, botou fogo no bosque e ficou tambem amoitado esperando que saisse algum viado mateiro pra êle caçar. Porêm não tinha nenhum viado lá e quando queimada acabou, jacaré saiu? pois nem viado mateiro nem viado catingueiro. Sairam só dois ratos chamuscados. Então o heroi caçou os ratos chamuscados, comeu-os e sem chamar os manos voltou prá pensão.

Lá chegado ajuntou os vizinhos, criados a patroa

cunhãs dactilographas estudantes empregados-publicos, muitos empregados-publicos! todos êsses vizinhos e contou pra êles que tinha ido caçar na feira do Arouche e matara dois...

— ... mateiros, não eram mateiros não, dois catingueiros que comi com os manos. Até vinha trazendo um naco pra vocês mas porêm escorreguei na esquina, caí derrubei o embrulho e cachorro comeu tudo.

Toda a gente se sarapantou com o sucedido e desconfiaram do heroi. Quando Maanape e Jiguê voltaram, os vizinhos foram perguntar pra êles si era verdade que Macunaíma caçara dois catingueiros na feira do Arouche. Os manos ficaram muito enquisilados porquê não sabiam mentir e exclamaram irritadissimos:

— Mas que catingueiros êsses! O heroi nunca matou viado! Não tinha nenhum viado na caçada não! Gato miador, pouco caçador, gente! Em vez foram dois ratos chamuscados que Macunaíma pegou e comeu.

Então os vizinhos perceberam que tudo era mentira do heroi, tiveram raiva e entraram no quarto dele pra tomar satisfação. Macunaíma estava tocando numa flautinha feita de canudo de mamão. Parou o sôpro, aparou o bocal da flautinha e se admirou muito sossegado:

— Praquê essa gentama no meu quarto, agora!... Faz mal prá saúde, gente!

Todos perguntaram pra êle:

— O que foi mesmo que você caçou, heroi?

— Dois viados mateiros.

Então os criados as cunhãs estudantes empregados-publicos, todos êsses vizinhos principiaram rindo dele. Macunaíma sempre aparando o bocal da flautinha. A patroa cruzando os braços ralhou assim:

— Mas, meus cuidados, praquê você fala que foram dois viados e em vez foram dois ratos chamuscados!

Macunaíma parou assim os olhos nela e secundou:

— Eu menti.

Todos os vizinhos ficaram com cara de André e cada um foi saindo na maciota. E André era um vizinho que andava sempre encalistrado. Maanape e Jiguê se olharam com inveja da inteligencia do mano. Maanape inda falou pra êle:

— Mas praquê você mentiu, heroi!

— Não foi por querer não... quis contar o que tinha sucedido prá gente e quando reparei estava mentindo...

Jogou a flautinha fora pegou no ganzá pigarreou e descantou. Descantou a tarde inteirinha uma moda tão sorumbatica mas tão sorumbatica que os olhos dele choravam a cada estrofe. Parou porquê os soluços não deixaram mais continuar. Largou do ganzá. Lá fora a vista era um tristura de entardecer dentro da cerração. Macunaíma sentiu-se desinfeliz e teve saudades de Ci a inesquecivel.

Chamou os manos pra se consolarem todos juntos. Maanape e Jiguê sentaram junto dele na cama e os tres falaram longamente da Mãi do Mato. E espalhando a saudade falaram dos matos e cobertos cerrações deuses e barrancas traiçoeiras do Uraricoera. Lá que êles tinham nascido e se rido pela primeira vez nos macurús... Encostados nas maquiras pra lá do limpo do mocambo os guirás cantavam o que não dava o dia e eram pra mais de quinhentas as familias dos guirás... Perto de quinze vezes mil especies de animais assombravam o mato de tantos milhões de paus que não tinha mais conta... Uma feita um branco trouxera da terra dos ingleses, dentro dum sapiquá gótico, a constipação que fazia agora Macunaíma tanto chorar de sodades... E a constipação tinha ido morar no antro das formigas mumbucas mui pretas. Na escureza o calor se amaciava como saindo das aguas; pra trabalhar se cantava; nossa mãi ficara virada numa coxilha mansa no lugar chamado Pai da Tocandeira... Ai, que preguiça... E os tres manos perceberam pertinho o murmurejo do Uraricoera! Ôh! como era bom por lá... O heroi se atirou pra trás chorando largado na cama.

Quando a vontade de chorar parou, Macunaíma afastou os mosquitos e quis espairecer. Se lembrou de ofender a mãi do gigante com uma bocagem novinha vinda da Australia. Virou Jiguê na máquina telefone porêm o mano inda estava muito confundido com o caso da mentira do heroi e não

houve meios de ligar. O aparelho tinha defeito. Então Macunaíma fumou fava de paricá pra ter sonhos gostosos e adormeceu bem.

No outro dia lembrou que precisava se vingar dos manos e resolveu passar um pealo neles. Levantou madrugadinha e foi esconder no quarto da patroa. Brincou pra fazer tempo. Depois voltou falando afobado pros manos:

— Oi, manos, achei rasto fresco de tapir bem na frente da Bolsa de Mercadorias!

— Que me diz, perdiz!

— Pois é. Quem que havia de dizer!

Ninguem inda não matara tapir na cidade. Os manos se sarapantaram e foram com Macunaíma caçar o bicho. Chegaram lá, principiaram procurando o rasto e aquele mundão de gente comerciantes revendedores baixistas matarazos, vendo os tres manos curvados pro asfalto procurando, principiaram campeando tambem, todo aquele mundão de gente. Procuraram procuraram, você achou? nem êles! Então perguntaram pra Macunaíma:

— Onde que você achou rasto de tapir? Aqui não tem rasto nenhum não!

Macunaíma não parava de campear falando sempre:

— Tetápe dzónanei pemonéite hêhê zeténe netaïte.

E os manos regatões zangões tequeteques madalenas hungaros recomeçavam procurando o ras-

to. Quando cansavam e paravam pra perguntar, Macunaíma campeando sempre secundava:

— Tetápe dzónanei pemonéite hêhê zeténe netaíte.

E todo aquele mundão de gente procurando. Era já perto da noite quando pararam desacorçoados. Então Macunaíma se desculpou:

— Tetápe dzónanei pemo...

Não deixaram nem que êle acabasse, todos perguntando o que significava aquela frase. Macunaíma respondeu:

— Sei não. Aprendi essas palavras quando era pequenino lá em casa.

E todos se queimaram muito. Macunaíma fastou disfarçado falando:

— Calma, gente! Tetápe hêhê! Não falei que tem rasto de tapir não, falei que tinha! Agora não tem mais não.

Foi pior. Um dos comerciantes se zangou de verdade e o repórter que estava ao pé dele vendo o outro zangado zangou tambem por demais.

— Isso não vai assim não! Pois então a gente vive trabucando pra ganhar o pão-nosso e vai um individuo tira a gente o dia inteiro do trabalho só pra campear rasto de tapir!

— Mas eu não pedi pra ninguem procurar rasto, moço, me desculpe! Meus manos Maanape e Jiguê é que andaram pedindo, eu não! Culpa é deles!

Então o povo que já estava todo zangado virou

contra Maanape e contra Jiguê. Já todos, e eram muitos! estavam com vontade de armar uma briga. Então um estudante subiu na capota dum auto e fez discurso contra Maanape e contra Jiguê. O povo estava ficando zangadissimo.

— Meus senhores, a vida dum grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnifica entrosagem do seu progresso siquer a passagem momentanea de seres inocuos. Ergamo-nos todos una voce contra os miasmas deleterios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Govêrno cerra os olhos e delapida os cofres da Nação, sejamos nós mesmos os justiçadores...

— Lincha! lincha! que o povo principiou gritando.

— Que lincha nada! exclamou Macunaíma tomando as dores pelos manos.

E todos se viraram contra êle outra vez. E agora já estavam zangadissimos. O estudante continuava pra si:

— ... e quando o trabalho honesto do povo é perturbado por um desconhecido...

— O quê! quem que é desconhecido!! berrou Macunaíma desesperado com a ofensa.

— Você!

— Não sou, 'tá'í!

— E'!

— Ora vá desmamar jacú com alpiste, moço!

Desconhecida é a senhora vossa mãi, ouviu! — e virando pro povo: O que vocês estão pensando, heim! Não tenho medo não! nem de um nem de dois nem de dez mil e daqui a pouco eu arrazo tudo isto aqui!

Uma madalena que estava na frente do heroi, virou pro comerciante atrás dela e zangou:

— Não bolina, senvergonha!

O heroi estava cego de raiva, pensou que era com êle e:

— Que "não bolina" agora! não estou bolinando ninguem, sua lambisgoia!

— Lincha o bolina! Pau nele!

— Pois venham, cafagestes!

E avançou prá multidão. O advogado quis fugir porêm Macunaíma atirou um pontapé nas costas dele e entrou pelo povo distribuindo rasteiras e cabeçadas. De repente viu na frente um homem alto loiro mui lindo. E o homem era um grilo. Macunaíma teve odio de tanta boniteza e chimpou uma bruta duma bolacha nas fuças do grilo. O grilo berrou, e enquanto falava uma frase em lingua estrangeira agarrou o heroi pelo congote.

— Prrrêso!

O heroi gelou.

— Preso porquê?

O polícia secundou uma porção de coisas em lingua estrangeira e segurou firme.

— Não estou fazendo nada! que o heroi murmurava.

Porêm o grilo não quis conversa e foi descendo a ladeirinha com o povo todo atrás. Outro grilo chegou e os dois falaram muitas frases, muitas! em lingua estrangeira e lá foram empurrando o heroi ladeira abaixo. Um testemunha de tudo contou o sucedido pra um senhor que estava na porta duma casa de frutas e o senhor penalisado atravessou a multidão e fez os grilos pararem. Era já na rua Libero. Então o senhor fez um discursos pros grilos, que êles não deviam de levar Macunaíma preso porquê o heroi não fizera nada. Tinha ajuntado uma porção de grilos porêm nenhum não entendia o discurso porquê nenhum não pescava nada de brasileiro. As mulheres choravam com dó do heroi. Os grilos falavam por demais numa lingua estrangeira e uma voz gritou:

— Não pode!

Então o povo ficou com muita vontade de pelear outra vez e de todos os lados agora estavam gritando: "Larga!", "Não leva!", "Não pode!" "Não pode!", um chinfrim, "Solta!". Um fazendeiro estava disposto a fazer discurso insultando a Polícia. Os grilos não entendiam nada e gesticulavam, muito atrapalhados falando em lingua estrangeira. Formou-se um furdunço temivel. Então Macunaíma se aproveitou da trapalhada e pernas praquê vos quero! Vinha um bonde na carreira badalando. Macunaíma pongou o bonde e foi ver como passava o gigante.

Venceslau Pietro Pietra já principiava conva-

lescendo da sova apanhada na macumba. Fazia um calorão dentro da casa porquê era hora de cozinharem a polenta e fora a fresca era boa por causa do vento sulão. Por isso o gigante com a velha Ceiuci as duas filhas e a criadagem pegaram cadeiras e vieram sentar na porta da rua pra gosar a frescata. O gigante inda não saira do algodão e estava talequal um fardo caminhando. Sentaram.

O curumi Chuvisco andava librinando pelo bairro e encontrou Macunaíma negaceando da esquina. Parou e ficou olhando o heroi. Macunaíma virou-se:

— Nunca viu não!

— Quê que você está fazendo aí, conhecido!

— Estou assustando o gigante Piaimã com sua familia.

Chuvisco debicou:

— Qual! não vê que gigante tem medo de ti!

Macunaíma encarou o curumi empalamado e teve raiva. Quis bater nele porêm lembrou-se decor: "Quando você estiver embrabecendo conta tres vezes os botões da vossa roupa", contou e ficou manso de novo. Então secundou:

— Quer apostar? Eu faço e aconteço e garanto que Piaimã vai pra dentro com medo de mim. Esconde lá perto pra escutar só o que êles falam.

Chuvisco avisou:

— Oi, conhecido, tome tento com gigante! Você já sabe do que êle é capaz. Piaimã está fraco está fraco porêm canudo que teve pimenta guarda

o ardume... Si você não tem medo mesmo, aposto.

Virou numa gota e pingou rente de Venceslau Pietro Pietra com a companheira as filhas e a criadagem. Então Macunaíma pegou na primeira palavra-feia da coleção e jogou na cara de Piaimã. O palavrão bateu de rijo porêm Venceslau Pietro Pietra nem se incomodou, direitinho elefante. Macunaíma chimpou outra bocagem mais feia na caapora. A ofensa bateu rijo porêm se incomodar é que ninguem se incomodou. Então Macunaíma jogou toda a coleção de bocagens e eram dez mil vezes dez mil bocagens. Venceslau Pietro Pietra falou prá velha Ceiuci, bem quieto:

— Tem algumas que a gente não conhece inda não, guarda pra nossas filhas.

Então Chuvisco voltou prá esquina. O heroi garganteou:

— Tiveram medo ou não tiveram!

— Medo nada, conhecido! Até o gigante mandou guardar as bocagens novas prás filhas brincarem. De mim que êles têm medo, ocê aposta? Vá lá perto e escute só.

Macunaíma virou num caxipara que é o macho da formiga saúva e foi se enroscar na rama de algodão acolchoando o gigante. Chuvisco amontou numa neblina e quando ia passando em riba da familia deu uma mijadinha no ar. Principiou peneirando uma chuva-de-preguiça. Quando os

pingos vieram caindo o gigante olhou pra um agarrado na mão dele e teve paúra de tanta agua.

— Vam'bora, gente!

E todos com muito medo foram correndo pra dentro. Então Chuvisco desapeou e disse pra Macunaíma:

— Está vendo?.

E assim até hoje. A familia do gigante tem medo de chuvisco mas de palavra-feia não.

Macunaíma ficou muito despeitado e perguntou pro rival:

— Me diga uma coisa: você conhece a lingua do lim-pim-gua-pá?

— Nunca vi mais gordo!

— Pois então, rival: Vá-pá á-pá mer-perda-pá!

E abriu o pala até a pensão.

Mas estava muito contrariado por ter perdido a aposta. Pra disfarçar imaginou noutra coisa. Fazia tempo que pusera reparo num bando de cunhatãs passeando todos os dias na praça da Republica. Perguntou e soube que aquilo eram normalistas. Dormiu sonhando com elas. No outro dia esperou com o ôlho esquerdo dormindo que os manos saissem e levantou, sem reparar, com o pé esquerdo. Tomou banho perfumado com macaca-poranga, botou um chapeu fino de ubussú e deu uma chegadinha no cabeleireiro pra pingar essencia de pau-rosa no cabelo. Depois foi na praça da Republica muito bem disposto. Quando as cunhatãs vie-

ram saindo da máquina Escola Normal Macunaíma ficou muito atrapalhado não sabendo qual a mais bonita. Coração batia com saltinhos apaixonados e Macunaíma andava dum lado pra outro sussurrando suavemente: "Maní! Maní! filhinhas da mandioca!"... Afinal se resolveu por uma lindeza de normalistinha branca ver garça-real. Pegou nela e foi caminhando prá pensão. A cunhatã achou graça e rindo feito boba perguntou:

— Aonde você me leva?

O heroi exclamou:

— Pra mim!

— Praquê você me quer?

— Pra mim!

— O que você vai fazer de mim, agora!

— Gostar!

— Mas, meus cuidados, eu não quero ir com você não.

— Que bem me importa!

Então a moça deu um tapa certo na cara dele. Ajuntou um despropósito de gente. Quando Macunaíma se viu naqueles assados se lembrou da Bolsa de Mercadorias. Largou da moça e partiu que partiu na disparada. Chegou na pensão muito contrariado. Os manos bem que perceberam porêm Macunaíma não tugiu nem mugiu, deitou.

No outro dia esperou com o ôlho esquerdo dormindo que os manos saissem. Pulou da cama não reparando que punha primeiro o pé esquerdo no chão. Tomou banho de cauré cheiroso, vestiu rou-

pa chegada da lavadeira e perfumada com priprioca botou um chapeu brilhante de jupatí e deu uma chegada no cabeleireiro pra encharcar o cabelo com essencia de pau-rosa, bastante essencia. Depois foi na praça da Republica muito bem disposto. Quando as cunhatãs principiaram saindo Macunaíma tornou a se atrapalhar não sabendo escolher. O coração dele batia com paixão ardente e Macunaíma ia dum lado pra outro murmuriando suavissimo: "Maní! Maní! filhinhas da mandioca!"... Afinal se resolveu por uma gracinha de cunhatã corada feito pena de guará. Pegou nela e foi caminhando prá pensão. A normalista ficou muito séria e perguntou:

— Aonde que você me leva?
— Pra mim!
— Praquê você me quer?
— Pra brincar!
— Como que você faz de-noite?
— Faço "juque".
— Quero não! Me assusta!
— Que bem me importa!

Então a mocinha guspiu na cara dele. Ajuntou pouca gente. Macunaíma viu aquela pouca gente e matutou: "Home Chico!... quem foi mordido de cobra tem medo de minhoca, vou zarpando." E foi embora prá pensão muito acabrunhado, muito! Sentia uma dor danada no corpo e se queixou pros manos. Foram ver e era cobreiro, de certo passara

alguma cobra na roupa se enxugando no coaral. O heroi deitou e ficou muito doente.

Só no fim de duas semanas se sentiu bom e nem bem Maanape e Jiguê sairam se levantou outra feita com o pé esquerdo e resolveu botar um caborge serio nas normalistas. Matou dois anuns, tirou o figado deles e socou no pilão, rezando assim:

Te piso te repiso
Te reduzo a granizo
No pilão de Salamão!
Que o Setestrelo a prenda,
Lhe dê fôrça de luar
Pra que possa se abrandar
O seu duro coração!
Quem isto beber
Quem isto mastigar
Te ha-de gosar
Na Sol e na garôa,
Minha boa!
Xiribiribí xiribiribó,
Zaz-traz nó-cego!

E mastigou a passoquinha rúim. Então mais sossegado tomou banho de perfume francês com sabão inglês, botou um chapéu finissimo de jijija-

pa, deu uma chegadona no cabeleireiro pra botar brilhantina italiana com loção alemã e passou na manicura pra polir as unhas bem. Inda passou um pouco de carajarú na cara pra ficar mais corado porquê estava desmerecido com a doença e então foi na praça da Republica muitissimo satisfeito. As cunhatãs já estavam lá e tudo se passou como das outras feitas. O heroi gemegemia de amor olhando pra aquele desperdicio de filhinhas da mandioca. Todo o corpo dele relumeava de paixão destemperada por causa do sabão, da brilhantina e das unhas polidas. Afinal escolheu uma gostosura de moça morena com olhos de tição ardendo, pegou nela e foi caminhando prá pensão. A normalista derramando muitas lagrimas perguntou:

— Aonde que você me leva!

— Pra mim!

— Praquê você me quer!

— Pra mim!

— Que prosa! me dá uma rosa, si não tem rosa, não conte prosa!

— Si você vem comigo te conto um caso!

— Mas o que você vai fazer comigo!

— Brincar!

— Do que!

— Brincar de marido e mulher!

Então a morena ajoelhou aos pés dele e principiou arrancando os cabelos desinfeliz. Desta vez

não ajuntou nenhuma gente. Macunaíma insistiu porêm ela soluçava soluçava dizendo que não, que brincar não queria, que fosse pregar noutra freguesia. Macunaíma teve raiva. Virou a cunhatã na máquina bonde amarelo que nem papo de canindé. Trepou nele e mandou tocar pra Santo Amaro onde contemplou a Reprêsa.

XII

A VELHA CEIUCI'

Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porêm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambí nem tinguí nem macerá nem no parí nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararaca nem gaponga nem de poita nem de cassuá nem itapuá nem de giquí nem de grozera nem de gererê, guê, tresmalho, cóvo, anzol de vara, todos êsses objetos armadilhas e venenos porquê não possuia nada disso. Fez um anzol com cera de mandaguarí porêm bagre mordia, levava anzol e tudo. Porêm tinha ali perto um inglês pescando aimarás com anzol de verdade. Macunaíma voltou pra casa e falou pra Maanape:

— Quê que havemos de fazer! Carecemos de tomar anzol de inglês. Vou virar aimará de mentira pra enganar o bife. Quando êle me pescar e der a batida na minha cabeça então faço "juque!" enganando que morri. Ele me atira no samburá, você pede o peixe mais grande pra comer e sou eu.

Fez. Virou num aimará pulou na lagoa o inglês pescou-o e bateu na cabeça dele. O heroi gritou "Juque!" Mas o inglês tirou o anzol da guela do

peixe porêm. Maanape veio vindo e muito disfarçado pediu pro inglês:

— Dá peixe pra mim, seu Yes?

— All right. E deu um lambarí de rabo vermelho.

— Ando padecendo de fome, seu inglês! dá um macota, vá! êsse um gordinho do samburá!

Macunaíma estava com o ôlho esquerdo dormindo porêm Maanape conheceu-o bem. Maanape era feiticeiro. O inglês deu o aimará pra Maanape que agradeceu e foi-se embora. Quando estava legua e meia longe o aimará virou Macunaíma outra vez. Assim tres vezes, inglês sempre tirando anzol da guela do heroi. Macunaíma segredou pro mano:

— Quê que havemos de fazer! Carecemos de tomar anzol de inglês. Vou virar piranha de mentira e arranco anzol da vara.

Virou numa piranha feroz pulou na lagoa arrancou o anzol e desvirando outra vez legua e meia abaixo no lugar chamado Poço do Umbú onde tinha umas pedras cheias de letreiros encarnados da gente fenicia, sacou o anzol da guela bem contente porquê agora podia pescar corimã piraíba aruana pirarara piaba, todos êsses peixes. Os dois manos iam-se quando escutaram inglês falando pra uruguaio:

— Que posso fazer agora! Não possuo mais anzol que a piranha enguliu. Vou pra vossa terra, conhecido.

Então Macunaíma fez um grande gesto com os dois braços e gritou:

— Espera um bocado, tapuitinga!

O inglês se voltou e Macunaíma só de caçoada virou-o na máquina London Bank.

No outro dia falou pros manos que ia pescar peixões no igarapé Tietê. Maanape avisou:

— Não vá, heroi, que você topa com a velha Ceiucí mulher do gigante. Te come, heim!

— Não tem inferno pra quem já navegou no Cachoeira! que Macunaíma exclamou. E partiu.

Nem bem lançou a linha de cima dum mutá que veio vindo a velha Ceiucí pescando de tarrafa. A caapora viu a sombra de Macunaíma refletida nagua jogou depressa a tarrafa e só pescou sombra. O heroi nem não achou graça porquê estava tremendo de medo, vai, pra agradecer falou assim:

— Bom-dia, minha vó.

A velha virou a cara pro alto e descobriu Macunaíma em riba do mutá.

— Vem cá, meu neto.

— Não vou lá não.

— Pois então mando marimbondos.

Fez. Macunaíma arrancou um molho de pataqueira e matou os maribondos.

— Desce, meu neto, que sinão mando novatas!

Fez. As formigas novatas ferraram em Macunaíma e êle caiu nagua. Então a velha tarrafiou, envolveu o heroi nas malhas e foi pra casa. Lá che-

gada pôs o embrulho na sala-de-visitas que tinha um abajur encarnado e foi chamar a filha mais velha que era bem habilidosa, prás duas comerem o pato que ela caçara. E o pato era Macunaíma o heroi. Porêm a filhona estava muito ocupada porquê era mesmo habilidosa e a velha pra adiantar serviço foi fazer fogo. A caapora possuia duas filhas e a mais nova que não era nada habilidosa e só sabia suspirar, enxergando a velha fazer fogo, imaginou: "Mãi quando vem da pescaria conta logo o que pescou, hoje não. Vou ver." Desenrolou a tarrafa e saiu dela um moço bem do gôsto. O heroi falou:

— Me esconde!

Então a moça que estava mui bondosa porquê vivia desocupada desde tempo levou Macunaíma pro quarto e brincaram. Agora estão se rindo um pro outro.

Quando fogo ficou bem quente a velha Ceiucí veio com a filhona habilidosa pra depenarem o pato porêm acharam só tarrafa. A caapora embrabeceu:

— Isso ha-de ser minha filhinha nova que é muito bondosa...

Bateu no quarto da moça, gritando:

— Minha filhinha nova, entrega já meu pato que sinão enxoto você da casa minha pra todo o sempre!

A moça ficou com medo e mandou Macunaíma atirar vinte milreis por debaixo da porta pra ver

si contentava a gulosa. Macunaíma de medo já atirou cem que viraram em muitas perdizes lagostas robalos vidros-de-perfume e caviar. A velha gulosa enguliu tudo e pediu mais. Então Macunaíma atirou um conto de reis por debaixo da porta. O conto virou em mais lagostas coelhos pacas champanha rendas cogumelos rãs e a velha sempre comendo e pedindo mais. Então a moça bondosa abriu a janela dando pro Pacaembú deserto e falou:

— Vou dizer tres adivinhas, si você descobre, te deixo fugir. O que é que é: E' comprido roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gôsto da gente e não é palavra indecente?

— Ah! isso é indecencia sim!

— Bobo! é macarrão!

— Ahn... é mesmo!... Engraçado, não?

— Agora o que é que é: Qual o lugar onde as mulheres têm cabelo mais crespinho?

— Ôh, que bom! isso eu sei! é aí!

— Cachorro! E' na Africa, sabe!

— Me mostra, por favor!

— Agora é a última vez. Diga o quê que é:

> Mano, vamos fazer
> Aquilo que Deus consente:
> Ajuntar pelo com pelo,
> Deixar o pelado dentro.

E Macunaíma:

— Ara! Tambem isso quem que não sabe! Mas cá pra nós que ninguem nos ouça, você é bem senvergonha, dona!

— Descobriu. Não é dormir ajuntando os pelos das pestanas e deixando o ôlho pelado dentro que você está imaginando? Pois si você não acertasse pelo menos uma das adivinhas te entregava prá gulosa de minha mãi. Agora fuja sem escarcéu, serei expulsa, voarei pro céu. Na esquina você encontra uns cavalos. Tome o castanho-escuro que pisa no mole e no duro. Esse é bom. Si você escuta um passarinho gritando "Baúa! Baúa!" então é a velha Ceiucí chegando. Agora fuja sem escarcéu, serei expulsa, voarei pro céu!

Macunaíma agradeceu e pulou pela janela. Na esquina estavam dois cavalos, um castanho-escuro e outro cardão-pedrez. "Cavalo cardão-pedrez pra carreira Deus o fez" Macunaíma murmurou. Pulou nesse e abriu na galopada. Caminhou caminhou caminhou e já perto de Manaus ia correndo quando o cavalo deu uma topada que arrancou chão. No fundo do buraco Macunaíma enxergou uma coisa relumeando. Cavou depressa e descobriu o resto do deus Marte, escultura grega achada naquelas paragens inda na Monarquia e primeiro-de-abril passado no Araripe de Alencar pelo jornal chamado Comercio do Amazonas. Estava contemplando aquele torso macanudo quando escutou "Baúa! Baúa!". Era a velha Ceiucí chegando. Macunaíma esporeou o cardão-pedrez e depois de

perto de Mendoza na Argentina quasi dar um esbarrão num galé que tambem vinha fugindo da Guiana Francesa, chegou num lugar onde uns padres estavam melando. Gritou:

— Me escondam, padres!

Nem bem os padres esconderam Macunaíma num pote vazio que a caapora chegou montada no tapir.

— Não viram meu neto passar por aqui no seu cavalinho comendo capim?

— Já passou.

Então a velha apeou do tapir e montou num cavalo gazeo-sarará que nunca prestou nem prestará e seguiu. Quando ela virou a serra do Paranacoara os padres tiraram o heroi do pote ,deram pra êle um cavalo melado-caxito que tanto é bom como é bonito e mandaram êle embora. Macunaíma agradeceu e galopou. Logo adiante encontrou uma cêrca de arame porêm era cavaleiro: deu um sacalão, esbarrou o pongo e ajuntando as mãos do animal caido com um geito forte fez o cavalo girar e passar por debaixo do arame. Então o heroi pulou a cêrca e amontou de novo. Galopeou galopeou galopeou. Passando no Ceará decifrou os letreiros indigenas do Aratanha; no Rio Grande do Norte costeando o serrote do Cabelo-não-tem decifrou outro. Na Paraíba, indo de Manguape pra Bacamarte passou na Pedra-Lavrada com tanta inscrição que dava um romance. Não leu por causa da pressa e nem a da Barra do Potí no Piauí, nem

a de Jajeú em Pernambuco, nem a dos Apertados do Inhamum, que já era no quarto dia e se escutava no ar rentinho: "Baúa! Baúa!" Era a velha Ceiucí chegando. Macunaíma pernas pra que vos quero pelo eucaliptal. Mas o passarinho sempre mais perto e Macunaíma isso vinha que vinha acochado pela velha. Afinal topou com a biboca dum surucucú que tinha parte com o canhoto.

— Me esconde, surucucú!

O surucucú nem bem escondeu o heroi no buraco da latrininha, a velha Ceiucí chegou.

— Não viram meu neto passar por aqui no seu cavalinho comendo capim?

— Já passou.

A gulosa apeou do gazeo-sarará que nunca prestou nem prestará e montou num cavalo bebe-em-branco que é cavalo manco e seguiu.

Então Macunaíma escutou surucucú tratando com a companheira pra fazerem um moquem do heroi. Pulou do buraco do quartinho e jogou no terreiro o anel com brilhantão que dera de presente pro dedo Mindinho. O brilhantão virou em quatro contos de carros de milho, adubo Polisú e uma fordeca de segunda-mão. Enquanto o surucucú olhava pra aquilo tudo satisfeito, Macunaíma pro melado-caxito descansar, amontou num bagual cardão-rodado que nunca pode estar parado e galopou através de varjões e varjotas. Varou num atimo o mar de areia do chapadão dos Parecis e por derrames e dependurados entrou na caatinga e as-

sustou as galinhas com pintos de ouro do Camutengo perto de Natal. Legua e meia adiante abandonando a margem do São Francisco entrou por uma brecha aberta no morro alto. Ia seguindo quando escutou um "psiu" de cunhã. Parou morto de medo. Então saiu do meio da catinga-de-porco uma dona alta e feiosa com trança até o pé. E a dona perguntou cochichado pro heroi:

— Já se foram?

— Se foram, quem!

— Os holandeses!

— Você está caducando, que holandês êsse! Não tem holandês nenhum, dona!

Era Maria Pereira cunhã portuga amufumbada naquela brecha de morro desde a guerra com os holandeses. Macunaíma não sabia bem mais em que parte de Brasil estava e lembrou de perguntar.

— Me diga uma coisa, filho de gambá é raposa, como que chama êste lugar?

A cunhã secundou emproada:

— Aqui é o Buraco de Maria Pereira.

Macunaíma soltou uma grande gargalhada e escafedeu enquanto a mulher amoitava outra vez. O heroi seguiu de carreira e enfim passou prá outra banda do rio Chuí. Foi lá que topou com o tuiuiú pescando.

— Primo Tuiuiú, você me leva pra casa?

— Pois não!

Logo o tuiuiú se transformou na máquina aeroplano, Macunaíma escanchou no aturiá vazio e

ergueram vôo. Voaram sobre o chapadão mineiro de Urucuia, fizeram o circúito de Itapecerica e bateram pro nordeste. Passando pelas dunas de Mossoró, Macunaíma olhou pra baixo e enxergou Bartolomeu Lourenço de Gusmão, batina arregaçada, pelejando pra caminhar no areão. Gritou pra êle:

— Venha aqui com a gente, ilustre!

Porêm o padre gritou com um gesto imenso:

— Basta!

Depois que pulando a serra do Tombador no Mato Grosso deixaram prá esquerda as cochilhas de Sant'Ana do Livramento, o tuiuiú-aeroplano e Macunaíma subiram até o Telhado do Mundo, mataram a sêde nas aguas novas do Vilcanota e na última etapa voando sobre Amargosa na Baía, sobre a Gurupá e sobre o Gurupí com sua cidade encantada, enfim toparam de novo com o mocambo ilustre do igarapé Tietê. D'aí a pouquinho estavam na porta da pensão. Macunaíma agradeceu muito e quis pagar o ajutorio porêm se lembrou que estava carecendo de fazer economia. Virou pro tuiuiú e falou:

— Olha, primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho que vale ouro: Neste mundo tem tres barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de sáia, não cáia!

Porêm estava tão acostumado a gastar que esqueceu-se da economia. Deu dez contos pro tuiuiú, subiu satisfeito pro quarto e contou tudo pros ma-

nos já muito ressabiados com a demora. O caso afinal custara uns bons pacotes. Maanape então virou Jiguê num telefone e deu queixa prá Polícia que deportou a velha gulosa. Porêm Piaimã tinha muita influência e ela voltou na companhia lirica.

A filha expulsa corre no céu, batendo perna de déu em déu. E' uma cometa.

XIII

TEQUE-TEQUE, CHUPINZÃO E A INJUSTIÇA DOS HOMENS

No outro dia Macunaíma acordou febrento. Tinha mesmo delirado a noite inteira e sonhado com navio.

— Isso é viagem por mar, falou a dona da pensão.

Macunaíma agradeceu e de tão satisfeito virou logo Jiguê na máquina telefone pra insultar a mãi de Venceslau Pietro Pietra. Mas a sombra telefonista avisou que não secundavam. Macunaíma achou aquilo esquisito e quis se levantar pra ir saber o que era. Porêm sentia um calorão coçado no corpo todo e uma molesa de agua. Murmurou:

— Ai... que preguiça...

Virou a cara pro canto e principiou falando bocagens. Quando os manos vieram saber o que era, era sarampão. Maanape logo foi buscar o famoso Bento curandeiro em Beberibe que curava com alma de indio e agua de pote. Bento deu uma aguinha e fez reza cantada. Numa semana o heroi já estava descascando. Então se levantou e foi saber o que tinha sucedido pro gigante.

Não tinha ninguem no palacio e a copeira do

vizinho contou que Piaimã com toda a familia fôra na Europa descansar da sova. Macunaíma perdeu todo o requebrado e se contrariou bem. Brincou com a copeira muito aluado e voltou macambusio prá pensão. Maanape e Jiguê encontraram o heroi na porta da rua e perguntaram pra êle:

— Quem matou seu cachorrinho, meus cuidados?

Então Macunaíma contou o sucedido e principiou chorando. Os manos ficaram bem tristes de ver o heroi assim e levaram êle visitar o Leprosario de Guapira. O heroi estava muito contrariado e o passeio não teve graça nenhuma. Quando chegaram na pensão era noitinha e todos já estavam desesperados. Tiraram uma porção enorme de tabaco dum cornimboque imitando cabeça de tucano e espirraram bem. Então puderam pensamentear.

— Pois é, meus cuidados, você andou lerdeando, cozinhando galo, cozinhando galo, o gigante é que não havia de esperar, foi-se. Agora aguente a massada!

Nisto Jiguê bateu na cabeça e exclamou:

— Achei!

Os manos levaram um susto. Então Jiguê lembrou que êles podiam ir na Europa tambem, atrás da muiraquitã. Dinheiro, inda sobravam quarenta contos do cacau vendido. Macunaíma aprovou logo porêm Maanape que era feiticeiro imaginou imaginou e concluiu:

— Tem coisa milhor.

— Pois então desembuxe!

— Macunaíma finge de pianista, arranja uma pensão do Govêrno e vai sozinho.

— Mas praquê tanta complicação si a gente possui dinheiro á bessa e os manos podem me ajudar na Europa!

— Você tem cada uma que até parece duas! Poder a gente pode sim porêm mano seguindo com arame do Govêrno não é milhor? E'. Pois então!

Macunaíma estava refletindo e de repente bateu na testa:

— Achei!

Os manos levaram um susto.

— Que foi!

— Pois então finjo de pintor que é mais bonito!

Foi buscar a máquina oculos de tartaruga um gramofoninho meias de golfe luvas e ficou parecido com pintor.

No outro dia pra esperar a nomeação matou o tempo fazendo pinturas. Assim: agarrou num romance de Eça de Queiroz e foi na Cantareira passear. Então passou perto dele um cotruco andarengo muito marupiara porquê possuia folhinha de picapau. Macunaíma deitado de bruços divertia-se amassando os tacurús das formigas tapipitingas. O tequeteque saudou:

— Bom-dia, conhecido. Como vai, muito obrigado, bem. Trabalhando, não?

— Quem não trabuca não manduca.

— E' mesmo. Bom, té-loguinho.

E passou. Legua e meia adiante topou com um micura e lembrou de trabucar tambem um bocado. Pegou no gambazinho, fez êle engulir dez pratas de dois milreis e voltou com o bicho debaixo do braço. Chegando perto de Macunaíma mascateou:

— Bom-dia, conhecido. Como vai, muito obrigado, bem. Si você quer te vendo meu micura.

— Quê que vou fazer com um bicho tão pichento! Macunaíma secundou botando a mão no nariz.

— Tem aca mas é coisa muito boa! Quando faz necessidade só prata que sai! Vendo barato pra você!

— Deixe de conversa, turco! Onde que se viu micura assim!

Então o tequeteque apertou a barriga do gambá e o bicho desistiu as dez pratinhas.

— Está vendo! Faz necessidade é prata só! Ajuntando a gente fica riquissimo! Barato pra você!

— Quanto que custa?

— Quatrocentos contos.

— Não posso comprar, só tenho trinta.

— Pois então pra ficar freguês deixo por trinta contos pra você!

Macunaíma desabotoou as calças e por debaixo da camisa tirou o cinto que carregava dinheiro. Porêm só tinha a letra de quarenta contos e seis

fichas do Casino de Copacabana. Deu a letra e teve vergonha de receber o troco. Até inda deu as fichas de inhapa e agradeceu a bondade do teque-teque.

Nem bem o mascate sovertera entre as sapupiras guarubas e parinarís do mato que já o micura quis fazer necessidade outra feita. O heroi arredondou o bolso aparando e a porcaria caiu toda ali. Então Macunaíma percebeu o lôgro e abriu numa gritaria desgraçada, caminho da pensão. Virando uma esquina encontrou o José Prequeté e gritou pra êle:

— Zé Prequeté, tira bicho do pé pra comer com café!

José Prequeté ficou com odio e insultou a mãi do heroi porêm êste não fez caso não, deu uma grande gargalhada e foi seguindo. Mais adiante lembrou que ia indo pra casa zangado e pegou na gritaria outra vez.

Os manos inda não tinham voltado da maloca do Govêrno e a patroa veio no quarto pra consolar Macunaíma, brincaram. Depois de brincarem o heroi pegou no chôro. Quando os manos chegaram toda a gente se sarapantou porquê êles tinham cinco metros de altura. Não vê que o Govêrno estava com mil vezes mil pintores já encaminhados pra mandar na pensão da Europa e Macunaíma ser nomeado era mas só no dia de São Nunca. Ficava muito longe. O invento de Maanape tinha favado e os manos ficaram compridos por causa do

desaponto. Quando enxergaram o mano chorando, se assustaram bem e quiseram saber a causa. E como esqueceram o desaponto voltaram pro tamanho de dantes, Maanape já velhinho e Jiguê na fôrça do homem. O heroi fazia:

— Ihihih! tequeteque me embromou! Ihihih! Comprei micura dele, quarenta contos me custou!

Então os irmãos se descabelaram. Agora não era possivel mais irem na Europa não, porquê possuiam só a noite e o dia. Levaram na prantina enquanto o heroi esfregava olio de andiroba no corpo pros mosquitos não amolarem e adormecia bem.

No outro dia amanheceu fazendo um calorão temivel e Macunaíma suava que mais suava dum lado pra outro enraivecido com a injustiça do Govêrno. Quis sair pra espairecer porêm aquela roupa tanta aumentando o calor... Teve mais raiva. Teve raiva por demais e maliciou que ia ficar com o butecaiana que é doença da raiva. Então exclamou:

— Ara! Ande eu quente, ria-se a gente!

Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. A raiva se acalmou no sufragante e até que muito satisfeito Macunaíma falou pros manos:

— Paciencia, manos!

Durante uma semana os tres vararam o Brasil todo pelas restingas de areia marinha, pelas restingas de mato ralo, barrancas de paranãs, corredeiras carrascos carrascões e chavascais, coroas de vasante boqueirões mangas e fundões que eram ni-

nhos de geada, espraiados pancadas pedrais funís bocâinas barroqueiras e rasouras, todos êsses lugares, campeando nas ruinas dos conventos e na base dos cruzeiros pra ver si não achavam alguma panela com dinheiro enterrado. Não acharam nada.

— Paciencia, manos! Macunaíma repetiu macambusio. Jogamos no bicho!

E foi na praça Antonio Prado meditar sobre a injustiça dos homens. Ficou lá encostado num platano muito bem. Todos os comerciantes e aquele desproposito de máquina passavam rentinho do heroi grugunzando sobre a injustiça dos homens. Macunaíma já estava disposto a mudar o distico pra: "Pouca saúde e muitos pintores os males do Brasil são" quando escutou um "Ihihih!" chorado atrás. Virou e viu no chão um ticotico e um chupim.

O ticotico era pequetitinho e o chupim era macota. O ticotiquinho ia dum lado pra outro acompanhado sempre do chupinzão chorando pro outro dar de comer pra êle. Fazia raiva. O ticotiquinho imaginava que o chupinzão era filhote dele mas não era não. Então voava, arranjava um decumê por ai que botava no bico do chupinzão. Chupinzão engulia e pegava na manha outra vez: "Ihihih! mamãi... telo decumê!... telo decumê!..." lá na lingua dele. O ticotiquinho ficava azaranzado porquê estava padecendo fome e aquele nhenhenhem-nhenhenhem azucrinando êle atrás, diz-que "Telo decumê!... telo decumê!...", não podia com

o amor sofrendo. Largava de si, voava buscar um bichinho uma quirerinha, todos êsses decumês, botava no bico do chupinzão, chupinzão engulia e principiava atrás do ticotiquinho outra vez. Macunaíma estava meditando na injustiça dos homens e teve um amargor imenso da injustiça do chupinzão. Era porquê Macunaíma sabia que de primeiro os passarinhos foram gente feito nós... Então o heroi pegou num porrete e matou o ticotiquinho.

Foi-se embora. Depois que andou legua e meia sentiu calor e lembrou de beber pinga pra refrescar. Trazia sempre num bolso do paletô uma garrafinha de pinga presa ao puito por uma corrente de prata. Desarrolhou e chupitou de manso. Eis sinão quando escutou atrás um "Ihihih!" chorando. Virou sarapantado. Era o chupinzão.

— Ihihih! papai... telo decumê!... telo decumê!... lá na lingua dele.

Macunaíma ficou com odio. Abriu o bolso onde estava guardado aquilo do micura e falou:

— Pois coma então!

Chupinzão pulou na beira do bolso e comeu tudo sem saber. Foi engordando engordando, virou num passaro preto bem grande e voou pros matos gritando "Afinca! Afinca!". E' o Pai do Vira.

Macunaíma seguiu caminho. Legua e meia adiante estava um macaco mono comendo coquinho baguassú. Pegava no coquinho, botava no vão das pernas junto com uma pedra, apertava e ju-

que! a fruta quebrava. Macunaíma veio e esgurejou com a boca cheia dagua. Falou:

— Bom-dia, meu tio, como lhe vai?

— Assim assim, sobrinho.

— Em casa todos bons?

— Na mesma.

E continuou mastigando. Macunaíma ali, sapeando. O outro enquisilou assanhado:

— Não me olhe de banda que não sou quitanda, não me olhe de lado que não sou melado!

— Mas o quê você está fazendo aí, tio!

O macaco mono soverteu o coquinho na mão fechada e secundou:

— Estou quebrando os meus toaliquiçús pra comer.

— Vá mentir na praia!

— Uai, sobrinho, si tu não dá crédito então praquê pergunta!

Macunaíma estava com vontade de acreditar e indagou:

— E' gostoso é?

O mono estalou a lingua:

— Chi! prove só!

Quebrou de escondido outro coquinho, fingindo que era um dos toaliquiçús e deu pra Macunaíma comer. Macunaíma gostou bem.

— E' bom mesmo, tio! Tem mais?

— Agora se acabou mas si o meu era gostoso que fará os vossos! Come êles, sobrinho!

O heroi teve medo:

— Não doi não?

— Qual, si até é agradavel!...

O heroi agarrou num paralelepipedo. O macaco mono rindo por dentro inda falou pra êle:

— Você tem mesmo coragem, sobrinho?

— Boni-t-o-tó macacheira mocotó! o heroi exclamou empafioso. Firmou bem o paralelepipedo e juque! nos toaliquiçús. Cahiu morto. O macaco mono caçoou assim:

— Pois, meus cuidados, não falei que tu morrias! Falei! Não me escutas! Estás vendo o que sucede pros desobedientes? Agora: sic transit!

Então calçou as luvas de balata e foi-se. D'aí a pouco veio uma chuvarada que refrescou a carne verde do heroi, impedindo a putrefação. Logo se formou um poder de correições de formigas guajúguajús e murupetecas pro corpo morto. O advogado Fulano atraido pelas correições topou com o defunto. Abaixou, tirou a carteira do cadaver porêm só tinha cartão-de-visita. Então resolveu levar o defunto prá pensão, fez. Carregou Macunaíma nas costas e foi andando. Porêm o defunto pesava por demais e o advogado viu que não podia com o pêso. Então arreou o cadaver e deu uma coça de vara nele. O defunto ficou levianinho levianinho e o advogado Fulano poude leva-lo prá pensão.

Maanape chorou muito se atirando sobre o corpo do mano. Depois descobriu o esmagamento. Maanape era feiticeiro. Logo pediu de emprestado prá patroa dois cocos-da-Baía, amarrou-os com

nó-cego no lugar dos toaliquiçús amassados e assoprou fumaça de cachimbo no defunto heroi. Macunaíma foi se erguendo muito desmerecido. Deram guaraná pra êle e d'aí a pouco matava sozinho as formigas que inda o mordiam. Estava tremendo muito porquê por causa da chuvarada a friagem batera de repente. Macunaíma tirou a garrafinha do bolso e bebeu o resto da pinga pra esquentar. Depois pediu uma centena pra Maanape e foi até um chalé jogar no bicho. De-tarde quando viram, a centena tinha dado mesmo. E assim êles viveram com os palpites do mano mais velho. Maanape era feiticeiro.

XIV

A PIOLHENTA DO JIGUÊ

No outro dia por causa da machucadura Macunaíma amanheceu com uma grosseira pelo corpo todo. Foram ver e era a erisipa, doença comprida. Os manos trataram dele bem e traziam diariamente pra casa todos êsses remedios pra erisipela que os vizinhos e conhecidos e desconhecidos, todos êsses brasileiros aconselhavam. O heroi passou uma semana de cama. De-noite sonhava sempre com embarcações e a dona da pensão quando vinha de-manhã por amor de saber como ia o heroi dizia sempre que embarcação significava na certa viagem por mar. Depois saía deixando sôbre a cama do enfermo o Estado de São Paulo. E o Estado de São Paulo era um jornal. Então Macunaíma gastava o dia lendo todos êsses anuncios de remedios pra erisipa. E eram muitos anuncios!

No fim da semana o heroi já estava descascando bem e foi na cidade buscar sarna pra se coçar. Andou banzando banzando, e muito fatigado por causa da fraqueza parou no parque do Anhangabaú. Chegara bem debaixo do monumento a Carlos Gomes que fôra um musico muito cé-

lebre e agora era uma estrelinha do céu. O ruido da fonte murmurejando na tardinha dava pro heroi a visagem das aguas do mar. Macunaíma sentou no parapeito da fonte e assuntou os baguais marinhos de bronze chorando agua. E lá na escureza da gruta por detrás da tropilha presenciou uma luz. Fixou mais e distinguiu uma embarcação muito linda que vinha boiando sobre as aguas. "E' uma vigilenga" murmurou. Porêm a nau vinha chegando cada vez maior. "E' um gaiola" murmurou. Porêm o gaiola vinha chegando tão grande tão! que o heroi deu um salto sarapantado e gritou na boca-da-noite ecoada "E' um vaticano!" O navio já vinha bem visivel por detrás dos baguais de bronze. Tinha o corte da velocidade no casco de prata e os mastros inclinados pra trás estavam cheios de bandeiras que o vento da correria imprensava entre as laminas de ar. O grito chamara os choferes da esplanada e todos curioseavam o gesto parado de heroi e seguiam o risco do olhar dele batendo na fonte escura.

— Que foi, heroi?

— Olha lá!... Olha o vaticano macota que vem vindo sobre as aguas imensas do mar!

— Adonde!

— Por detrás do cavalo de estibordo!

Então todos viram por detrás do cavalo de estibordo o navio chegando. Já estava bem perto e ia passar entre o cavalo e a parede de pedra, já estava na boca da gruta. E era um navio guassú.

— Não é vaticano não! é o tranzatlantico fazendo viagem por mar! gritou um chofêr japonês que já fizera muita viagem por mar. E era um tranzatlantico enorme. Vinha iluminado, relampeava todo de oiro e prata embandeirado e festeiro. Os oculos das cabinas eram colares no casco e nos cinco deques empoleirados corria, música entre a gentama dançando mexida no cururú. A choferada comentava:

— E' do Loide!

— Não, é da Hamburgo!

— Vá saindo! 'tou percebendo! então! E' il piróscafo Conte Verde em vez!

E era o piróscafo Conte Verde sim. E era a Mãi Dagua que vinha bancando piróscafo pra atentar o heroi.

— Gente! adeus, gente! Vou prá Europa que é milhor! Vou em busca de Venceslau Pietro Pietra que é o gigante Piaimã comedor de gente! que o heroi discursava.

E toda a choferada abraçava Macunaíma se despedindo. O vapor estava ali e Macunaíma já pulara no cáis da fonte pra subir a escadinha do piróscafo Conte Verde. Todos os tripulantes na frente da música acenavam chamando Macunaíma e eram marujos forçudos, eram argentinos finissimos e eram tantas donas lindissimas prá gente brincar até enjoar com os balangos das ondas.

— Desce a escadinha, capitão! que o heroi exclamou.

Então o capitão tirou o cocar e executou uma letra no ar. E todos, os marujos os argentinos finissimos e as cunhãs lindissimas pra Macunaíma brincar, todos êsses tripulantes soltaram váias macotas caçoando do heroi enquanto o navio manobrando sem parar dava a popa prá terra e flexava de novo pro fundo da gruta. E todos aqueles tripulantes viraram doentes com erisipa sempre caçoando do heroi. E quando o piróscafo atravessou o estreito entre a parede da gruta e o bagual de bombordo a chaminèzona guspiu uma fumaçada de pernilongos, de borrachudos mosquitos-polvora mutucas maribondos cabas potós moscas-de-ura, todos êsses mosquitos afugentando os motoristas.

O heroi sentado no rebordo da fonte penava todo mordido e com mais erisipa, mais, todo erisipelado. Sentiu frio e veio a febre. Então espantou com um gesto os mosquitos e caminhou prá pensão.

No outro dia Jiguê entrou em casa com uma cunhã, fez ela engulir tres bagos de chumbo pra não ter filho e os dois dormiram na rede. Jiguê tinha se amulherado. Ele era muito valente. Passava o dia limpando a espingarda e afiando a lamparina. A companheira de Jiguê todas as manhãs ia comprar macacheira pros quatro comerem e se chamava Suzí. Porêm Macunaíma que era o namorado da companheira de Jiguê, todos os dias comprava uma lagosta pra ela, punha no fundo do jamachí e por cima esparramava a macacheira

pra ninguem não maliciar. Suzí era bem feiticeira. Quando chegava em casa deixava a cesta na saleta e ia dormir pra sonhar. Sonhando ela falava pra Jiguê:

— Jiguê, meu companheiro Jiguê, estou sonhando que tem lagosta por debaixo da macacheira.

Jiguê ia ver e tinha. Todos os dias era assim e Jiguê tendo amanhecido com dor-de-cotovelo desconfiou. Macunaíma percebeu a dor do mano e fez uma mandinga pra ver si passava. Pegou numa cuia e de-noite deixou-a no terraço, rezando manso:

"Agua do céu
Vem nesta cuia,
Paticl vem nesta agua,
Moposêru vem nesta agua,
Sivuoímo vem nesta agua,
Omaispopo vem nesta agua,
Os Donos da Agua enxotem a dor-de-corno!
Aracú, Mecumecurí, Paí, que venham nesta agua,
E enxotem a dor-de-corno si o doente beber esta agua,
Em que estão encantados os Donos da Agua!"

Deu pra Jiguê beber no outro dia porêm não

surtiu efeito não e o mano andava muito desconfiado.

Quando Suzí se vestia pra ir na feira, assobiava o foxtrote da moda pro namorado ir tambem. O namorado era Macunaíma, ia. A companheira de Jiguê saía e Macunaíma saía atrás. Andavam brincando por aí e quando chegava a hora da volta já não tinha macacheira mais na feira. Pois então Suzí disfarçando ia atrás da casa, sentava no jamachí e puxava uma porção de macacheira de dentro do maissó. Todos comiam muito bem, só Maanape resmungava:

— Caboclo de Taubaté, cavalo pangaré, mulher que mija em pé, libera nós Dominé! e empurrava a comida.

Maanape era feiticeiro. Não queria saber daquela macacheira não e como andava curtindo fome passava o tempo mastigando ipadú pra enganar. De-noite quando Jiguê queria pular na rede a companheira dele principiava gemendo, falando que estava empanzinada de tanto engulir caroço de pitomba. Era só pra Jiguê não brincar com ela. Jiguê teve raiva.

No outro dia ela foi na feira e assobiou o foxtrote da moda, Macunaíma saiu atrás. Jiguê era muito valente. Pegou numa mirassanga enorme e foi devagarinho atrás deles. Procurou procurou e encontrou Suzí com Macunaíma de mãos dadas no jardim da Luz. Já estavam se rindo um pro outro. Jiguê desceu a mirassanga nos dois, levou a com-

panheira prá pensão e deixou o mano fatigado na beira da lagoa entre cisnes.

Do outro dia em diante Jiguê é que fazia as compras deixando a companheira prêsa no quarto. Suzí sem quefazer passava o tempo contrariando a moralidade mas uma feita o santo Anchieta vindo ao mundo passou pela casa dela e por piedade ensinou-a a catar piolhos. Suzí possuia uns cabelos ruivos á la garçonne e sustentava muitos piolhos, muitos! Agora não sonhava mais não que tinha lagosta por debaixo da macacheira nem não fazia imoralidades. Quando Jiguê partia ela tirava os cabelos e espetando-os no porrete do companheiro, catava piolhos. Mas tinha muitos piolhos, muitos! Então com medo que o companheiro apanhasse ela no trabalho, falou assim:

— Jiguê, meu companheiro Jiguê, quando você volta do mercado bate primeiro na porta, bate todos os dias uma porção de tempo pra mim ficar contente e ir cozinhar a macacheira.

Jiguê falou que sim. Todos os dias ia no mercado comprar macacheira e quando voltava batia demorado na porta. Então a cunhã botava os cabelos na cabeça e ficava esperando Jiguê.

— Suzí, minha companheira Suzí, bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?

— Muito! ela fez. E foi cozinhar a macacheira.

E todos os dias era assim. Mas tinha muitos piolhos, muitos! E' que ela contava os catados um por um e por isso os piolhos aumentavam. Uma

feita Jiguê matutou no que ficava fazendo a companheira quando êle ia no mercado e teve vontade de assusta-la, fez. Virou de pernas pro ar e veio andando nas pontas das mãos. Abriu a porta e assustou Suzí. Isso ela gritou botando afobada a cabeleira na cabeça. E os cabelos da testa ficaram no cangote e os cabelos do cangote ficaram na testa escorrendo. Jiguê xingou Suzí de porca e deu nela até escutar alguem subindo a escada. Era Chico vindo de baixo. Então Jiguê parou e foi afiar a bicuda.

No outro dia Macunaíma estava outra vez com vontade de brincar com a companheira de Jiguê. Falou pros manos que ia numa caçada longe porêm não foi não. Comprou duas garrafas de licor de butiá catarinense uma dúzia de sanduíches dois abacaxis de Pernambuco e se amoitou no quartinho. Passado tempo saiu de lá e falou pra Jiguê, mostrando o embrulho:

— Mano Jiguê, no fim de muitas ruas, você indo, tem uma fruteira trilhada. Vi um poder de caça, vá ver!

O mano espiou desconfiado pra êle porêm Macunaíma disfarçou bem:

— Olhe, tem paca tatú cotia... Minto, cotia não enxerguei nenhuma. Paca tatú, cotia não.

Jiguê emprenhava pelas oiças mesmo, foi logo pegando na espingarda e falou:

— Então vou porêm mano jura primeiro que não brinca com minha obrigação.

Macunaíma jurou pela memória da mãi que nem olhava pra Suzí. Então Jiguê tornou a pegar na espingarda-pá e na faca de ponta-tá tatatá e partiu. Macunaíma nem bem Jiguê virou a esquina ajudou Suzí abrindo os embrulhos e botando uma toalha de renda famosa chamada "Ninho de Abelha" cujo papelão fôra roubado em Muriú de Ceará-Mirim pela danada Geracina da Ponta do Mangue. Quando tudo ficou pronto os dois pularam na rede e brincaram. Agora estão se rindo um pro outro. Depois de rirem bastante, Macunaíma falou:

— Desarrolha uma garrafa prá gente beber.

— Sim, ela fez. E beberam a primeira garrafa de licor de butiá que era muito gostoso. Os dois estalaram a lingua e pularam na rede outra feita. Brincaram quanto quiseram. Agora estão se rindo um pro outro.

Jiguê andou legua e meia, foi até no fim das ruas, campeou a fruteira uns pares de vezes, muito tempo, jacaré achou? nem êle! Não tinha fruteira nenhuma e Jiguê voltou campeando sempre por todos os fins das ruas. Afinal chegou subiu no quarto e encontrou mano Macunaíma com a Suzí já rindo. Jiguê teve raiva e deu uma coça na companheira. Agora ela está chorando. Jiguê agarrou o heroi e chegou o porrete com vontade nele. Deu que mais deu até Manuel chegar. Manuel era o criado da pensão, um ilheu. Agora o heroi está fatigado. E Jiguê que vinha padecendo de fome,

então comeu as sanduíches os abacaxis e bebeu o licor de butiá.

Os dois sovados passaram a noite se lastimando. No outro dia Jiguê enfarado pegou na sarabatana e saiu pra ver si encontrava a tal de fruteira. Jiguê era muito bobo. Suzí viu êle sair, enxugou os olhos e falou pro namorado:

— Choremos não.

Então Macunaíma desamarrou a cara e se arranjou pra ir falar com mano Maanape. Jiguê de volta na pensão perguntou pra Suzí:

— Onde anda o heroi?

Porêm ela estava zangadissima e principiou assobiando. Então Jiguê agarrou no porrete, se chegou prá companheira e disse muito triste:

— Vai embora, perdição!

D'aí ela sorriu feliz. Catou sem contar todos os piolhos que restavam e eram muitos piolhos, atrelou-os a uma cadeira-de-balanço, sentou nela, os piolhos pularam e Suzí foi pro céu virada na estrêla que pula. E' uma zelação.

O heroi nem bem viu Maanape de longe pegou se lastimando. Se atirou nos braços do mano e contou uma historiada bem triste provando que Jiguê não tinha razão nenhuma pra sova-lo tanto. Maanape ficou zangado e foi falar com Jiguê. Mas Jiguê tambem já vinha pra falar com Maanape. Se encontraram no corredor. Maanape contou pra Jiguê e Jiguê contou pra Maanape. Então êles veri-

ficaram que Macunaíma era muito safado e sem caracter. Voltaram pro quarto de Maanape e toparam com o heroi se lastimando. Pra consolar levaram êle passear na máquina automovel.

XV

MUIRAQUITÃ

No outro dia de manhã nem bem Macunaíma abriu a janela, enxergou um passarinho verde. O heroi ficou satisfeitissimo e inda estava ficando satisfeito quando Maanape entrou no quarto contando que as máquinas jornais anunciavam a volta de Venceslau Pietro Pietra. Então Macunaíma resolveu não ter mais contemplação com o gigante e mata-lo. Saiu da cidade e foi no mato Fulano experimentar fôrça. Campeou legua e meia e afinal topou com uma peroba com a sapopemba do tamanho dum bonde. "Esta serve" êle fez. Enfiou o braço na sapopemba, deu arranco e o pau saiu da terra não deixando nem sinal. "Agora sim que tenho fôrça!" Macunaíma exclamou. Tornou a ficar satisfeito e voltou prá cidade. Porêm não podia nem andar porquê estava cheio de carrapatos. Macunaíma com muita pachorra falou pra êles:

— Ara, carrapatos! vão embora, pessoal! Não devo nada pra vocês não!

Então a carrapatada caiu no chão por encanto e foi-se embora. Carrapato já foi gente que nem nós... Uma feita botou uma vendinha na beira da

estrada e fazia muitos negocios porquê não se incomodava de vender fiado. Tanto fiou tanto fiou, tanto brasileiro não pagou que afinal carrapato quebrou e foi posto pra fora da vendinha. Ele agarra tanto na gente porquê está cobrando as contas.

Quando Macunaíma chegou na cidade já era noite fechada e êle foi logo tocaiar a casa do gigante. Tinha neblina sobre o mundo e a casa estava sem ninguem de tanta que era a escureza. Macunaíma se lembrou de procurar uma criada pra brincar porêm tinha estacionamento das máquinas taxis na esquina e as cunhãs já estavam brincando por aí. Macunaíma se lembrou de armar arapuca pros curiós mas faltava isca. Não havia que fazer e sentiu sono. Porêm dormir não queria não porquê estava esperando Venceslau Pietro Pietra. Imaginou: "Agora vou vigiar e quando Sono vier enforco êle". Não demorou muito viu um vulto chegando. Era Emoron-Pódole, o Pai do Sono. Macunaíma ficou muito parado entre os ninhos de cupim pra não espantar o Pai do Sono e poder mata-lo. Emoron-Pódole veio vindo veio vindo e quando já estava pertinho, o heroi cochilou, bateu com o queixo no peito, mordeu a lingua e gritou:

— Que susto!

O Sono fugiu logo. Macunaíma seguiu andando muito desapontado. "Ora veja só! não peguei mas quasi... Vou esperar outra vez e macacos me lambam si agora não pego o Pai do Sono e enforco

êle!" Assim que o heroi refletiu. Tinha um corgo perto com um pau caido por cima servindo de pinguela. Mais pra longe uma lagoa branquejava de luar porquê a neblina já tinha ido-se embora. A vista era quieta e muito suave por causa da agùinha cantando o acalanto dos pobres. O Pai do Sono devia de estar amoitado por ali. Macunaíma cruzou os braços e com o ôlho esquerdo dormindo ficou imovel entre os ninhos de cupim. Não demorou muito enxergou Emoron-Pódole chegando. O Pai do Sono veio vindo veio vindo e de repente parou. Macunaíma ouviu que êle falava:

— Aquele sugeito não tá morto não. Morto que não arrota onde se viu!

Então o heroi arrotou "juque!"

— Onde se viu morto arrotar, gentes! o Sono caçoou e fugiu logo.

Por isso que o Pai do Sono inda existe e os homens por castigo não podem dormir em pé.

Macunaíma ia ficar desapontado com o sucedido quando escutou uma bulha e enxergou do outro lado do corgo um chofêr gesticulando feito chamado. Ficou muito sarapantado e gritou tiririca:

— Isso é comigo, colega! Sou francesa não!

— Sai azar! o rapaz fez.

Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando o corgo

pelo pau. Depois dela passar o heroi gritou prá pinguela:

— Viu alguma coisa, pau?

— Vi a graça dela!

— Quá! quá! quá quaquá!...

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na agua rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontava nas costas dele porêm escorregando no corpo nú molhado caia de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés nagua e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando geitoso, cegando o rapaz. Então êle enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de agua. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jacto em cheio na barriga. Assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da agua, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada os tambiús rabejando no ar a prata do engaste. Então pra agradecer ela enfiou tres lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não

teve apôio mais e êle no sufragante focinhou nagua até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ela ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e êle enrolou-se nela talqualmente um apuiseiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam nagua outra vez.

Macunaíma chegava. Sentou no fundo da igarité virada, esperando. Quando viu que êles tinham acabado de brincar, falou pro chofêr:

— Faz tres dias que não como,
Semana que não escarro,
Adão foi feito de barro,
Sobrinho, me dá um cigarro.

O chofêr secundou:

— Me desculpe, meu parente,
Si cigarro não lhe dou;
A palha o fosfre e o goiano
Caiu nagua, se molhou.

— Não se incomode que eu tenho, respondeu Macunaíma. Tirou uma cigarreira de tartaruga feita por Antonio do Rosario no Pará, ofereceu cigarros de palha de tauarí pro moço e prá criadinha, acendeu um fosforo pros dois e outro pra êle.

Depois afastou os mosquitos e principiou contando um caso. Assim a noite passava depressa e a gente não se amolava com o canto da sururina marcando as horas da escuridão. E era assim:

— No tempo de dantes, moços, o automovel não era uma máquina que nem hoje não, era a onça parda. Se chamava Palauá e parava no grande mato Fulano. Vai, Palauá falou pros olhos dela:

— Vão na praia do mar, meus verdes olhos, depressa depressa depressa!

Os olhos foram e a onça parda ficou cega. Porêm levantou o focinho, fez êle cheirar o vento e percebeu que Aimalá-Pódole, o Pai da Traíra estava nadando lá no longe do mar e gritou:

— Venham da praia do mar, meus verdes olhos, depressa depressa depressa!

Os olhos vieram e Palauá ficou enxergando outra vez. Passava por ali a tigre preta que era muito feroz e falou pra Palauá:

— O que você está fazendo, comadre!

— Estou mandando meus olhos olharem o mar.

— E' bom?

— Pros cachorros!

— Então manda os meus tambem, comadre!

— Mando não porquê Aimalá-Pódole está na praia do mar.

— Manda que sinão te engulo, comadre!

Então Palauá falou assim:

— Vão na praia do mar, amarelos olhos de minha comadre tigre, depressa depressa depressa!
Os olhos foram e a tigre preta ficou cega. Aimalá-Pódole estava lá e juque! enguliu os olhos da tigre. Palauá maliciou tudo porquê o Pai da Traíra estava cheirando mui forte. Foi tratando de se raspar. Porêm a tigre preta que era mui feroz presenciou a fugida e falou prá onça parda:

— Espera um pouco, comadre!

— Não vê que careço de buscar janta pra meus filhos, comadre. Então até outro dia.

— Primeiro manda meus olhos voltarem, comadre, que já tomei um fartão de escureza.

Palauá gritou:

— Venham da praia do mar, amarelos olhos de minha comadre tigre, depressa depressa depressa!

Porêm os olhos não voltaram não e a tigre preta ficou feito furia.

— Agora que te engulo, comadre!

E correu atrás da onça parda. Foi uma chispada mãi por êsses matos que chii! os passarinhos se tornaram pequetitinhos pequetitinhos de medo e a noite levou um susto tamanho que ficou paralitica. Por isso que quando faz dia em riba das árvores, dentro do mato é sempre noite. A coitada não pode mais andar...

Quando Palauá correu legua e meia olhou pra trás fatigada. Porêm a tigre preta vinha perto. Vai, Palauá chegou num morro chamado Ibiraçoi-

aba e topou com uma bigorna gigante, aquela uma que pertencia á fundição de Afonso Sardinha no princípio da vida brasileira. Junto da bigorna estavam quatro rodas esquecidas. Então Palauá amarrou elas nos pés pra poder deslisar sem muito esfôrço e, como se diz: desatou o punho da rede outra feita. Uma chispada mãi! A onça enguliu num atimo legua e meia de terreno porêm isso vinha que vinha acochada pela tigre. Faziam um barulhão tamanho que os passarinhos estavam pequetitinhos pequetitinhos de medo e a noite mais sombria por causa que não podia andar. E a bulha inda era assombrada pelos gemidos do noitibó... Noitibó é Pai da Noite, moços, e chorava a miseria da filha.

Bateu fome em Palauá. A tigre na cola dela. Mas Palauá nem não podia mais correr assim com o estomago nas costas, vai, em de mais longe quando passou pela barra do Boipeba onde o cuizarrúim morou, viu um motor perto e enguliu o tal. Nem bem motor caiu na barriga da onça que a pobre criou fôrça nova e chispou. Fez legua e meia e olhou pra trás. Isso a tigre preta vinha feita pra cima dela. Estava uma escureza que só vendo por causa da malinconia da noite e bem na frente dum feixo a onça deu uma trombada temivel no derrame dum morrete, que por um triz, era uma vez Palauá! Vai, ela abocanhou dois vagalumões e seguiu com êles nos dentes pra alumiar caminho. Nem bem fez outra legua e meia olhou pra trás.

A tigre junto. Era por causa que a onça parda cheirava muito e a peste da cega tinha faro de perdigueiro. Vai, Palauá ingeriu um purgante de olio de mamona, pegou numa lata da essencia chamada gazolina, despejou no x e lá foi fuomfuom! fuom! que nem burro peidorreiro por aí. A bulha foi tamanha que nem se escutou o tinido assombrado dos pratos partidos do morro do Assobio ali. A tigre preta ficou toda atrapalhada por causa que era cega e não cheirava mais a catinga da comadre. Palauá correu mais muito e olhou pra trás. Não enxergou a tigre. Tambem nem não podia mais correr com as fuças fumegando de quentura. Tinha ali perto um bananal macota com um pauê na faixa porquê Palauá já tinha chegado no porto de Santos. Vai, a bicha derramou agua cansada no focinho e desesquentou. Depois cortou uma folha assú de banana-figo e se escondeu botando ela por riba feito capote. Dormiu assim. A tigre preta que era muito feroz até passou por ali. Onça nem pio. E a outra passou não presenciando a comadre. Então de medo a onça nunca mais que largou de tudo o que tinha ajudado ela fugir. Anda sempre com roda nos pés, motor na barriga, purgante de olio na garganta, agua nas fuças, gazolina no osso-de-Pai-João, os dois vagalumões na boca e o capote de folha de banana-figo cobrindo, ai ai! prontinha pra chispar. Principalmente si pisa nalguma correição da formiga chamada taxi e alguma trepando no pelame luzido morde a orelha dela, qual!

chispa que nem Deus!... E inda tomou nome estranho pra disfarçar mais. E' a máquina automovel.

Mas por causa que bebeu agua cansada Palauá teve estupor. Possuir automovel de seu é ter estupor em casa, moços.

Dizem que mais tarde a onça pariu uma ninhada enorme. Teve filhos e filhas. Uns machos outros femeas. Por isso que a gente fala "um forde" e fala "uma chevrolé"...

Tem mais não."

Macunaíma parou. Chorava comoção pela boca dos moços. Sobre as aguas a fresca boiava de barriga pro ar. O rapaz mergulhou a cabeça pra disfarçar a lagrima e trouxe um tambiú nos dentes rabejando danadinho. Repartiu a comida com a moça. Então lá na porta da casa uma onça fíate abriu a guela e urrou prá Lua:

— Baúa! Baúa!

Se escutou uma bulha formidavel e tomou conta do ar um pitium sufocando. Era Venceslau Pietro Pietra que chegava. O motorista se ergueu logo e a criada tambem. Estenderam a mão pra Macunaíma, convidando:

— Seu gigante chegou de viagem, vamos todos saber como está?

Fizeram. Encontraram Venceslau Pietro Pietra na porta-da-rua conversando com reporter. O gigante riu pros tres e falou pro motorista:

— Vamos lá dentro?

— Pois não!

Paiamã possuia orelhas furadas por causa dos brincos. Enfiou uma perna do rapaz na orelha direita, a outra na esquerda e foi carregando o moço nas costas. Atravessaram o parque e entraram na casa. Bem no meio do hol de acapú mobiliado com sofás de cipó-titica feitos por um judeu alemão de Manaus, se via um buraco enorme tendo por cima um cipó de japecanga feito balanço. Piaimã sentou o moço no cipó e perguntou pra êle si queria balançar um bocado. O moço fez que sim. Piaimã balançou balançou, de repente deu um arranco. Japecanga tem espinho... Os espinhos entraram na carne do chofêr e principiou escorrendo sangue no buraco.

— Chega! já estou satisfeito! que o chofêr gritava.

— Balança que vos digo! secundava Piaimã.

Sangue escorrendo. A caapora companheira do gigante estava lá em baixo do buraco e o sangue pingava numa tachada de macarrão que ela preparava pro companheiro. O rapaz gemia no balanço:

— Ah, si eu possuisse meu pai e minha mãi a meu lado não estava padecendo nas mãos dêste malvado!...

Então Piaimã deu um arranco muito forte no cipó e o rapaz caiu no môlho da macarronada.

Venceslau Pietro Pietra foi buscar Macunaí-

ma. O heroi já estava se rindo com a criadinha. O gigante falou pra êle:

— Vamos lá dentro?

Macunaíma estendeu os braços sussurrando:

— Ah!... que preguiça!...

— Ora vamos!... Vamos?

— Pois sim...

Então Piaimã fez pra êle como fizera pro chofêr, carregou o heroi na costas de cabeça pra baixo prendidos os pés nos buracos das orelhas. Macunaíma aprumou a sarabatana e assim de cabeça pra baixo era ver um atirador malabarista de circo, acertando nos ovinhos do alvo. O gigante ficou muito incomodado virou e percebeu tudo.

— Faz isso não, patricio!

Tomou a sarabatana e jogou longe. Macunaíma agarrava quanto ramo caia na mão dele.

— Que você está fazendo? perguntou o gigante ressabiado.

— Não vê que os ramos estão batendo na minha cara!

Piaimã virou o heroi de cabeça pra cima. Então Macunaíma fez cocegas com os ramos nas orelhas do gigante. Piaimã dava grandes gargalhadas e pulava de gôso.

— Não amola mais, patricio! êle fez.

Chegaram no hol. Por debaixo da escada tinha uma gaiola de ouro com passarinhos cantores. E os passarinhos do gigante eram cobras e lagartos. Macunaima pulou na gaiola e principiou muito

disfarçado comendo cobra. Piaimã convidava-o pra vir no balanço porêm Macunaíma engulia cobras contando:

— Falta cinco...

E engulia mais outra bicha. Afinal as cobras se acabaram e o heroi cheio de raiva desceu da gaiola com o pé direito. Olhou cheio de raiva pro gatuno da muiraquitã e rosnou:

— Hhhm... que preguiça!

Mas Piaimã insistia pro heroi balangar.

— Eu até que nem não sei balançar... Milhor você vai primeiro, que Macunaíma rosnou.

— Que eu nada, heroi! E' facil que nem beber agua! Assuba na japecanga, pronto: eu balanço!

— Então aceito porêm você vai primeiro, gigante.

Paimã insistiu mas êle sempre falando pro gigante balançar primeiro. Então Venceslau Pietro Pietra amontou no cipó e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte. Cantava:

"Bão-ba-lão
Senhor capitão,
Espada na cinta
Ginete na mão!"

Deu um arranco. Os espinhos ferraram na carne do gigante e o sangue espirrou. A caapora lá em baixo não sabia que aquela sangueira era do

gigante dela e aparava a chuva na macarronada. Môlho engrossando.

— Para! Para! Piaimã gritava.

— Balança que vos digo! secundava Macunaíma.

Balançou até o gigante ficar bem tonto e então deu um arranco fortissimo na japecanga. Era porquê tinha comido cobra e estava furibundo. Venceslau Pietro Pietra caiu no buraco berrando cantado:

— Lem lem lem... si desta escapar, nunca mais como ninguem!

Enxergava a macarronada fumegando lá em baixo e berrou pra ela:

— Afasta que vos engulo!

Porêm, jacaré fastou? nem tacho! O gigante caiu na macarronada fervendo e subiu no ar um cheiro tão forte de couro cozido que matou todos os ticoticos da cidade e o heroi teve uma sapituca. Piaimã se debateu muito e já estava morre-não-morre. Num esfôrço gigantesco inda se ergueu no fundo do tacho. Afastou os macarrões que corriam na cara dele, revirou os olhos pro alto, lambeu a bigodeira:

— FALTA QUEIJO! exclamou...

E faleceu.

Este foi o fim de Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente.

Macunaíma quando voltou da sapituca foi bus-

car a muiraquitã e partiu na máquina bonde prà pensão. E chorava gemendo assim:

— Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela!...

XVI

A PACUERA DE OIBÊ

Então os tres manos voltaram prá querencia deles.

Estavam satisfeitos porêm o heroi inda mais contente que os outros porquê tinha os sentimentos que só um heroi pode ter: uma satisfa imensa. Partiram. Quando atravessaram o pico do Jaraguá Macunaíma virou pra trás contemplando a cidade macota de São Paulo. Maginou sorumbatico muito tempo e no fim sacudiu a cabeça murmurando:

— Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são...

Enxugou a lagrima, concertou o beicinho tremendo. Então fez um caborge: Sacudiu os braços no ar e virou a taba gigante numa preguiça de pedra. Partiram.

Depois de muito refletir Macunaíma gastara o arame derradeiro comprando o que mais o entusiasmara na civilisação paulista. Estavam ali com êle o revolver Smith-Wesson o relogio Pathek e o casal de galinha Legorne. Do revolver e do relogio Macunaíma fizera os brincos das orelhas e trazia na mão uma gaiola com o galo e a galinha. Não

possuia mais nem um tostão do que ganhara no bicho porêm lhe balangando no beiço furado pendia a pedra verde.

E por causa dela tudo ficara mais facil. Desciam de rodada o Araguaia e quando Jiguê remava Maanape manejava o joão-de-pau. Se sentiam marupiaras outra vez. Pois então Macunaíma adestro na proa tomava nota das pontes que carecia construir ou concertar pra facilitar a vida do povo goiano. Noite chegada, enxergando as luzinhas dos afogados sambando manso nas ipueiras da cheia Macunaíma olhava olhava e adormecia bem. Acordava esperto no outro dia e erguido na proa da igarité com o argolão da gaiola enfiado no braço esquerdo, repinicava na violinha botando a boca no mundo cantando saudades da querencia, assim:

"Antianti é tapejara,
— Pirá-uauau,
Ariramba é cozinheira,
— Pirá-uauau,
Taperá, onde a tapera
Da beira do Uraricoera?
— Pirá-uauau. . ."

E o olhar dele espichando espichando descia a pele do rio em busca dos pagos da infancia. Descia e cada cheiro de peixe cada moita de craguatá cada tudo, punha entusiasmo nele e o heroi botava

a boca no mundo feito maluco fazendo emboladas e traçados sem sentido:

"Taperá tapejara,
— Caboré,
Arapassú passoca,
— Caboré,
Manos, vamos-se embora
Prá beira do Uraricoera!
— Caboré!"

As aguas araguaias murmurejavam chamando a reta da igarité com gemidinho e lá do longe vinha a cantiga peguenta das uiaras. Vei, a Sol, dava lambadas no costado relumeando suor de Maanape e Jiguê remeiros e no cabeludo corpo em pé do heroi. Era um calorão molhado fazendo fogo no delirio dos tres. Macunaíma se lembrou que era imperador do Mato-Virgem. Riscou um gesto na Sol, gritando:

— Eropita boiamorebo!

Logo o céu se escurentou de sopetão e uma nuvem ruivor subiu do horizonte entardecendo a calma do dia. A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arari ararica araraúna ararai araguaí maracanã maitaca arara-piranga catorra teriba camiranga anaca anapura canindés tuíns peri-

quitos, todos êsses, o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador. E todos êsses faladores formaram uma tenda de asas e de gritos protegendo o heroi do despeito vingarento da Sol. Era uma bulha de aguas deuses e passarinhos que nem se escutava mais nada e a igarité meio parava atordoada. Mas Macunaíma assustando os legornes riscava de quando em vez um gesto diante de tudo e gritava:

— Era uma vez uma vaca amarela, quem falar primeiro come a bosta dela! Dem-de-lem chegou!

O mundo ficava mudo não falando um isto e o silêncio vinha amulegar a mornidão da sombra na igarité. E se escutava lá no longe lá no longe baixinho baixinho o ruidejar do Uraricoera. Então dava mais entusiasmo no heroi. A violinha repinicava tremida, Macunaíma pigarreava atirando gusparadas no rio e enquanto o guspe afundava transformado em matamatás nojentos, o heroi botava a boca no mundo feito maluco sem nem saber o que cantava, assim:

"Panapaná pá-panapaná,
Panapaná pá-panapanema:
Papa de papo na popa,
— Maninha,
Na beira do Uraricoera!".

Depois a boca-da-noite enguliu todas as bulhas e o mundo adormeceu. Tinha só Capêi, a Lua, enorme de gorda, rechonchuda que nem cara das polacas depois duma noite daquelas, puxavante! quanta sacanagem feliz quanta cunhã bonita e quanto cachirí!... Então Macunaíma teve saudades do sucedido na taba grande paulistana. Viu todas aquelas donas de pele alvinha com quem brincara de marido e mulher, foi tão bom!... Sussurrou docemente: "Maní! Maní! filhinhas da mandioca!"... Deu um tremor comovido no beiço dele que quasi a muiraquitã cai no rio. Macunaíma tornou a enfiar o tembetá no beiço. Então pensou muito serio na dona da muiraquitã, na briguenta, na diaba gostosa que batera tanto nele, Ci. Ah! Ci, Mãi do Mato, marvada que tornara-se inesquecivel porquê fizera êle dormir na rede tecida com os cabelos dela!... "Quem tem seus amores longe, passa trabalhos trianos..." parafusou. Que caborge da marvada!... E estava lá no campo do céu banzando nuns trinques toda enfeitada passeando brincando quem sabe com quem... Teve ciumes. Ergueu os braços pro alto assustando os legornes e rezou pro Pai do Amor:

"Rudá! Rudá!
Tu que estás no céu
E gostas das chuvas,
Rudá! faz com que minha amada

Por mais companheiros que arranje
Ache que todos são frouxos!
Assopra nessa marvada
Sodades do seu marvado!
Faz com que ela se lembre de mim amanhã
Quando a Sol for-se embora no poente!..."

Olhou bem pro ar. Não tinha Ci não, Capêi só, gordanchona, tomando tudo. O heroi deitou de comprido na igarité, fez um cabeceiro da gaiola e adormeceu entre maruíns piúns muriçocas.

A noite já estava amarelando quando Macunaíma acordou com os gritos dos viras num bambuzal. Assuntou a vista e deu um pulo na praia, falando pra Jiguê:

— Espera um bocadinho.

Entrou no mato bem, legua e meia. Foi buscar a linda Iriquí, companheira dele que já fôra companheira de Jiguê e esperava se enfeitando e coçando mucuím assentada nas raizes da samaúma. Os dois se festejaram, muito brincaram e vieram prá igarité.

Quando foi ali pelo meio-dia a papagaiada se estendeu de novo resguardando Macunaíma. E assim por muitos dias. Uma tarde o heroi estava muito enfarado e se lembrou de dormir em terra firme, fez. Nem bem pisou na praia e se ergueu na frente dele um monstro. Era o bicho Pondê um jucurutú do Solimões que virava gente de-noite e

engulia os estradeiros. Porêm Macunaíma pegou na flexa que tinha afincada na ponta a cabeça chata da formiga santa se chamando curupê e nem fez pontaria, acertou que foi uma beleza. O bicho Pondê estourou virando coruja. Mais pra diante depois de atravessado um chato quando subia por um espigão cheio de crocas topou com o monstro Mapinguarí macaco-homem que anda no mato fazendo mal prás moças. O monstro agarrou Macunaíma porêm o heroi tirou o toaquiçú pra fora e mostrou pro Mapinguarí.

— Não confunde não, parceiro!

O monstro riu e deixou Macunaíma passar. O heroi andou legua e meia procurando um pouso sem formiga. Subiu na ponta dum cumarú de quarenta metros e afinal depois de muito campear descobriu uma luzinha longe. Foi lá e topou com um rancho. E era o rancho de Oibê. Macunaíma bateu e uma vozica mui doce gemeu de lá dentro:

— Quem vem lá!

— E' de paz!

Então a porta se abriu e apareceu um bicho tamanho que sarapantou o heroi. Era o monstro Oibê o minhocão temivel. O heroi sentiu friagem por dentro mas se lembrou do smith-wesson, criou coragem e pediu pousada.

— Entre que a casa é sua.

Macunaíma entrou, sentou numa canastra e ficou assim. Afinal perguntou:

— Vamos conversar?

— Vamos.

— Sobre o quê?

Oibê coçou a barbicha matutando e de repente descobriu satisfeito:

— Vamos conversar porcaria?

— Chi! gosto disso que é um horror! o heroi exclamou.

E conversaram uma hora de porcariada.

Oibê estava cozinhando a comidinha dele. Macunaíma não tinha fome nenhuma porêm botou a gaiola no chão e só de embusteiro esfregando a mão na barriga fez:

— Juque!

Oibê resmungou:

— Que é isso, gente!

— E' fome é fome!

Oibê pegou numa gamela, botou cará com feijão dentro, encheu uma cuia com farinha-dagua e ofereceu pro heroi. Mas não deu nem um tiquinho da pacuera assando no espeto de canela de sassafraz e aromando bem. Macunaíma enguliu tudo sem mastigar e não tinha fome nenhuma porêm a boca dele ficou cheia de agua por causa da pacuera assando. Esfregou a mão na barriga e fez:

— Juque!

Oibê resmungou:

— Que é isso, gente!

— E' sêde é sêde!

Oibê pegou no balde e foi buscar agua no poço. Enquanto ia, Macunaíma tirou a canela de

sassafraz das brasas engulìu a pacuera inteira sem mastigar e ficou bem sossegado esperando. Quando o minhocão trouxe o balde Macunaíma bebeu um coco cheio. Depois se espreguiçando suspirou:

— Juque!

O monstro se sarapantou:

— Que mais que é, gente!

— E' sono é sono!

Então Oibê levou Macunaíma pro quarto-de-hóspedes deu boa-noite e fechou a porta por fora. Foi cear. Macunaíma botou a gaiola num canto, cobrindo o casal de galinhas com umas chitas. Assuntou o quarto bem. Tinha uma bulhinha sem parada vinda de todos os lados. Macunaíma bateu a pedra do isqueiro e viu que eram baratas. Trepou assim mesmo na rede não sem espiar mais uma feita si não faltava nada pros legornes. O casal estava até bem satisfeito comendo barata. Macunaíma se riu pra êle, arrotou e adormeceu. D'aí a pouco estava coberto de baratas lambendo.

Quando Oibê pôs reparo que Macunaíma tinha comido a pacuera, teve raiva. Agarrou num sininho, se embrulhou num lençol branco e foi fazer assombração pro hóspede. Mas era só de brincadeira. Bateu na porta e manejou o sininho, de-lem!

— Oi?-

— Vim buscar minha pacuera-cuera-cuera-cuera-cuera, de-lem!

Abriu a porta. Quando o heroi enxergou a

assombração ficou com tanto medo que nem se mexeu. Ele não sabia que era Oibê não. A fantasma vinha vindo:

— Vim buscar minha pacuera-cuera-cuera-cuera-cuera, de-lem!

Então Macunaíma percebeu que não era assombração nada, era mas o monstro Oibê minhocão temivel. Criou coragem pegou no brinco da orelha esquerda que era a máquina revolver e deu um tiro na assombração. Porêm Oibê não fez caso e veio vindo. O heroi tornou a ter medo. Pulou da rede agarrou a gaiola e escafedeu pela janela, jogando baratas no caminho todo. Oibê correu atrás. Mas era só de brincadeira que êle queria comer o heroi. Macunaíma desembestara agreste fora mas isso ia que ia acochado pelo minhocão. Então botou o furabolo na guela, fez cosquinha e lançou a farinha engulida. A farinha virou num areão e enquanto o monstro pelejava pra atravessar aquele mundo de areia escorregando, Macunaíma fugia. Tomou pela direita, desceu o morro do Estrondo que soa de sete em sete anos seguiu por uns caponetes e depois de cortar um travessão encapelado fez o Sergipe de ponta a ponta e parou ofegando num agarrado muito pedregoso. Na frente havia uma lapa grande furada por uma furna com um altarzinho dentro. Na boca da socava um frade. Macunaíma perguntou pro frade:

— Como se chama o nome de você?

O frade pôs no heroi uns olhos frios e secundou com pachorra:

— Eu sou Mendonça Mar pintor. Desgostoso da injustiça dos homens faz tres seculos que afastei-me deles metendo a cara no sertão. Descobri esta gruta ergui com minhas mãos êste altar do Bom Jesus da Lapa e vivo aqui perdoando gente mudado em frei Francisco da Soledade.

— Está bom, Macunaíma falou. E partiu na chispada.

Mas o terreno era cheio de socavas e logo adiante estava outro desconhecido fazendo um gesto tão bobo que Macunaíma parou sarapantado. Era Hercules Florence. Botara um vidro na boca duma furna mirim, tapava e destapava o vidro com uma folha de taioba. Macunaíma perguntou:

— Ara ara ara! Mas você não me dirá o quê que está fazendo aí, siô!

O desconhecido virou pra êle e com os olhos relumeando de alegria falou:

— Gardez cette date: 1927! Je viens d'inventer la photographie!

Macunaíma deu uma grande gargalhada.

— Chi! Isso já inventaram que anos, siô!

Então Hercules Florence caiu estuporado sobre a folha de taioba e principiou anotando com música uma memória scientifica sobre o canto dos passarinhos. Estava maluco. Macunaíma chispou.

Depois que correu legua e meia olhou pra trás e viu que Oibê já vinha perto. Botou o furabolo

na guela e lá foi pro chão todo o cará engulido que virou num tartarugal mexemexendo. Oibê custou pra virar aquela imundicie de tartaruga e Macunaíma fugiu. Legua e meia adiante olhou pra trás. Isso Oibê vinha na cola dele. Então tornou a botar o furabolo na guela e lançou todo o feijão e agua. Tudo virou num lamedo cheio de sapos-bois e enquanto Oibê se debatia atravessando aquilo, o heroi catava umas minhocas prás galinhas e partia afobado. Ganhou muita dianteira e parou pra descansar. Ficou bem admirado porquê tinha corrido tanto que estava outra feita na porta do rancho de Oibê. Resolveu se esconder no pomar. Tinha um pé de carambola e Macunaíma principiou arrancando ramos do caramboleiro pra se amoitar por debaixo. Os ramos cortados agarraram pingando agua de lagrima e se escutou o lamento do caramboleiro:

> "Jardineiro de meu pai,
> Não me cortes meus cabelos,
> Que o malvado me enterrou
> Pelo figo da figueira
> Que passarinho comeu...
> — Chó chó, passarinho!

Todos os passarinhos choraram de pena gemida nos ninhos e o heroi gelou de susto. Agarrou no patuá que trazia entre os berloques do pescoço e traçou uma mandinga. O caramboleiro virou numa

princesa muito chique. O heroi teve um desejo danado de brincar com a princesa porêm Oibê já devia de estar estourando por aí. De fato:

— Vim buscar minha pacuera-cuera-cuera-cuera-cuera, de-lem!

Macunaíma deu a mão prá princesa e fugiram na disparada. Mais adiante havia uma figueira com a sapopemba enorme. Oibê estava já no calcanhar deles e Macunaíma não tinha tempo mais pra nada. Então se meteu com a princesa no buraco da sapopemba. Mas o minhocão enfiou o braço e inda agarrou a perna do heroi. Ia puxar mas Macunaíma deu uma grande gargalhada de experiencia e falou:

— Você está maginando que pegou minha gambia, pegou não! Isso é raiz, bocó!

O minhocão largou. Macunaíma gritou:

— Pois era a perna mesmo, bocó-de-mola!

Oibê tornou a enfiar o braço mas o heroi já tinha encolhido a perna e o minhocão só achou raiz. Tinha uma garça perto. Oibê falou pra ela:

— Comadre garça, bote sentido no heroi. Não deixe êle sair que vou buscar uma enxada pra cavar.

A garça ficou guardando. Quando Oibê já estava longe Macunaíma falou pra ela:

— Então, sua palerma, é assim que se bota sentido num heroi! Fique bem perto arregalando os olhos!

A garça fez. Então Macunaima atirou um pu-

nhado de formigas-de-fogo nos olhos dela e enquanto a garça gritava de cega êle saiu do buraco com a princesa e escafederam outra vez. Perto de Santo Antonio do Mato Grosso toparam com uma bananeira e estavam morrendo de fome. Macunaíma falou prá princesa:

— Assobe, come as verdes que são boas e atira as amarelas pra mim.

Ela fez. O heroi se fartou enquanto a princesa dançava de colicas pra êle apreciar. Oibê já vinha chegando e êles desataram o punho da rede outra vez.

Depois de correrem mais legua e meia enfim chegaram num firme pontudo do Araguaia. Porêm a igarité estava abicada bem mais pra baixo na outra margem com Maanape Jiguê a linda Iriquí, todos êsses companheiros dormindo. Macunaíma olhou pra trás. Oibê quasi ali. Então botou o furabolo na guela pela última vez fez cosquinha e alojou a pacuera nagua. A pacuera virou num periantã muito fofo de ervas. Macunaíma botou a gaiola com geito no fofo, atirou a princesa lá e dando um arranco na margem com o pé afastou da praia o periantã que as aguas levaram. Oibê chegou mas os fugitivos iam longe. Então o minhocão que era um lobisomem famoso principiou tremelicando e ganindo muito foi encurtando encurtando tremelicando criou rabo e virou cachorro-do-mato. Escancarou a guela desencantada e saiu da barriga dele uma barboleta azul. Era alma de

homem prêsa no corpo do lobo por artes do Carrapatú medonho que para na gruta do Iporanga.

Macunaíma e a princesa brincando desciam a corrente do rio. Agora estão se rindo um pro outro.

Quando passaram rente da igarité os manos se acordaram com os gritos de Macunaíma e foram atrás. Iriquí ficou logo enciumada porquê o heroi não queria saber mais dela e só brincava com a princesa. E pra ver si reconquistava o heroi abriu num bué famoso. Jiguê teve logo muita pena dela e falou pra Macunaíma ir brincar com Iriqui um poucadinho. Jiguê era muito bobo. Mas o heroi que já andava impinimando com Iriquí secundou pra êle:

—Iriquí é muito relamboria, mano, mas a princesa, upa! Não dê credito pra Iriquí não! Oi que Sol de inverno chuva de verão chôro de mulher palavra de ladrão, eieiei... ninguem não cáia não!

E foi brincar com a princesa. Iriquí ficou triste triste, bem triste, chamou seis araras canindés e subiu com elas pro céu, chorando luz virada numa estrêla. As canindés amarelinhas tambem viraram estrêlas. E' o Setestrelo.

XVII

URARICOERA

No outro dia Macunaíma amanheceu com muita tosse e uma febrinha sem parada. Maanape desconfiou e foi fazer um cozimento de broto de abacate, imaginando que o heroi estava hetico. Em vez era impaludismo, e a tosse viera só por causa da laringite que toda a gente carrega de São Paulo. Agora Macunaíma passava as horas deitado de borco na proa da igarité e nunca mais que havia de sarar. Quando a princesa não podia mais e vinha pra brincarem o heroi até uma feita recusou suspirando:

— Ara... que preguiça...

No outro dia atingiram as cabeceiras dum rio e escutaram perto o ruidejar do Uraricoera. Era ali. Um passarinho serigaita trepado na munguba, enxergando o farrancho gritou logo:

— Sinhá dona do porto, dá caminho pra mim passar!

Macunaíma agradeceu feliz. De pé êle assuntava a paisagem passando. Veio vindo o forte São Joaquim erguido pelo mano do grande Marquês. Macunaíma deu um té-logo pro cabo e pro soldado

que só possuiam um naco esfarrapado de culote e o boné na cabeça e viviam guardando as saúvas dos canhões. Afinal ficou tudo conhecidissimo. Se enxergou o cerro manso que fôra mãi um dia, no lugar chamado Pai da Tocandeira, se enxergou o pauê trapacento malhado de vitórias-regias escondendo os puraquês e os pitiús e pra diante do bebedouro da anta se viu o roçado velho agora uma tiguera e a maloca velha agora uma tapera. Macunaíma chorou.

Abicaram e entraram na tapera. Vinha a boca-da-noite. Maanape com Jiguê resolveram fazer uma facheada pra pegarem algum peixe e a princesa foi ver si topava com algum arezí pra comerem. O heroi ficou descansando. Estava assim quando sentiu no ombro um pêso de mão. Virou a cara e olhou. Junto dele estava um velho de barba. O velho falou:

— Quem és tu, nobre estrangeiro?

— Não sou estranho não, conhecido. Sou Macunaíma o heroi e vim parar de novo na terra dos meus. Você quem é?

O velho afastou os mosquitos com amargura e secundou:

— Sou João Ramalho.

Então João Ramalho enfiou dois dedos na boca e assoviou. Apareceram a mulher dele e as quinze familias de escadinha. E lá partiram de mudança buscando pagos novos sem ninguem.

No outro dia bem cedinho foram todos trabu-

car. A princeza foi no roçado Maanape foi no mato e Jiguê foi no rio. Macunaíma se desculpou, subiu na montaria e deu uma chegadinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciencia deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? nem êle. Então o heroi pegou na consciencia dum hispanoamericano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma.

Passava uma piracema de jaraquís. Macunaíma agarrou pescando e distraido distraido quando viu estava em Obidos, a montaria cheínha de peixes frescos. Mas o heroi foi obrigado a atirar tudo fora porquê em Obidos "quem come jaraquí fica aqui" falam e êle tinha que voltar pro Uraricoera. Voltou e como era ainda o pino do dia deitou na sombra da ingazeira catou os carrapatos e dormiu. Tarde chegando todos voltaram prá tapera só Macunaíma não. Os outros sairam pra esperar. Jiguê se acocorou botando a orelha no chão pra ver si escutava o passinho do heroi, nada. Maanape trepou no grêlo duma inajá pra ver si enxergava o brilho dos brincos do heroi, nada. Então sairam por mato e capoeira gritando:

— Macunaíma, nosso mano!...

Nada. Jiguê chegou debaixo da ingazeira e gritou:

— Nosso mano!

— Que foi!

— Você, aposto que já estava dormindo!

— Dormindo nada, então! Estava mas era ne-

gaceando um inambu-guassú. Você fez bulha, nhambú escapoliu!

Voltaram. E assim todos os dias. Os manos andavam muito desconfiados. Macunaíma percebeu e disfarçou bem:

— Eu caço porêm não acho nada não. Jiguê nem caça nem pesca, passa o dia dormindo.

Jiguê teve raiva porquê peixe andava rareando e caça inda mais. Foi na praia do rio pra ver si pescava alguma coisa e topou com o feiticeiro Tzaló que tem uma perna só. O catimbozeiro possuia uma cabaça encantada feita com a metade duma casca de gerimum. Mergulhou a cabaça no rio, encheu de agua até o meio e despejou na praia. Caiu um desproposito de peixe. Jiguê reparou bem como que o feiticeiro fazia. Tzaló largou da cabaça por aí e principiou matando peixe com um porrete. Então Jiguê roubou a cabaça do feiticeiro Tzaló que tem uma perna só.

Mais pra diante fez que nem tinha reparado e veio muito peixe, veio pirandira veio pacú veio cascudo veio bagre jundiá tucunaré, todos êsses peixes e Jiguê voltou carregado prá tapera depois de esconder a cabaça na raiz do cipó. Todos ficaram sarapantados com aquele mundo de peixe e comeram bem. Macunaíma desconfiou.

No outro dia esperou com o ôlho esquerdo dormindo que Jiguê fosse pescar, saiu atrás. Descobriu tudo. Quando o mano foi-se embora Macunaíma largou da gaiola com os legornes no chão pegou

na cabaça escondida e fez que nem o mano. Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú gurijuba piramutaba mandú surubim, todos êsses peixes. Macunaíma atirou a cabaça por aí, na pressa de matar todos os peixes, cabaça caiu numa lapa e juque! mergulhou no rio. Passava a pirandira chamada Padzá. Imaginou que era abobra e enguliu a cabaça que virou na bexiga de Padzá. Então Macunaíma enfiou a gaiola no braço voltou prá tapera e contou o sucedido. Jiguê teve raiva.

— Cunhada princesa, eu que pesco, seu companheiro fica dormindo em baixo da ingazeira e inda atrapalha os outros!

— Mentira!

— Então o que você fez hoje?

— Cacei viado.

— Que-dele êle!

— Comi, uai! Fui andando por um caminho, vai, topei rasto dum... catingueiro não era não mas era mateiro. Me agachei e fui no rasto. Olhando olhando, sabe, dei uma cabeçada numa coisa mole, que engraçado! sabem o que era! pois a bunda do viado, gente! (Macunaíma deu uma grande gargalhada.) Viado perguntou pra mim: — Que está fazendo aí, parente!, — Te campeando! secundei. E vai, matei o catingueiro que comi com tripa e tudo. Vinha trazendo um naco pra vocês, vai, escorreguei atravessando o ipú, dei um tombo, naco foi parar longe e tanajura sujou nele.

A peta era tamanha que Maanape desconfiou. Maanape era feiticeiro. Chegou bem rente do mano e perguntou:

— Você foi na caça?

— Quer dizer... fui sim.

— O que você caçou?

— Viado.

— Qual!

Maanape fez um grande gesto. O heroi piscou de medo e confessou que tudo era lorota.

No outro dia Jiguê estava procurando a cabaça quando topou com o tatú-canastra feiticeiro chamado Caicãi que nunca teve mãi. Caicãi sentado na porta da toca puxou a violinha dele feita com a outra metade da abobra encantada e agarrou cantando assim:

> "Vôte vôte coandú!
> Vôte vôte cuatí!
> Vôte vôte taiassú!
> Vôte vôte pacarí!
> Vôte vôte cangussú!
> Êh!..."

Assim. Vieram muitas caças. Jiguê reparando. Caicãi atirou a violinha encantada por aí, pegou num porrete e foi matar todo aquele poder de caças que estavam feito bobas. Então Jiguê roubou a violinha do feiticeiro Caicãi que nunca teve mãi.

Mais pra diante cantou que nem tinha escuta-

do e veio um diluvio de caça parando na frente dele. Jiguê voltou carregado prá tapera depois de esconder a violinha na raiz de outro cipó. Todos tornaram a se espantar e comeram bem. Macunaíma tornou a desconfiar.

No outro dia esperou com o ôlho esquerdo dormindo que Jiguê partisse, foi atrás. Descobriu tudo. Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas graxains lontras mussuans catetos monos antas jaguatiricas tejús queixadas, isso era uma imundicie de caças! O heroi teve medo daquela bicharada tamanha e sahiu numa carreira mãi pinchando a violinha longe. A gaiola enfiada no braço dele ia batendo nos paus e o galo com a galinha faziam um cacarejo de ensurdecer. O heroi imaginava que era a bicharia e disparava mais.

A violinha caiu no dente dum queixada que tinha umbigo nas costas e se partiu em dez vezes dez pedaços que os bichos enguliram pensando que era gerimum. Os pedaços viraram nas bexigas das caças.

O heroi estourou tapera a dentro feito um desesperado botando os bofes pela boca. Nem bem poude respirar contou o sucedido. Jiguê teve odio e falou:

— Agora que não caço nem pesco mais!

E foi dormir. Todos principiaram curtindo fo-

me. Bem que pediam porêm Jiguê pulava na rede e fechava os olhos. O heroi jurou vingança. Fingiu um anzol com prêsa de sucurí e falou pro feitiço:

— Anzol de mentira, si mano Jiguê vier experimentar você, então entra na mão dele.

Jiguê não podia dormir de tanta fome e enxergando o anzol falou pro mano:

— Mano, êsse anzol é bom?

— Xispeteó! Macunaíma fez e continuou limpando a gaiola.

Jiguê decidiu ir numa pescaria porquê estava mesmo curtindo fome, falou:

— Deixa ver si anzol é bom.

Pegou no feitiço e experimentou na palma da mão. O dente de sucurí entrou na pele e despejou todo o veneno lá. Jiguê correu pro matinho e bem que mastigou e enguliu maniveira. Não valeu de nada. Então foi buscar uma cabeça de anhuma que fôra encostada em picada de cobra. Pôs na mão. Não valeu de nada. Veneno virou numa ferida leprosa e principiou comendo Jiguê. Primeiro comeu um braço depois metade do corpo depois as pernas depois a outra metade do corpo depois o outro braço depois o pescoço e a cabeça. Só ficou a sombra de Jiguê.

A princesa teve odio. E' que ela andava ultimamente brincando com Jiguê. Macunaíma bem que percebeu porêm imaginou: "Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguem se pri-

va, paciencia!..." E tinha encolhido os ombros. A princesa raivosa falou prá sombra:

— Quando o heroi for passear de fome você vira num cajueiro numa bananeira e num churrasco de viado.

A sombra era envenenada por causa da lepra e a princesa queria matar Macunaíma.

No outro dia o heroi acordou com tanta fome que foi espairecer passeando. Topou com um cajueiro cheio de frutas. Quis comer porêm presenciou que era a sombra leprosa e passou adiante. Legua e meia depois topou com um churrasco de viado fumegando. Já estava roxo de fome porêm pôs reparo que o churrasco era a sombra leprosa e passou adiante. Legua e meia depois topou com uma bananeira carregadinha de pencas maduras. Mas agora o heroi já estava que vinha vesgo de tanta fome. A vesgueira fez êle enxergar dum lado a sombra do mano e do outro a bananeira.

— Arre que posso comer! fez.

E devorou todas as pencas. E as bananas eram da sombra leprosa de mano Jiguê. Macunaíma ia morrer. Então se lembrou de passar a doença nos outros pra não morrer sozinho. Pegou numa formiga saúva e esfregou bem ela na ferida do nariz, formiga já foi gente que nem nós e a saúva ficou leprosa. Então o heroi agarrou a formiga jaguatací e fez o mesmo. Jaguatací ficou leprosa tambem. Então foi a vez da formiga aquêque devoradora de sementes e da formiga guiquem, da formiga tracuá

e da formiga mumbuca bem preta, todas ficaram leprosas. Não tinha mais formigas em redor do heroi sentado. Ele ficou com preguiça de estender o braço porquê já estava moribundo. Esperou a visita da saúde, criou fôrça e pegou no mosquito biriguí mordendo o joelho dele. Passou a doença no mosquito biriguí. Por isso que agora quando êsse mosquito morde a gente, entra na pele, atravessa o corpo e sai do outro lado enquanto o furinho de entrada vira na bereva medonha chamada chaga-de-Baurú.

Macunaíma tinha passado a lepra em sete outras gentes e ficou são no sufragante, voltando prá tapera. A sombra de Jiguê conferiu que o heroi era muito inteligente e quis voltar desesperada pra junto da familia. Era já de-noite e se confundindo com a escureza a sombra não achava mais o caminho perto. Sentou numa pedra e berrou:

— Foguinho, cunhada princesa!

A princesa coxeando muito porquê estava doente de zamparina veio com um tição alumiando caminho. A sombra enguliu o fogo e a cunhada. Berrou de novo:

— Foguinho, mano Maanape!

Maanape veio logo com outro tição alumiando caminho. E se arrastava molengo porquê barbeiro chupara sangue dele e Maanape estava opilado. A sombra enguliu fogo e mano Maanape. Berrou:

— Foguinho, mano Macunaíma!

Queria engulir o heroi tambem mas Macuna-

íma percebendo o que sucedera pro mano e prá companheira encostou a porta e ficou bem quieto na tapera. A sombra pedia foguinho pedia porêm não recebendo resposta se lastimou até madrugada. Então Capêi apareceu iluminando a terra e a leprosa poude chegar na tapera. Sentou na cangerana da soleira e esperou o dia pra se vingar do mano.

De-manhã inda estava acocorada alí. Macunaíma acordou e escutou. Não se ouvia nada e êle concluiu:

— Arre! Foi-se!

E saiu passear. Quando passou pela porta a sombra trepou no ombro dele. O heroi não maliciou nada. Estava padecendo de fome porêm a sombra não deixava êle comer. Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxí ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. Então Macunaíma foi pescar porquê agora não tinha mais ninguem que pescasse pra êle não. Mas cada peixe que tirava do anzol e jogava no paneiro, a sombra pulava do ombro, engulia o peixe e voltava pro poleiro outra vez. O heroi matutou: "Deixa estar que te arranjo!" Quando peixe pegou, Macunaíma fez um esfôrço heroico, deu um bruto dum arranco na vara de forma que o impulso fez o peixe ir parar lá na Guiana. A sombra correu atrás do peixe. Então Macunaíma gavionou mato fora no sentido oposto.

Quando a sombra voltou, não achando mais o mano disparou no rasto dele. Depois de correr um pouco, atravessar a terra dos indios tatús-brancos e pegar um susto tamanho que passou sem pedir licença entre a sombra de Jorge Velho e a sombra do Zumbi que estavam discutindo, o heroi fatigadissimo, olhou pra trás e viu que a sombra já vinha chegando. Estava na Paraíba e tão sem vontade de chispar que parou. Era por causa do heroi estar impaludado. Perto havia uns trabalhadores destruindo formigueiros pra construir um açude. Macunaíma pediu agua pra êles. Não tinha nem gota porêm deram raiz de umbú. O heroi matou a sêde dos legornes, agradeceu e gritou:

— Diabo leve quem trabalha!

Os trabalhadores estumaram a cachorrada no heroi. Isso mesmo que êle queria porquê teve medo e chispou bem. Na frente abria a estrada das boiadas. Macunaíma isso vinha que vinha acochado pela sombra, nem turtuveou: meteu pelo estradão. Mais adiante estava dormindo um boi malabar chamado Espacio que viera do Piauí. O heroi deu um trompaço nele de tanta furia. Isso o boi saiu numa galopada louca de susto e lá foi cego manadeiro abaixo. Então Macunaíma quebrou por uma picada sem geito e se amoitou por debaixo dum mucumúco. A sombra escutava a bulha do marruá galopeando e imaginou que era Macunaíma, foi atrás. Alcançou o boi e pra não perder a pernada fez poleiro no costado dele. E cantava satisfeita:

"Meu boi bonito,
Boi Alegria,
Dá um adeus
Pra toda a familia!

Ôh... êh bumba,
Folga meu boi!
Ôh... êh bumba,
Folga meu boi!"

Porêm nunca mais que o boi poude comer, a sombra engulia tudo antes do bicho. Então o marruá foi ficando jururú ficando jururú magruço e lerdo. Quando passou pelo rincão chamado Agua Doce perto de Guarapes, o boi mirou sarapantado bem no meio do areão a vista linda, um laranjal cheio de sombra com a galinhada ciscando por baixo. Era sinal de morte... A sombra desenganada cantava agora:

"Meu boi bonito,
Boi Desengano,
Dá um adeus,
Até para o ano!

Ôh... êh bumba,
Folga meu boi!
Ôh... êh bumba,
Folga meu boi!"

No outro dia o marruá estava morto. Foi esverdeando esverdeando... A sombra muito penarosa se consolava cantando assim:

"O meu boi morreu,
Que será de mim?
Manda buscar outro,
— Maninha,
Lá no Bom Jardim..."

E o Bom Jardim era uma estancia do Rio Grande do Sul. Então veio vindo uma giganta que gostava de brincar com o marruá. Viu o boi morto, chorou bem e quis levar o cadaver pra ela.
A sombra teve raiva e cantou:

"Arretira-te, giganta,
Que o caso está perigoso!
Quem se arretirou amante
Faz ação de generoso!"

A giganta agradeceu e foi-se embora dançando. Então passou por ali o individuo chamado Manuel da Lapa carregado de folha de cajueiro e de fruta de algodão. A sombra saudou o conhecido:

"Seu Manué que vem do Assú,
Seu Manué que vem do Assú,
Vem carregadinho de folha de cajú!

Seu Manué que vem do sertão,
Seu Manué que vem do sertão,
Vem carregadinho de rama de algodão!"

Manuel da Lapa ficou muito concho com a saudação e pra agradecer dançou um sapateado e cobriu o cadaver com a folha de cajú e a rama de algodão.

O velho já estava tirando a noite do buraco e a sombra toda confundida não via mais o boi debaixo dos flocos e da folhagem. Principiou dançando á procura dele. Um vagalume se admirou daquilo e cantou perguntando:

"Linda pastorinha
Que fazeis aqui?"

"Vim buscar meu gado,
— Maninha,
Que eu aqui perdi."

Foi como a sombra secundou cantado. Então o vagalume dançando voou do tronco pra baixo e mostrou o boi prá sombra. Ela trepou na barriga verde do morto e ficou chorando ali.

No outro dia o boi estava podre. Então vieram muitos urubús, veio o urubú-camiranga o urubú-jeregua o urubutinga que só come olhos e lingua, todos êsses cabeças-peladas e principiaram dan-

çando de contentes. O mais grande puxava a dança cantando:

"Urubú é passo feio feio feio!
Urubú é passo limpo limpo limpo!"

E era o urubú-ruxama, urubú rei, o Pai do Urubú. Então mandou um urubuzinho piá entrar dentro do boi pra ver si já estava bem podre. O urubuzinho fez. Entrou por uma porta e saiu por outra dizendo que sim e todos fizeram a festa juntos dançando e cantando:

"Meu boi bonito,
Boi Zebedeu,
Corvo avoando,
Boi que morreu.

Ôh... êh bumba,
Folga meu boi!
Ôh... êh bumba,
Folga meu boi!"

E foi assim que inventaram a festa famanada do Bumba-meu-Boi, tambem conhecida por Boi-Bumbá.

A sombra teve raiva de estarem comendo o boi dela e pulou no ombro do urubú-ruxama. O Pai do Urubú ficou muito satisfeito e gritou:

— Achei companhia pra minha cabeça, gente!
E voou prá altura. Desde êsse dia o urubú-ruxama que é o Pai do Urubú possui duas cabeças. A sombra leprosa é a cabeça da esquerda. De primeiro o urubú-rei tinha só uma cabeça.

XVIII

URSA MAIOR

Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porquê não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem chôro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubú-ruxama e nem siquer a gente encontrava cunhãs por ali. O silêncio principiava cochilando a beira-rio do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!... que preguiça!...

Macunaíma foi obrigado a abandonar a tapera cuja última parede trançada com palha de catolé estava caindo. Mas o impaludismo não lhe dava coragem nem pra construir um papirí. Trouxera a rede pro alto dum teso onde tinha uma pedra com dinheiro enterrado por debaixo. Amarrou a rede nos dois cajueiros frondejando e não saiu mais dela por muitos dias dormindo caceteado e comendo cajús. Que solidão! O proprio sequito sarapintado se dissolvera. Não vê que um ajurú-catinga passara muito afobado por ali. Os papagaios perguntaram pro parente onde que ia.

— Madurou milho na terra dos ingleses, vou pra lá!

Então todos os papagaios foram comer milho na terra dos ingleses. Porêm primeiro viraram periquitos porquê assim, comiam e os periquitos levavam a fama. Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensamenteando: "O mal ganhado, diabo leva... paciencia." Passava os dias enfarado e se distraia fazendo o passaro repetir na fala da tribu os casos que tinham sucedido pro heroi desde infancia. Aaah... Macunaíma bocejava escorrendo cajú, muito mole na rede, com as mãos pra trás fazendo cabeceiro, o casal de legornes empoleirado nos pés e o papagaio na barriga. Vinha a noite. Aromado pelas frutas dos cajueiros o heroi ferrava no sono bem. Quando a arraiada vinha o papagaio tirava o bico da asa e tomava o café da manhã devorando as aranhas que de-noite fiavam as teias dos ramos pro corpo do heroi. Depois falava:

— Macunaíma!

O dorminhoco nem se mexia.

— Macunaíma! ôh Macunaíma!

— Deixa a gente dormir, aruaí...

— Acorda, heroi! E' de-dia!

— Ah... que preguiça!...

— Pouca saúde e muita saúva,
Os males do Brasil são!...

Macunaíma dava uma grande gargalhada e coçava a cabeça cheia de pixilinga que é piolho-de-galinha. Então o papagaio repetia o caso aprendido na véspera e Macunaíma se orgulhava de tan-

tas glórias passadas. Dava entusiasmo nele e se punha contando pro aruaí outro caso mais pansudo. E assim todos os dias.

Quando a Papaceia que é a estrêla Vesper aparecia falando prás coisas irem dormir, o papagaio zangava por causa da história parando no meio. Uma feita êle insultou a estrêla Papaceia. Então Macunaíma contou:

— Não insulta èla não, aruaí! Taína-Cã é bom. Taína-Cã que é a estrêla Papaceia tem pena da Terra e manda Emoron-Pódole dar o sossêgo do sono dêste mundo pra todas essas coisas que podem ter sossêgo porquê não possuem pensamento que nem nós. Taína-Cã é individuo tambem... Relumeava lá no campo vasto do céu e a filha mais velha do morubixaba Zozoiaça da tribu carajá, solteirona chamada Imaerô falou assim:

— Pai, Taína-Cã relumeia tão bonito que eu quero me amulherar com êle.

Zozoiaça riu bem por causa que não podia dar Taína-Cã de casamento prá filha velha não. Vai, de-noite veio descendo o rio uma piroga de prata, um remeiro saltou dela, bateu no poial e falou pra Imaerô:

— Eu sou Taína-Cã. Escutei vosso pedido e vim numa piroga de prata. Casa comigo por favor!

— Sim, ela fez contentissima.

Deu a rede pro noivo e foi dormir com a mana mais nova se chamando Denaquê.

No outro dia quando Taína-Cã pulou da rede todos se sarapantaram. Era um coroca enrugado enrugado, tremelicando tanto feito a luz da estrêla Papaceia. Vai, Imaerô falou:

— Cai fora, coroca! Vê lá si vou casar com velho! Pra mim ha-de ser um moço mui brabo mucudo e de nação carajá!

Taína-Cã ficou jururú jururú e principiou imaginando na injustiça dos homens. Porêm a filha mais nova do morubixaba Zozoiaça teve pena do coroca e falou:

— Eu caso com você.

Taína-Cã brilhou de gôso. Ficaram ajustados. Denaquê preparando o enxoval cantava noite e dia:

— Amanhã por estas horas, furrum-fum-fum...

Zozoiaça respondia:

— Eu tambem com vossa mãi, furrum-fum-fum...

Depois que se acabaram os dedos das vossas mãos, papagaio, que são de espera pra noivo, na rede trançada por Denaquê se brincou dança de amor, furrum-fum-fum.

Nem bem o dia estava rompendo a barra, Taína-Cã pulou da rede e falou prá companheira:

— Vou derrubar mato pra fazer roçado. Agora você fica no mocambo e nunca não vai na roça me espiar.

— Sim, ela fez.

E ficou na rede, matutando gosada naquele velhinho esquisito que dera pra ela a noite mais gostosa de amor que a gente imagina.

Taína-Cã derrubou mato, botou fogo em todos os macurús de formiga e preparou a terra. Naquele tempo inda a nação carajá não conhecia as plantas boas. Era só peixe e bicho que carajá comia.

Na outra madrugada Taína-Cã falou prá companheira que ia buscar sementes pra semear e repetiu a proibição. Denaquê ficou deitada na rede inda um bocado, matutando nas gostosuras valentes das noites de amor que o bom do coroca dava pra ela. E foi fiar.

Taína-Cã deu uma chegada até o corgo Berô, fez oração e botando uma perna em cada barreira do corgo esperou assuntando a agua. D'aí a pouco vieram vindo no pêlo da aguinha as sementes do milho cururuca, o fumo, a maniveira, todas essas plantas boas. Taína-Cã apanhou o que passava e foi no roçado plantar. Estava trabucando na Sol quando Denaquê apareceu. Era por causa que ela de sodosa quis ver o companheiro dando gostosuras tão valentes pra ela nas noites de amor. Denaquê deu um grito de alegria. Taína-Cã não era coroca não! Taína-Cã era mas um rapaz muito brabo mucudo e de nação carajá. Fizeram um macio de fumo e de maniva e brincaram pulado na Sol.

Quando voltaram pro mocambo muito se rindo um pro outro, Imaerô ficou tiririca. Gritou:

— Taína-Cã é meu! Foi pra mim que êle veio do céu!

— Sai azar! que Taína-Cã falou. Quando eu quis você não quis, pois agora brinque-se!

E trepou na rede com Denaquê. Imaerô desinfeliz suspirou assim:

— Deixe estar jacaré, que a lagoa ha-de secar!...

E saiu gritando pelo mato. Virou na ave araponga que grita amarelo de inveja no quirirí do mato diurno.

Desde então por causa da bondade de Taína-Cã é que carajá come mandioca e milho e possui fumo pra se animar.

Tem mais não."

O papagaio dormia.

Uma feita janeiro chegado Macunaíma acordou tarde com o pio agourento do tincuã. No entanto era dia feito e a cerração já entrara pro buraco... O heroi tremeu e apalpou o feitiço que trazia no pescoço, um ossinho de piá morto pagão. Procurou o aruaí, desaparecera. Só o galo com a galinha brigando por causa duma aranha derradeira. Fazia um calorão parado tão imenso que se escutava o sininho de vidro dos gafanhotos. Vei, a Sol, escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, virada em mão de moça. Era malvadeza da vingarenta só por causa do heroi não ter se amulherado com uma das filhas da luz. A mão de moça vinha e escorregava tão de manso

tão! no corpo... Que vontade nos musculos pela primeira vez espetados depois de tanto tempo! Macunaíma se lembrou que fazia muito não brincava. Agua fria diz que é bom pra espantar as vontades... O heroi escorregou da rede, tirou a penugem de teia vestindo todo o corpo dele e descendo até o vale de Lagrimas foi tomar banho num sacado perto que os repiquetes do tempo-das-aguas tinham virado num lagoão.

Macunaíma depôs com delicadeza os legornes na praia e se chegou prá agua. A lagoa estava toda coberta de oiro e prata e descobriu o rosto deixando ver o que tinha no fundo. E Macunaíma enxergou lá no fundo uma cunhã lindissima, alvinha e padeceu de mais vontade. E a cunhã lindissima era a Uiara.

Vinha chegando assim como quem não quer, com muitas danças, piscava pro heroi, parecia que dizia — "Cai fora, seu nhonhô moço!" e fastava com muitas danças assim como quem não quer. Deu uma vontade no heroi tão imensa que alargou o corpo dele e a boca humideceu:

— Maní!...

Macunaíma queria a dona. Botava o dedão nagua e num atimo a lagoa tornava a cobrir o rosto com as teias de ouro e prata. Macunaíma sentia o frio da agua, retirava o dedão.

Foi assim muitas vezes. Se aproximava o pino do dia e Vei estava zangadissima. Torcia pra Macunaíma cair nos braços traiçoeiros da moça do

lagoão e o heroi tinha medo do frio. Vei sabia que a moça não era moça não, era a Uiara. E a Uiara vinha chegando outra feita com muitas danças. Que boniteza que ela era!... Morena e coradinha que nem a cara do dia e feito o dia que vive cercado de noite, ela enrolava a cara nos cabelos curtos negros negros como as asas da graúna. Tinha no perfil duro um narizinho tão mimoso que nem servia pra respirar. Porêm como ela só se mostrava de frente e fastava sem virar Macunaíma não via o buraco no cangote por onde a perfida respirava. E o heroi indeciso, vai-não-vai. Sol teve raiva. Pegou num rabo-de-tatú de calorão e guascou o lombo do heroi. A dona ali, diz-que abrindo os braços mostrando a graça fechando os olhos molenga. Macunaíma sentiu fogo no espinhaço, estremeceu, fez pontaria, se jogou feito em cima dela, juque! Vei chorou de vitória. As lagrimas caíram na lagoa num chuveiro de ouro e de ouro. Era o pino do dia.

Quando Macunaíma voltou na praia se percebia que brigara muito lá no fundo. Ficou de bruços um tempão com a vida dependurada nos respiros fatigados. Estava sangrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedões sem os cocos-da-Baía sem orelhas sem nariz sem nenhum dos seus tezouros. Afinal poude se erguer. Quando deu tento das perdas teve odio de Vei. A galinha cacarejava deixando um ovo na praia. Macunaíma pegou nele e chimpou-o no carão feliz

da Sol. O ovo esborrachou bem nas bochechas dela que sujou-se de amarelo pra todo o sempre. Entardecia.

Macunaíma sentou numa lapa que já fôra jaboti nos tempos de dantes e andou contando os tezouros perdidos em baixo dagua. E eram muitos, era uma perna os dedões, eram os cocos-da-Baía, eram as orelhas os dois brincos feitos com a máquina pathek e a máquina smith-wesson, o nariz, todos êsses tezouros... O heroi pulou dando um grito que encurtou o tamanho do dia. As piranhas tinham comido tambem o beiço dele e a muiraquitã! Ficou feito louco.

Arrancou uma montanha de timbó de assacú de tinguí de cunambí, todas essas plantas e envenenou pra sempre o lagoão. Todos os peixes morreram e ficaram boiando com a barriga pra cima, barrigas azuis barrigas amarelas barrigas rosadas, todas as barrigas sarapintando a face da lagoa. Era de-tardinha.

Então Macunaíma destripou todos êsses peixes, todas as piranhas e todos os botos, caqueando a muiraquitã nas barrigadas. Foi uma sangueira mãi escorrendo sobre a terra e tudo ficou tinto de sangue. Era a boca-da-noite.

Macunaíma campeava campeava. Achou os dois brincos achou os dedões achou as orelhas os nuquiirís o nariz, todos êsses tezouros e prendeu todos nos lugares deles com sapé e cola de peixe. Porêm a perna e a muiraquitã não achou não. Ti-

nham sido engulidos pelo monstro Ururau que não morre com timbó nem pau. O sangue coalhara negro cobrindo a praia e o lagoão. E era de-noite.

Macunaíma campeava campeava. Soltava gritos de lamentação encurtando com a bulha o tamanho da bicharada. Nada. O heroi varava o campo, saltando na perna só. Gritava:

— Lembrança! Lembrança da minha marvada! não vejo nem ela nem você nem nada!

E pulava mais. As lagrimas pingavam dos olhinhos azuis dele sobre as florzinhas brancas do campo. As florzinhas tingiram de azul e foram os miosotis. O heroi não podia mais, parou. Cruzou os braços num desespêro tão heroico que tudo se alargou no espaço pra conter o silêncio daquele penar. Só um mosquitinho raquitiquinho infernisava inda mais a disgra do heroi, zumbindo fininho: "Vim di Minas... vim di Minas..."

Então Macunaíma não achou mais graça nesta terra. Capêi bem nova relumeava lá na gupiara do céu. Macunaíma scismou inda meio indeciso, sem saber si ia morar no céu ou na ilha de Marajó. Um momento pensou mesmo em morar na cidade da Pedra com o energico Delmiro Gouveia, porêm lhe faltou ânimo. Pra viver lá, assim como tinha vivido era impossivel. Até era por causa disso mesmo que não achava mais graça na Terra... Tudo o que fôra a existencia dele apesar de tantos casos tanta brincadeira tanta ilusão tanto sofrimento tanto heroismo, afinal não fôra sinão um

se deixar viver; e pra parar na cidade do Delmiro ou na ilha de Marajó que são desta Terra carecia de ter um sentido. E êle não tinha coragem pra uma organisação. Decidiu:

— Qual o quê!... Quando urubú está de caipora o de baixo caga no de cima, êste mundo não tem geito mais e vou pro céu.

Ia pro céu viver com a marvada. Ia ser o brilho bonito mas inutil porêm de mais uma constelação. Não fazia mal que fosse brilho inutil não, pelo menos era o mesmo de todos êsses parentes, de todos os pais dos vivos da sua terra, mãis pais manos cunhãs cunhadas cunhatãs, todos êsses conhecidos que vivem agora do brilho inutil das estrêlas.

Plantou uma semente do cipó matamatá, filho-da-luna e enquanto o cipó crescia agarrou numa itá pontuda e escreveu na lage que já fôra jabotí num tempo muito de dantes:

NÃO VIM NO MUNDO PARA SER PEDRA

A planta já tinha crescido e se agarrava numa ponta de Capêi. O heroi capenga enfiou a gaiola dos legornes no braço e foi subindo pro céu. Cantava triste:

— "Vamos dar a despedida,
— Taperá,
Talequal o passarinho,

— Taperá,
Bateu asa foi-se embora,
— Taperá,
Deixou a pena no ninho.
— Taperá..."

Lá chegado bateu na maloca de Capêi. A Lua desceu no terreiro e perguntou:

— Quê que quer, saci?

— Abenção minha madrinha, me dá pão com farinha?

Então Capêi reparou que não era saci não, era Macunaíma o heroi. Mas não quis dar pensão pra êle, se lembrando do fedor antigo do heroi. Macunaíma enfezou. Deu uma porção de munhecaços na cara da Lua. Por isso que ela tem aquelas manchas escuras na cara.

Então Macunaíma foi bater na casa de Caiuanogue, a estrêla-da-manhã. Caiuanogue apareceu na janelinha pra ver quem era e confundida pelo negrume da noite e a capenguice do heroi, perguntou:

— Que é que quer, saci?

Mas logo pôs reparo que era Macunaíma o heroi e nem esperou resposta se lembrando que êle cheirava muito fedido.

— Vá tomar banho! falou fechando a janelinha.

Macunaíma tornou a enfezar e gritou:

— Vem prá rua, cafageste!

Caiuanogue raspou um susto enorme e ficou tremendo espiando pelo buraco da fechadura. Por isso que a bonita da estrelinha é tão pecurrucha e tremelica tanto.

Então Macunaíma foi bater na casa de Pauí-Pódole, o Pai do Mutum. Pauí-Pódole gostava muito dele porquê Macunaíma o defendera daquele mulato da maior mulataria na festa do Cruzeiro. Mas exclamou:

— Ah, heroi, tarde piaste! Era uma honra grande pra mim receber no meu mosqueiro um descendente de jabotí, raça primeira de todas... No princípio era só o Jabotí Grande que existia na vida... Foi êle que no silêncio da noite tirou da barriga um individuo e sua cunhã. Estes foram os primeiros fulanos vivos e as primeiras gentes da vossa tribu... Depois, que os outros vieram. Chegaste tarde, heroi! Já somos em doze e com você a gente ficava treze na mesa. Sinto muito mas chorar não posso!

— Que pena, sinh'Helena! que o heroi exclamou.

Então Pauí-Pódole teve dó de Macunaíma. Fez uma feitiçaria. Agarrou tres pausinhos jogou pro alto fez encruzilhada e virou Macunaíma com todo o estenderete dele, galo galinha gaiola revolver relogio, numa constelação nova. E' a constelação da Ursa Maior.

Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da

Ursa Maior que ela é o saci... Não é não! Sací inda para neste mundo espalhando fogueira e trançando crina de bagual... A Ursa Maior é Macunaíma. E' mesmo o heroi capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitario no campo vasto do céu.

EPÍLOGO

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguem lá. Dera tangolomangolo na tribu Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguem lá. Aqueles lugares aqueles campos furos platós aqueles matos misteriosos, tudo era a solidão do deserto. Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera.

Nenhum conhecido sobre a Terra não sabia nem falar na fala da tribu nem contar aqueles casos tão pansudos. Quem que podia saber do heroi? Agora os manos virados na sombra leprosa eram a segunda cabeça do Pai do Urubú e Macunaíma era a constelação da Ursa Maior. Ninguem jamais não podia saber tanta história bonita e a fala da tribu acabada. Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera.

Uma feita um homem foi lá. Era madrugadinha e Vei mandara as filhas visar o passe das estrêlas. O deserto tamanho matava os peixes e os

passarinhos de pavor e a propria natureza desmaiara e caíra num gesto largado por aí. A mudez era tão imensa que espichava o tamanhão dos paus no espaço. De repente no peito doendo do homem caiu uma voz da ramaria:

— Currr-pac, papac! currr-pac, papac!...

O homem ficou frio de susto feito piá. Então veio brisando um guanumbí e boleboliu no beiço do homem:

— Bilo, bilo, bilo, lá... tetea!

E subiu apressado prás árvores. O homem seguindo o vôo do guanumbí, olhou pra cima.

— Puxa rama, boi! o beijaflor se riu. E escafedeu.

Então o homem descobriu na ramaria um papagaio verde de bico doirado espiando pra êle. Falou:

— Dá o pé, papagaio.

O papagaio veio pousar na cabeça do homem e os dois se acompanheiraram. Então o passaro principiou falando numa fala mansa, muito nova, muito! que era canto e que era cachirí com mel-de-pau, que era boa e possuia a traição das frutas desconhecidas do mato.

A tribu se acabara, a familia virara sombras, a maloca ruira minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porêm ficara o aruaí do sequito daqueles tempos de dantes em que o heroi fôra o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimen-

to os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do heroi.

Tudo êle contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, heroi de nossa gente.

Tem mais não.

FIM

Dezembro de 1926
a
Janeiro de 1927

– INDICE –

I — Macunaíma 7

II — Maioridade 17

III — Ci, Mãi do Mato 29

IV — Boiúna Luna 39

V — Piaimã 53

VI — A Francesa e o Gigante 71

VII — Macumba 85

VIII — Vei, a Sol 101

IX — Carta prás Icamiabas 113

X — Pauí-Pódole 135

XI — As tres Normalistas 147

XII — A velha Ceiucí 167

XIII — Tequeteque, Chupinzão e a Injustiça dos Homens 181

XIV — A Piolhenta do Jiguê 195

XV — Muiraquitã 209

XVI — A Pacuera de Oibê 227

XVII — Uraricoera 245

XVIII — Ursa Maior 265

Epílogo 281

ESTA EDIÇÃO DE OI-
TOCENTOS EXEMPLA-
RES DE MACUNAÍMA
SE TERMINOU AOS
VINTE E SEIS DE JU-
LHO DE MIL NOVE-
CENTOS E VINTE OI-
TO, NAS OFICINAS
GRAFICAS DE EU-
GENIO CUPOLO, LA-
DEIRA DE SANTA
IFIGENIA VINTE
UM, EM SÃO PAULO